



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lida pelo
Ministro da Justiça, Tarso Genro, por ocasião da abertura do Ano
Judiciário**

Brasília, 02 de fevereiro de 2009

A abertura do Ano Judiciário de 2009 é uma grande oportunidade para que todos relembremos o amadurecimento da democracia no Brasil. E, sobretudo, para que renovemos o nosso compromisso de trabalhar pela construção de uma sociedade cada vez mais justa, igualitária e com oportunidades para todos.

Vivemos, felizmente, uma época marcada pela solidez de nossas instituições democráticas. As duas décadas de existência de nossa Constituição Federal de 1988, comemoradas há poucos meses, combinam com aquele que é talvez o maior período de normalidade institucional em nosso país.

Esta normalidade só é possível graças à harmonia e à independência que marcam as relações entre os três Poderes da República: Executivo, Legislativo e Judiciário. E fornece aos brasileiros o ambiente oportuno para o exercício de sua cidadania e para a luta em defesa de seus direitos.

Neste sentido, é muito importante destacar os esforços que o Judiciário vem empreendendo no sentido de se tornar cada vez mais ágil e eficiente – e, sobretudo, ainda mais próximo das comunidades e mais acessível a todos os cidadãos.

Trata-se de um grande esforço conjunto, que teve início na aprovação da Emenda Constitucional nº 45, reforçado em dezembro 2004, com a assinatura do Pacto de Estado em Favor de um Judiciário mais Rápido e Republicano. Tal documento – assinado por mim e pelos presidentes do Judiciário e do Legislativo – serviu de guia para uma série de iniciativas



efetuadas deste então.

Em um espaço de quatro anos, os esforços simbolizados pelo Pacto resultaram, por exemplo, na aprovação de 18 Projetos de Lei, regulamentadores das diretrizes da Emenda Constitucional da Reforma do Judiciário. E possibilitaram a criação dos Conselhos Nacionais da Justiça e do Ministério Público, além de vários outros avanços com um profundo caráter republicano e democratizante.

A grande verdade é que, com o Pacto firmado em 2004, os Poderes da República fortaleceram sua união em torno do bem comum da população brasileira, sem que com isso perdessem sua independência. E é exatamente por tal motivo que estamos todos novamente empenhados em prosseguir nesse diálogo.

Estou certo de que nossos esforços conjuntos na realização de um Segundo Pacto resultarão em grandes conquistas para toda a população brasileira.

Por isso, louvo o grande empenho do Supremo Tribunal Federal, da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e do Ministério da Justiça, por meio da Secretaria de Reforma do Judiciário, que, juntos, estão conduzindo um diálogo produtivo e respeitoso com o objetivo de elaborar o novo documento.

O Segundo Pacto definirá os principais projetos de lei a serem priorizados para continuarmos aperfeiçoando o sistema normativo brasileiro e dotando a Justiça de mais agilidade e efetividade. Também dará destaque à cooperação em políticas públicas voltadas à concretização dos direitos fundamentais e ao aprimoramento dos serviços prestados à sociedade.

Quero, portanto, desejar a todas as senhoras e a todos os senhores um bom e produtivo ano de trabalho. E quero, especialmente, compartilhar com todos a certeza de que juntos poderemos continuar avançando, para que todos os brasileiros e brasileiras possam exercer de maneira cada vez mais efetiva o direito fundamental do acesso à Justiça.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$212)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de recursos do FNHIS, do Pronasci, da ampliação do Programa Saúde da Família e inauguração do Cetep da comunidade Santa Marta

Rio de Janeiro-RJ, 03 de fevereiro de 2009

Primeiro, quero cumprimentar o nosso querido governador Sérgio Cabral e sua esposa,

Quero cumprimentar os ministros Tarso Genro, José Temporão, Orlando Silva e Márcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do estado,

Quero cumprimentar o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o deputado federal Fernando Lopes,

Quero cumprimentar a esposa do prefeito, Cristine Paes,

A nossa querida companheira Benedita da Silva, secretária estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, e por meio dela, eu quero cumprimentar todos os secretários aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro José Domingos, da Caixa Econômica Federal,

O Celso Pansera, presidente da Fundação de Apoio à Escola Técnica,

O José Mário Hilário dos Santos, presidente da Associação de Moradores do Morro Santa Marta,

O Luís Otávio, presidente do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mocidade Unida do Santa Marta,

Quero cumprimentar os companheiros moradores de Santa Marta,



Dê-me este microfone aqui. Bem, primeiro eu queria dizer, Sérgio, sobre a questão da Priscila, você falou dela aqui e trouxe ela aqui para apresentar. Primeiro, eu acho que é um dado significativo extraordinário a gente ter uma mulher; além de ser mulher, uma mulher negra; além de ser mulher e negra, uma mulher que foi vítima de violências absurdas, e em nenhum momento esta mulher fez com que tudo o que ela sofreu fizesse com que ela parasse a sua profissão e a sua atividade. E você acaba de anunciar que, além de ela comandar a polícia aqui no Morro de Santa Marta, este Morro está agora sendo um exemplo de como é possível pacificar a violência nos morros do Rio de Janeiro. Eu espero que o que você fez aqui no Santa Marta sirva de exemplo para outros lugares do Rio e do Brasil inteiro. Portanto, Priscila, meus parabéns.

É motivo de muito orgulho saber que as mulheres estão cada vez mais ocupando os espaços que elas merecem no mundo do trabalho, nas atividades mais complicadas da vida humana. Não existe mais aquele negócio de profissão de homem ou profissão de mulher. Hoje trabalha quem tem competência, quem tem capacidade e, em muitas coisas as mulheres têm demonstrado até mais capacidade do que os homens, sobretudo nas doenças. O homem, quando fica com gripe, o “bicho” fica deitado, gemendo, não quer ir trabalhar. Eu nunca vi uma mulher, pelo menos a minha, com quem eu sou casado há 35 anos, deixar de se levantar e fazer as coisas para os filhos por causa de uma gripe. Nunca vi. Eu, se puder tomar uma vitamina C e cama, eu vou, mas a Marisa não vai.

Então, eu queria, Priscila, dizer do meu reconhecimento do seu ato de heroísmo. Mas, muito mais do que heroísmo, da seriedade com que você encara uma tarefa que lhe foi dada pelo nosso Secretário de Segurança e pelo nosso Governador. Espero que você tenha todo o sucesso do mundo e que possa ser, quem sabe, uma esperança para o povo brasileiro e, sobretudo, para a polícia brasileira, de como é possível a gente cuidar de acabar com o



narcotráfico e com o crime organizado utilizando muito mais a inteligência do que a força, não cometendo nenhuma discriminação, e eu acho que nós vamos melhorando o Brasil. Portanto, parabéns, Governador, parabéns, Secretário de Segurança e parabéns, Priscila. Você só tome cuidado para não ficar mais famosa do que o Governador, o Presidente, o Prefeito ou o Secretário de Segurança, porque aí o seu emprego corre risco seriíssimo.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que eu não me lembro há quanto tempo os morros do Rio de Janeiro não recebiam um prefeito, um governador, um presidente da República, um secretário de segurança, tantos secretários estaduais, tantos secretários municipais, a mulher do Governador, a mulher do Prefeito. Se eles achassem que é perigoso, não teriam trazido as duas mulheres aqui. Há muito tempo isso não acontecia porque o que a gente via nos jornais, e essa era uma das coisas que eu dizia sempre ao companheiro Sérgio Cabral, é que nós precisamos tirar o Rio de Janeiro das páginas de jornais do Brasil – das páginas policiais, das páginas do crime, das páginas da violência. Porque às vezes parece que chega quase à insanidade o destaque que dão para um crime no Rio de Janeiro e que, muitas vezes, não dão a crimes em outros estados. O Rio é um estado importante, o Rio é politicamente importante, do ponto de vista cultural é importante, econômico é importante. Eu, às vezes, fico pensando que o Rio de Janeiro não deve ter mais violência do que qualquer outro estado da Federação, mas aqui tudo ganha uma dimensão tão grande que as pessoas até se assustam de vir ao Rio de Janeiro.

O que está acontecendo aqui no Santa Marta é a demonstração de que a gente pode fazer isso em todos os lugares. Mas não é apenas a presença da polícia que é muito importante. Se colocar apenas a polícia aqui e não vier saúde, não vier escola, não vier cultura, não vier emprego, a violência volta e até a polícia vai embora. Ou seja, é preciso que tenha a presença do Estado



aqui dentro. A presença do Estado trazendo todos os benefícios que as pessoas têm direito, que estão contidas na Constituição brasileira.

Por isso, eu acho que esse é um dia extraordinário. Extraordinário porque a imprensa está de camarote, nós aqui no pesado e a imprensa aí no camarote, muito mais confortáveis que nós ali, olha. Nunca mais vão poder reclamar que não foram bem tratados em um ato público aqui, porque estão ali, de cima, olhando para nós aqui embaixo.

Mas é importante que a imprensa registre o que está acontecendo aqui hoje. Ou seja, aqui, hoje, era para entregar 11 casas das tantas que vocês já entregaram e outras que vão entregar. Mas lamentavelmente, parece que o meu cerimonial, por uma questão de tempo, achou que não deveria entregar casa, que era a coisa principal que a gente deveria fazer aqui. Mas não tem problema, já foram entregues três casas, tem mais oito ou nove para ser entregues, e depois tem mais casas.

A segunda coisa que eu acho importante é que a Associação de Moradores já não está mais apenas no auditório, batendo palmas, ela está aqui no palanque, falando aquilo que é a linguagem da comunidade.

A terceira coisa importante é que parte do dinheiro que nós estamos aplicando aqui é um dinheiro do FNHIS, que é o Fundo Nacional de Habitação Social, que é um fundo que foi criado pelo movimento social brasileiro. Foram os Sem Teto do Brasil inteiro que colheram 1 milhão e 300 mil assinaturas, deram entrada no primeiro projeto de lei de iniciativa popular, previsto na Constituição de 88. Demorou 13 anos para ser aprovado, mas foi aprovado, e este ano nós já estamos aplicando o dinheiro que foi conquista da própria sociedade. Quanto é que tem o FNHIS, Marcio? O FNHIS ao todo, nacional? São R\$ 4 bilhões para que a gente possa fazer casas de interesse social.

Mas o que é importante é que vocês viram o Sérgio Cabral falar de Pronasci. A palavra Pronasci, ela, por si só, em um primeiro momento, parece uma sigla estrangeira, em inglês, mas o Pronasci é o mais importante



programa de segurança pública que já foi pensado neste país, porque ele não pensa apenas na polícia entrar atirando no morro, o Pronasci pensa na escola, o Pronasci pensa no esporte, o Pronasci pensa na formação de profissional. Nós já temos 90 mil policiais no Brasil recebendo R\$ 400,00 de bolsa de estudos para estudarem pelo Pronasci – eu não sei aqui quantos tem. Mas é um conjunto de obras... Vinte mil soldados estão recebendo R\$ 400,00 de bolsa de estudos para se aperfeiçoarem, para se formarem. Porque a polícia precisa de revólver, sim, de cassetete, sim, mas sobretudo precisa ganhar um salário para viver com dignidade e ter uma formação para ter uma inteligência acima dos ladrões. É para isso que nós queremos uma polícia bem formada.

Mas, mais importante ainda – e eu quero terminar com isso aqui, porque a fome chegou – dizer para vocês o seguinte: olhem, o Rio de Janeiro, e eu quero que vocês marquem o que eu estou falando, quando chegar lá pelo mês de dezembro de 2010, eu estarei encerrando a minha carreira de Presidente da República. Mas eu quero vir ao Rio de Janeiro, porque eu estou convencido de que ao terminar o meu segundo mandato, o Sérgio Cabral terminar o primeiro mandato dele e o Paes estiver com dois anos de mandato, eu quero dizer para vocês que a cara do Rio de Janeiro estará mudada.

O que nós estamos fazendo em alguns lugares importantes, que a gente só ouvia falar nas páginas policiais, ou na hora do crime na televisão, não apenas Santa Marta, que era um dos mais pacíficos, mas o Complexo do Alemão, Manguinhos, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, os investimentos que nós estamos fazendo nessa área não são investimentos, como diz a gíria popular, “meia-boca”, não é um investimento para pintar guias, sarjeta ou meio-fio, como diz o carioca, ou seja, é investimento para mudar a cara do lugar em que nós estamos fazendo as obras. As pessoas vão ter acesso a cultura, vão ter acesso a biblioteca, vão ter acesso a formação profissional. As pessoas vão ter acesso a moradia decente, a água encanada, a tratamento de esgoto, a escola de qualidade para as crianças.



Nós fomos agora inaugurar uma escola estadual do governo do Rio de Janeiro lá em Mangueinhos. Uma escola que ele deu o nome de um compositor, Luiz Carlos da Vila. É um prédio que se a rainha da Inglaterra ver, ela vai pensar que é uma escola em Londres. Porque aqui, no Brasil, tudo que é bonito é dos ricos, aos pobres é destinada apenas a sobra, aquilo que restou. Uma rua... Sérgio, você vai ver, você é muito jovem ainda, mas uma rua, o pobre ocupa o mangue, aterra o mangue, começa a fazer a sua casa. Daqui a pouco, uma empresa imobiliária descobre aquele terreno, vai lá, vai na Justiça, começa a brigar, tira o pobre, vende o terreno, faz casa chique e o pobre vai para outro mangue. Aí, passa anos aterrando aquele mangue, passa anos cavando buraco para fazer uma casa no pé do morro, ou seja, custa mais caro a estaca do que a casa. Mas, aí, quando o lugar fica chique aparece alguém e tira aquele pobre de lá, e ele vai um pouco mais para longe. A vida do pobre é essa, ou seja, ao invés de chegar o asfalto e a gente ficar feliz, ao invés de chegar o esgoto e a gente ficar feliz, ao invés de chegar um melhoramento e a gente ficar feliz, o que acontece? Fica tudo muito caro, aparece alguém, compra aquela terra e o pobre é jogado um pouco mais para a periferia.

O que está acontecendo aqui, no Rio de Janeiro, é que tanto o prefeito quanto o governador resolveram mudar de comportamento. O Estado não vai ser mais o responsável por afugentar os pobres do seu local de moradia. O Estado, ao invés de querer que os pobres saiam, o Estado está indo lá para dentro, para resolver o problema dos pobres no seu local de moradia.

E eu estou convencido de que o Santa Marta é um exemplo para o Brasil. Eu espero que daqui a algum tempo os outros prefeitos de outras cidades, outros governadores, ao invés de vir ao Rio de Janeiro e só ficar ali no centro, com medo de uma bala perdida, que eles possam vir conhecer o fundão do Rio de Janeiro, para perceber que este estado não é feito de bandidos ou de marginais, este estado é feito de homens e mulheres que querem trabalhar, que querem estudar e que querem viver dignamente.



E é essa, Sérgio, essa é a grande mudança que você está impondo ao Rio de Janeiro. Normalmente, os políticos ganham eleição fazendo discurso contra banqueiro e defendendo o pobre, depois eles governam para os banqueiros e contra os pobres. Você está fazendo exatamente o contrário. Aliás, eu tenho dito que este aqui, há muito tempo, é o único governador do Rio com a cara de carioca. O Rio precisava de alguém com a cara do Rio, alguém com a malandragem do Rio de Janeiro, alguém que torcesse não para o Flamengo solito, alguém que gostasse de samba, alguém que gostasse... porque a gente só faz as coisas quando a gente gosta. Se a pessoa ganha as eleições e acha que a periferia é só problema e que tem que fazer tudo no centro, pintar guia no centro, pinta guia, pinta sarjeta, pinta calçada... Quando, na verdade, o que nós precisamos ter consciência é que nós fomos eleitos e só há uma razão pela qual a gente tem que ter coragem de pedir voto: é se a gente for capaz de pegar os recursos do Estado e distribuí-los de forma justa para todos os cidadãos e favorecer aqueles que mais precisam.

Então, Sérgio... Uma vez, muito tempo atrás, eu vim aqui no Santa Marta. Eu não me lembro, mas eu vim aqui uns 20 anos atrás. Eu vim aqui no Santa Marta, subi o Morro... 1989. Tinha um companheiro que era presidente da Associação aqui, ele me levou à casa dele ou à sede da Associação... Olha lá. Itamar, olhe, eu me lembro que fui à casa... acho que tinha uma rádio comunitária, que era um microfone, e tinha megafone nas outras casas, nos postes. Então, eu me lembro que ele fez um anúncio para mim, chamando o seguinte. Era uma mulher que morava em outro lugar, e ele falava: "Alô, alô, dona Maria, chegou a sua carta aqui, da sua família", não sei de onde, para a pessoa ir lá à sede da Associação buscar a carta. Eu espero que tenha melhorado a rádio agora. Mas ali eu conheci, Sérgio Cabral... Ele me levou também a uma casa de uma pessoa que era paraplégica, que nunca tinha conseguido descer o morro.

Aí eu fui embora e fiquei imaginando: um lugar extraordinário como este,



a pessoa daqui de cima olha lá para baixo e vê carros bonitos, gente bem vestida e o coitado aqui, passando fome, desgraçado, sendo olhado como bandido. Ele vai ficando mais violento, porque ele fica pensando: “Puxa vida, se Deus é brasileiro, por que é que dá tanto para uns e nada para outros?” Ainda o prefeito não vinha aqui, ainda o governador... Pode ver. O prefeito, normalmente, deveria se levantar de manhã... A casa é aqui perto? O prefeito nem olhava para cá, olhava para lá, para não ver o morro. O governador, a mesma coisa.

Agora, gente, que o Brasil tem a bênção de Deus, o Rio de Janeiro e a cidade, de ter duas pessoas que não têm mais medo do pobre, que não têm preconceito do pobre, que não têm medo do morro, vamos agora aproveitar e cobrar deles... Eu tenho mais dois anos de mandato. Cobrar, porque nós precisamos ser cobrados. Nós recebemos muita gente. O Sérgio Cabral recebe muita gente, este aqui vai receber muita gente, eu recebo muita gente. É só gente querendo 1 bilhão, 1 bilhão e meio, 2 bilhões, 3 bilhões, 4 bilhões. Um pobre que vai pedir 50 mil centavos, não aparece no gabinete do Presidente, não tem espaço. Nós mudamos isso, Sérgio.

Eu me lembro quando eu levei os catadores de papel para dentro do Palácio do Planalto. O discurso do líder deles era de que eles não precisavam conquistar mais nada. Só o fato de eles terem entrado dentro do Palácio do Planalto já era a conquista maior que eles imaginavam ter, porque era o respeito do Presidente com eles. Eu me lembro quando eu levei para dentro do Palácio do Planalto os cegos e seus cachorros, porque não podia entrar cachorro em igreja, não podia entrar cachorro em shopping. Acontece que para o cego, o cão-guia é os olhos dele. Como é que o cego pode andar sem o cão-guia? Para dar o exemplo de que nós precisamos lidar com essas coisas, levei muitos deficientes visuais lá dentro do Palácio do Planalto com os seus cachorros, e podem crer, nenhum cachorro fez nenhuma sujeira dentro do Palácio do Planalto. Podem crer.



Esses dias eu criei um pânico no Brasil. Nós, agora, vamos fazer a primeira conferência de segurança pública. Vamos fazer a primeira conferência sobre imprensa no Brasil. Mas eu me lembro de uma, Adriana, que criou confusão. Eu participei daquela Conferência GLBT, que envolve homossexuais, lésbicas... Tinha lá um monte de coisa, é tanta letra, GLBT. Agora parece que é GLBTDT, ou seja, tem muita coisa. As pessoas vão criando cidadania e vão mostrando a cara. Eu me lembro que eu ia fazer o encontro, mais de 2 mil delegados lá em Brasília. E o pessoal: “Lula, você vai a uma convenção dessas? Lula, veja quem vai estar lá? Vão estar lá travestis, vão estar lá homossexuais, vão estar lá lésbicas”. Eu falei: eu vou. E todo mundo com medo. O que vai acontecer? Primeiro, foi um show de cidadania. Primeiro, pela qualidade do discurso das pessoas. Segundo, porque eu comecei a me lembrar: alguém se importa com o que a pessoa é no dia de pedir votos? Alguém quer saber se é homossexual ou não? Alguém quer saber se é lésbica ou não? Alguém quer saber se é travesti ou não? Na hora do voto, vai todo mundo lá pedir votos. A Receita Federal também não faz discriminação, ela cobra o imposto de todo mundo. E se ela cobra de todo mundo, se eles podem votar, o Presidente da República tem que assumir que eles são brasileiros e que têm que ser tratados em igualdade de condições. Este país precisa aprender a acabar com a discriminação.

Como eu já fui muito vítima de preconceitos na minha vida, porque o preconceito é mais forte contra o pobre. Se for pobre e negro, aí é duplo preconceito. A gente vê no mercado de trabalho.

Então, Sérgio, eu queria dizer a você e ao Paes, que é motivo de muito orgulho um presidente da República poder se reunir com outro chefe de Estado e dizer o seguinte: lá no Brasil nós não temos medo dos pobres, nós não temos medo dos trabalhadores, nós não temos medo de subir em favelas, nós não temos medo de conversar com as pessoas mais humildes do País. Na maioria dos países do mundo, isso não acontece. Político perto de pobre, não



acontece. O que vocês dois estão fazendo é a demonstração mais viva de que o Rio de Janeiro mudou. Vai haver um dia em que a gente vai levar tantos benefícios para a periferia, que a periferia será tão bem tratada quanto é tratado o centro do Rio, o centro de São Paulo, o centro de Recife e de qualquer capital.

Queria fazer uma homenagem especial a este companheiro, o Pezão. Abençoado o governador que tem um vice da qualidade do Pezão. Eu sou testemunha da competência deste companheiro. Cada vez que ele me encontra, com um pedaço de papel assim, eu sei que ele vai me levar dinheiro. Podem ver. É só projeto aqui. “Olha, Presidente, mais uns 200 mil, mais uns 300 mil”. Na verdade, eu estou quase parando de conversar com ele. Tem um engenheiro do Sérgio Cabral aqui que virou... o Ícaro, virou um especialista em fazer um “engana Presidente”. O que é o “engana Presidente”? Ele faz uma montagem eletrônica toda bonita, de ponte, de trem, de ônibus, e coloca na televisão para eu ver. Coloca na televisão, eu fico entusiasmado, aí o Pezão chega: “Presidente, só ‘duzentinhos’, ‘trezentinhos’, ‘quatrocentinhos’”. Se eu não tomar cuidado, não sobra dinheiro para outro estado.

De qualquer forma, eu não tenho nenhuma preocupação de falar. Eu tenho a obrigação moral de contribuir com o governo do estado e com o prefeito para que a gente devolva ao Rio de Janeiro o *status* de cidade mais bonita deste país. Sem violência, com muita paz, com emprego e com muita qualidade de vida.

Por isso, eu quero cumprimentar aqui, dar os parabéns aos companheiros do Morro Santa Marta e aos companheiros da Rocinha que estão aqui.

Um abraço, um beijo e até outro dia.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Escola Estadual Luiz Carlos da Vila**

Rio de Janeiro-RJ, 03 de fevereiro de 2009

Querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Nosso companheiro Cristiano. Eu vou contar uma história do Cristiano aqui, Sérgio. É o seguinte: o Cristiano... vocês estão lembrados que quando nós viemos lançar o PAC aqui, a imprensa tinha mostrado uma fotografia de um menino que nadava em uma poça d'água aqui em Manguinhos. Nós viemos aqui, eu conheci o Cristiano, conheci a mãe dele, e naquele dia o Sérgio Cabral e o Pezão me disseram que iam dar uma casa para o Cristiano. Pois bem, a casa do Cristiano está pronta. É aquela casa ali, Cristiano, dá uma olhada ali, aquela casa que está lá. Agora, como nós vamos fazer um conjunto habitacional grande, o meu pessoal entendeu que as casas só poderiam ser entregues todas juntas. Ora, mas não é justo. Se a dele já está pronta, por que é que ele vai ficar a esperar? Então, eu queria pedir, Sérgio, a você e ao Pezão, não agora, mas eu penso que amanhã, vocês poderiam chamar a mãe do Cristiano e entregar, definitivamente, a casa deles para eles morarem.

Estou sabendo também que você não foi bem na escola este ano. Então, nós vamos precisar colocar um reforço. O Sérgio Cabral vai ficar no seu pé, conversando com a sua mãe, para que você, no ano que vem, quando eu vier aqui inaugurar alguma coisa lá para setembro ou outubro, eu quero a informação de que você passou a ser o melhor aluno da classe. Esse é o compromisso que você vai ter comigo: estudar, estudar um pouco mais, porque você tem a idade extraordinária para aprender um pouco mais. Então, depois você vai combinar com o Governador. A sua mãe está aí, não é? A mãe dele



está aí, Pezão. Depois você chama a mãe dele e combina quando entregar a casa. Vai lá dar um abraço no Governador e no Pezão, que você merece.

Gente, agora deixem-me falar. “Deixa o homem falar”. Deixem-me dizer: eu estava cumprimentando as pessoas aqui...

Eu quero cumprimentar o ministro Marcio Fortes,

O Pezão,

O deputado Hugo Leal,

O nosso prefeito, que está apenas com 30 dias, o Eduardo Paes,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar o Ricardo Freitas, presidente da construtora que fez esta obra, que reformou,

O Gilberto (incompreensível), diretor comercial da construtora,

Quero cumprimentar o José Domingos Vargas, superintendente regional da Caixa no Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a Cláudia Bittencourt, diretora da Escola Estadual Luiz Carlos da Vila,

Quero cumprimentar o nosso querido Martinho da Vila,

Quero cumprimentar Emerilda Ventura Cirillo, mãe do compositor Luiz Carlos da Vila,

Quero cumprimentar a Jane Pereira da Silva, esposa do compositor Luiz Carlos da Vila,

Quero cumprimentar todos os companheiros e os dirigentes da comunidade de Manguinhos,

E quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui,

Eu vou tirar o microfone, só para chegar perto do Martinho da Vila. Primeiro, eu quero dizer uma coisa para vocês, queria que o Eduardo Paes se levantasse porque não é pouco, Martinho, o que está acontecendo no estado



do Rio de Janeiro, não é pouco o que está acontecendo aqui. Uma escola como esta, a gente pode tirar fotografia dela e levar para qualquer país do mundo, pode levar para Londres, pode levar para Nova Iorque, que eles vão pensar que é uma escola de rico, eles vão pensar que é uma escola de classe média alta. Nós estamos mostrando que é possível o pobre brasileiro ser tratado com respeito e com dignidade quando a gente acerta nas pessoas que a gente elege. O Rio de Janeiro tem, neste moço aqui, em muitos anos, o primeiro governador com a cara do Rio de Janeiro.

Eu tive muito azar nesses seis anos, porque primeiro teve... Nos meus primeiros quatro anos, tinha gente governando o estado do Rio de Janeiro que não queria uma boa relação com o governo federal. Aquele negócio de casamento que vai mal. Depois, entrou o Sérgio Cabral. Na cidade tinha um prefeito que não compareceu a nenhum ato público que eu vim aqui no Rio de Janeiro, mesmo anunciando obras para a cidade do Rio de Janeiro, em uma demonstração de que às vezes os políticos pensam muito menor do que os discursos que eles fazem para se eleger na época da campanha. Um prefeito, um governador, um presidente da República, um deputado federal e um deputado estadual podem pertencer a partidos diferentes, não tem problema nenhum. Eles podem ter religiões diferentes, não tem problema nenhum. Eles podem ser adversários na época das eleições, não tem problema nenhum. Mas tem uma hora em que todos precisam criar vergonha na cara e governar para o povo da cidade, do estado e do país.

Então, eu acho que nós estamos vivendo um momento importante no Rio de Janeiro. Você tem um prefeito, um governador e um presidente que estão dispostos a começar a fazer uma reversão na história do Rio de Janeiro.

Meu caro José Ferreira, meu companheiro Martinho da Vila,

Isto aqui que está acontecendo agora é um processo de reversão. Antes, no Brasil, bastava uma cidade começar a crescer, começar a receber asfalto nas ruas, que o pobre ia sendo jogado para fora. Cada vez que



valorizava uma região, o que acontecia? Lá chegavam as grandes empresas, as grandes construtoras, pagavam muito caro pelo terreno e o povo ia sendo escorraçado para a beira de um rio ou para a beira de um morro, para a beira de um rio ou para a beira de um morro. E a gente sabe que só é possível reverter isso, se a gente olhar para a cara de um pobre e tratá-lo com o mesmo respeito ou com mais respeito do que a gente trata qualquer pessoa no mundo. Essa é a diferença.

O que nós estamos fazendo aqui não é para o povo de Manguinhos ir lá para o centro do Rio para receber um benefício. O benefício tem que vir até Manguinhos, porque vocês moram aqui, porque aqui vocês nasceram, aqui vocês estão criando os filhos de vocês. Eu dizia ao companheiro Sérgio Cabral, Martinho: só tem um jeito de a gente acabar com a criminalidade no meio dos pobres deste país. A polícia tem um papel importante, mas a polícia tem um papel importante se ela tiver investimento em inteligência para atacar quem é bandido e não atacar inocentes, se ela não confundir as bolas. Mas não tem nada mais eficaz para acabar com a violência e a criminalidade do que a presença da prefeitura no bairro, a presença do estado no bairro e a presença do governo federal no bairro.

Vocês viram naquela tela o que vai acontecer nesta região. Aquilo é promessa que, se Deus quiser, até setembro de 2010 nós estaremos inaugurando a última obra do PAC aqui em Manguinhos. Aqui a escola é de primeiro mundo. Não é só a fachada, não. Eu entrei dentro de uma sala de aula, tem um ar-condicionado melhor do que o do meu gabinete. O do meu gabinete é da década de 50, feito pelo Juscelino. O “bicho” joga mais pó do que ar, mas não tem problema. Eu vi aqui os laboratórios que a meninada vai ter para estudar: é coisa para ninguém botar defeito.

Agora, o que nós precisamos? É que os pais se coloquem de acordo com os filhos e, pelo amor de Deus, coloquem os filhos para se inscreverem para estudar. Se tiver um filho que não quer estudar, liguem para o Sérgio



Cabral, liguem para o Martinho da Vila, liguem para o prefeito, que a gente vai fazer esse menino estudar. Muitas vezes, ele não quer estudar agora porque pensa que não vale a pena. Quando ele tiver 25 anos, casado, com uma trempe de filhos no pé dele, é que ele vai se lembrar do que ele deveria ter estudado, ele vai se lembrar da importância do estudo.

Nós, agora, não queremos tirar ninguém das favelas do Rio de Janeiro. O que nós queremos é trazer cidadania para dentro das favelas. As favelas têm que ter luz, têm que ter rua, têm que ter médico, têm que ter comércio, têm que ter biblioteca, têm que ter escola, ou seja, tudo que um cidadão tem na Avenida Copacabana o povo pode ter aqui em Manguinhos, em Pavão-Pavãozinho e no Complexo do Alemão. A única coisa que a gente não pode trazer é a água do mar. A gente não pode trazer, mas facilitar a possibilidade de vocês irem até lá.

Então, eu queria, Sérgio... Esta é uma escola, e eu sei como vocês se sentem. Um menino bem de vida, se ele não tem piscina na casa dele, o amigo dele tem ou o outro vizinho tem. Mas quantos de vocês nunca tiveram o prazer de tomar banho em uma piscina? Pois bem. Agora... Quando, Pezão? Em maio. Anotem aí: em maio, a gente vai vir inaugurar o complexo de piscinas aqui, para que os pobres possam nadar.

Sabem por que, gente? Sérgio, nós agora estamos estudando, Eduardo... Nós estamos estudando agora, Martinho da Vila, utilizar terrenos e prédios da União para a gente resolver problemas de moradia. Eu vou te mostrar os terrenos que tem no Rio de Janeiro e em Niterói, prédios abandonados do INSS. Nós estamos fazendo um levantamento e vamos pegar esses prédios que já estão prontos, se eles estiverem em condições de serem habitados, a gente vai colocar o povo para morar lá dentro, de forma organizada, cada um com o seu apartamento. O que a gente não pode é permitir que as invasões sejam desordenadas.

Quando a gente faz isso, a gente perde um certo apoio de determinada classe social, porque gente rica não gosta que a gente cuide muito dos pobres,



o que é um atraso, porque quanto mais os pobres estiverem cuidados, mais eles vão conquistar as coisas, mais vão trabalhar, mais vão ter salário, mais vão estudar, mais vão comprar as coisas que os empresários produzem. Portanto, é bom para todo o Brasil. Mas tem gente que não gosta. Nós temos prédio na Avenida 9 de Julho, em São Paulo. Já tem abaixo-assinado dos moradores, que não querem que a gente coloque os pobres para morar no prédio, e nós vamos colocar. Nós vamos colocar, porque a moradia é um direito fundamental do ser humano. Então, nós vamos fazer.

Certamente, a gente não vai fazer tudo o que a gente precisa fazer. Nós, agora, vamos trabalhar. Daqui a dez dias, a Dilma, o ministro Guido Mantega e o ministro Márcio Fortes vão me apresentar um plano para a gente construir mais 500 mil casas neste país, além das casas que a Caixa já constrói. E por que a gente vai fazer isso? Porque nós precisamos gerar empregos. Nessa crise mundial, em que todos os países ricos estão passando maus bocados, vocês estão vendo na televisão... Nós vamos tentar mostrar que os países ricos, que quatro anos atrás ficavam ditando regras do que a gente tinha que fazer aqui, nós agora vamos dizer para eles: façam o que nós estamos fazendo, que vocês podem recuperar a economia dos seus países. É preciso muita seriedade. E esse patrimônio que nós construímos aqui no Rio de Janeiro não é pouca coisa.

Eu dizia ao Sérgio Cabral, quando nós fizemos aliança em 2006. Ele não me conhecia muito, eu não conhecia ele, mas como nós dois fomos para o segundo turno, nós viemos aqui juntar os “bicos” em 2006. No último comício que nós fizemos, eu falava para o Sérgio: Sérgio, eu acho que a gente pode construir a maior parceria já feita entre o governo do Rio de Janeiro e o governo do Brasil. Sempre houve briga. Era o governador que queria ser presidente, que brigava com o presidente; era o presidente que não podia vir ao estado porque não era convidado. “Sérgio, vamos acabar com isso”. E hoje eu posso dizer ao companheiro Sérgio Cabral: quisera Deus que a gente



tivesse tido, no Rio de Janeiro, nesses últimos 30 anos, a relação de amizade, a relação de confiança e a seriedade que a gente tem na relação governo federal e governo estadual.

Queria aproveitar para dizer o mesmo do Eduardo Paes. Vocês tiveram um prefeito aqui, que a única coisa que ele faz é utilizar o blog dele para falar mal do Sérgio Cabral e para falar mal de mim. É a única coisa. Eu venho aqui há seis anos e nunca vi a cara desse cidadão, nunca apareceu em ato nenhum. Eu quero dizer para você o que eu disse para o Sérgio Cabral: mantenha a seriedade, não esqueça o compromisso que você assumiu com este povo, não esqueça o compromisso que você assumiu com o Governador, não esqueça o compromisso que você assumiu comigo.

Mas, sobretudo, não esqueça que a única razão que a gente tem para ser prefeito, governador do estado e presidente da República é saber que nós precisamos governar para os mais pobres deste país, para quem mais precisa do Estado. Você vai perceber que os ricos precisam pouco da gente. Você coletou o lixo da rua, manteve a rua limpa, já estão contentes, porque até em hospital, os ricos vão aos particulares. Quem precisa do Estado é esta gente, que tem dor de barriga à noite, que tem dor de garganta à noite, que o filho tem asma, tem bronquite e não tem para onde correr. Não tinha, porque agora com a UPA 24 horas... Aqui já tem? Em maio vai inaugurar a UPA 24 horas aqui. Aí, a gente vai fazer, dom Martinho, a diferença. A diferença é que o povo pobre não precisa correr do Estado, não precisa correr da prefeitura. Ninguém aqui quer ser inimigo de vocês. O que nós precisamos é ter juízo, responsabilidade e saber que nós precisamos gastar o dinheiro que nós arrecadamos do povo que paga imposto nos bairros onde o povo está morando, na periferia mais longínqua.

Por isso... A UPA vai ser inaugurada em março. Não é em maio, não. É atendimento 24 horas por dia. Agora não precisa pegar táxi para ir não sei onde. Agora vai ser aqui mesmo.



Então, Sérgio, eu quero te dizer uma coisa. Esta é uma escola estadual. Leva o nome de um dos maiores compositores do Rio de Janeiro e do País. É uma escola de qualidade, que eu acho que na hora em que terminar este ato aqui, que o Sérgio Cabral e eu pararmos de encher o saco de vocês, vocês dão tchau para nós e vão visitar esta escola, porque este é um patrimônio do povo do Rio de Janeiro, do povo de Manguinhos e é um patrimônio das nossas crianças que vão estudar em escola de primeiro mundo, em escola de qualidade, em escola em que os professores serão melhor tratados, os funcionários melhor tratados e os estudantes serão tratados como se fossem os donos de tudo.

Um grande abraço. Parabéns, Sérgio Cabral, por esta escola extraordinária. Parabéns, Eduardo Paes. Eu espero que a gente continue, nesses dois anos, inaugurando mais obras aqui no Rio de Janeiro. Um beijo e até outro dia.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de posse da diretoria do Sebrae

Brasília-DF, 04 de fevereiro de 2009

Meu caro amigo e governador de Brasília, José Roberto Arruda,
Minha querida companheira Marisa,

Companheiros ministros José Pimentel, Sergio... Sergio Rezende não está aqui, estou vendo um auxiliar dele aí. Temos o Luiz Barreto, do Turismo; Miguel Jorge, do Desenvolvimento – acaba de chegar atrasado –, Luciano Coutinho – acaba de chegar atrasado – só vieram para a sobremesa, não precisaram...

Meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,
Paulo Octavio, vice-governador de Brasília,
Deputado Leonardo Prudente, presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal,

Senadores Adelmir Santana, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae, Demóstenes Torres, Francisco Dornelles, Jefferson Praia, João Claudino, Kátia Abreu, senador Marco Maciel, senador ACM Filho [Júnior],

Companheiros deputados federais. Eu só estou vendo aqui, porque ele é mais visível, que é o companheiro Zezéu. Se tiver outros companheiros aqui, não estão na minha agenda.

Meu companheiro Paulo Okamoto, diretor-presidente do Sebrae Nacional,

Caro Luiz Carlos Barbosa, diretor técnico do Sebrae,
Carlos Alberto Santos, diretor de administração e finanças do Sebrae Nacional,

Meus amigos e minhas amigas,



Eu não vou fazer discurso. Eu vim aqui apenas para dizer para vocês que tanto nas palavras do nosso presidente do Conselho, como do nosso presidente do Sebrae, eu senti o tipo de discurso e comportamento que nós, brasileiros e brasileiras, precisaremos ter daqui para a frente.

Todo mundo sabe que tem uma crise mundial. A gente toma café com ela, almoça com ela e janta com ela. E se for tomar um chazinho à meia-noite, ainda vai tomar um chá com ela. É a única crise no mundo que ninguém tem que explicar para ninguém como é que ela surgiu e de onde ela surgiu. É um dos poucos momentos da história em que a crise não começa nos países pobres ou emergentes, começa no coração do sistema capitalista do mundo. Ninguém, portanto, precisa explicar.

Nas pesquisas que temos feito e nas pesquisas publicadas pela imprensa, todo e qualquer cidadão, da mais diferente origem social, sabe a origem da crise. Ou seja, algumas pessoas entenderam que era possível ganhar dinheiro a vida inteira sem nenhuma ligação com o setor produtivo. As pessoas entenderam que era necessário e possível ganhar dinheiro especulando.

Se não fosse apenas a questão do *subprime*, do financiamento habitacional nos Estados Unidos... a gente pegou dois momentos muito recentes que afetaram o Brasil: o preço das *commodities* agrícolas, nos meses de maio, junho e julho do ano passado, e o preço do petróleo que em menos de um ano saiu de US\$ 29 o barril para US\$ 150 o barril.

Eu participei de muitas reuniões, e toda vez que você perguntava porque as coisas tinham acontecido, a explicação era simples: a China está consumindo muito. Ora, a China continua consumindo a mesma quantidade de petróleo, se diminuiu, diminuiu muito pouco, e o petróleo despencou de 150 para 40, e os preços das *commodities*, graças a Deus, não caíram aquilo que alguns pessimistas previam que ia cair, e pelo menos este ano nós estamos numa situação de equilíbrio nas nossas *commodities* agrícolas.



Ora, o que nós estamos presenciando neste momento, companheiro presidente do Conselho e presidente do Sebrae, é que até agora todos os governantes do mundo tomaram medidas para resolver o problema dos bancos, bancos que até ontem sabiam tudo, bancos que até ontem davam palpite sobre tudo, bancos que ainda hoje se autointitulam com o direito de medir o risco dos países. E todos esses bancos, que vieram aqui na década de 80 e na década de 90 exigir que todos os países pobres fizessem um ajuste fiscal que levou quase que a um atrofiamento no crescimento dos países, estão hoje, muitos, quebrados. Bancos em que as ações deles valiam, há dez meses, US\$ 250, estão valendo hoje US\$ 10, US\$ 16. Tudo porque ousaram ganhar muito dinheiro fabricando papel e não fabricando peças, não fabricando casas, não fabricando alguma coisa que pudesse gerar um posto de trabalho, um emprego e, ao mesmo tempo, distribuição de renda.

Por incrível que pareça o Brasil, neste momento, não dito apenas pelo Presidente da República ou pelo pessoal da área econômica, mas quem viajar o mundo vai ouvir, de qualquer instituição internacional, que o Brasil é, hoje, o país que tem melhor condição para enfrentar essa crise, porque nós fizemos a lição de casa, quando alguns queriam que a gente gastasse muito. Nós fizemos a lição de casa quando era mais fácil a gente fazer exageros.

Eu lembro que uma época nós aumentamos a taxa de juros, faltando um mês para a eleição da prefeitura, há quatro anos, e alguns achavam que era loucura permitir que aumentasse a taxa de juros um mês antes das eleições. E eu dizia: a nossa responsabilidade não se subordinará a uma, a duas ou a três eleições. O Brasil é eterno e a eleição é muito passageira.

Pois bem, vocês estão acompanhando, companheiros, que nós tomamos todas as decisões, tanto o Adelmir como o Paulo Okamoto devem estar acompanhando. A primeira medida que nós tomamos foi tentar restabelecer a política de crédito no Brasil, porque sem crédito a gente não consegue resolver outros problemas; fizemos um acordo com a agricultura, que



era esperado há quase 30 anos; fizemos uma política de crédito para a indústria automobilística, porque a cadeia produtiva representa praticamente 25% do PIB industrial da indústria automobilística. Tomamos a atitude de liberar R\$ 108 bilhões do compulsório, para que a gente pudesse garantir a possibilidade de fazer fluir o crédito no Brasil. Tomamos a atitude de pedir ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal para adquirir bancos privados ou, melhor, comprar carteiras de bancos privados, sobretudo aquelas carteiras que estavam ligadas ao setor produtivo que eu estava dizendo aqui. Acabamos de comprar o Banco Votorantim, ou seja, 49%, para que o Banco do Brasil conquiste e ganhe expertise em carteira de carro usado, que é para facilitar o comércio de carros neste país. E tomamos a decisão de não permitir que faltasse crédito para capital de giro, neste país, sobretudo para as pequenas e microempresas.

Acontece que entre você decidir e você determinar, meu caro Joãozinho Trinta, há uma diferença enorme. O que aconteceu na economia mundial? O Dornelles, mais do que eu, deve acompanhar isso muito bem. De todo o crédito existente no Brasil, 30% dele, aproximadamente, eram créditos tomados em dólar no exterior. Empresas como a Vale do Rio Doce, como a Petrobras, empresas grandes que não participavam da tomada de crédito no mercado interno. Na medida em que secou o crédito externo, essas empresas vieram para dentro. O que aconteceu, na verdade? Mais clientes, os bancos começaram a ficar mais seletivos. Entre emprestar muito dinheiro para uma empresa como a Vale do Rio Doce ou como a Petrobras, e emprestar para dezenas de pequenas empresas, eles preferem emprestar para uma grande, que tem risco zero.

Nós estamos agora numa segunda fase da discussão. Agora mesmo o ministro Guido está numa reunião com um grupo empresarial, porque a nossa meta é fazer com que o crédito brasileiro volte à normalidade. Hoje, o crédito brasileiro já é maior do que antes da crise, mas como tem 30% de crédito a



mais no mercado interno, ele ficou mais seletivo.

O Luciano Coutinho é presidente do BNDES num momento em que acho que ninguém neste país acreditava que nós fôssemos capazes de pegar R\$ 100 bilhões do Tesouro e passar para o BNDES, não permitir que nenhum projeto que está em andamento neste país pare por falta de dinheiro. Tomamos a decisão de que nenhuma obra do PAC vai parar. E tomamos a decisão de não permitir nenhuma mudança no calendário de obras da Petrobras. A Petrobras, só até 2013, ela tem que fazer investimentos de US\$ 174 bilhões.

Portanto, nós estamos... Eu tomei informação, o Luciano pode saber melhor do que eu, que o acordo que nós fizemos, o Programa Mais Alimentos, para ajudar a agricultura familiar, já tem 10 mil tratores encomendados para a agricultura familiar. A nossa meta é chegar a 60 mil tratores e a 300 outras máquinas agrícolas para que a gente possa não permitir que este país corra o risco de ter qualquer problema de segurança alimentar.

Nós poderemos ter problema na balança comercial? Podemos ter, porque se um país como os Estados Unidos entra em recessão como está entrando, se uma Alemanha entra em recessão, se outros países grandes entram em recessão, obviamente que esses países vão deixar de comprar de outros países, sobretudo a China, que tem 40% do seu PIB subordinado às exportações, e muitas delas para os Estados Unidos, nós poderemos ter problemas.

O que hoje, tanto políticos, podem ser de oposição ou da situação, analistas econômicos, comentaristas políticos, o que hoje todos nós temos orgulho de dizer é que o Brasil nunca esteve tão preparado para enfrentar uma crise, como nós estamos.

Acho que o presidente Obama tem muita responsabilidade. Acho que o presidente Obama tem muita responsabilidade, porque o interregno de tempo entre a vitória do Obama e a posse permitiu que durante quase 60 dias e mais dois meses de eleição, a crise não fosse tratada nos Estados Unidos como



deveria ser tratada. E acho que dentre todos os presidentes do mundo, o Obama está com o maior PIB que a humanidade tem, com o maior país desenvolvido, mas também ele está com o maior problema hoje. Não sei se ele tomará as medidas adequadas para que a economia americana retome a confiança que tinha há um tempo atrás, e que o povo americano volte a consumir.

Eu volto a dizer aqui o que disse em um pronunciamento à Nação que eu fiz no dia 22 de dezembro: essa crise tem muito de verdadeira, e essa crise tem muito de pânico. Se cada um de nós resolver colocar o pouco que temos embaixo do colchão e não contribuir para a economia girar, nós estaremos apenas fazendo a roda gigante parar e aumentar a crise. Porque não haverá micro e pequena empresa que sobreviva se o governo não fomentar ainda mais o poder de participação dela nas compras governamentais. Não há indústria que vá fazer novos investimentos se não houver perspectiva de mercado de que as pessoas vão comprar o seu produto. Ou seja, da mesma forma que uma indústria ou um complexo industrial produz numa cadeia produtiva, a economia gira numa cadeia de confiança de vários segmentos da sociedade.

Por isso é que nós demos o aumento do salário mínimo bem acima da inflação. É por isso que o (incompreensível), este ano, vai distribuir, de 14^o, quase R\$ 18 bilhões. E é por isso que eu tenho dito publicamente: nós não temos o direito de fazer com que as pessoas mais pobres paguem a conta mais uma vez, não temos o direito. Não temos o direito de levar a classe média a mais um sacrifício. O momento é de todos levarem em conta que o país que se preparar para enfrentar essa crise, aqueles que tiverem a coragem de fazer os investimentos que estão fazendo, aqueles que estiverem prontos quando essa crise acabar, crescerão de patamar na economia mundial, num rápido prazo, muito mais curto.

E eu trabalho exatamente com essa convicção de que a gente não pode



ficar olhando e reclamando para o mundo. Imagina se cada vez que alguém fosse lutar com o Cassius Klay, alguém falasse: “Ah, eu não vou porque ele vai me bater e eu vou cair”. Imagina se a cada vez que as pessoas fossem fazer uma coisa, eles, antes, tomassem 50 atitudes de preocupação e não tivessem um pouco de ousadia? O José Alencar não seria o empresário que ele se tornou se ele não tivesse ousadia. Eu não conheço ninguém na vida que cresceu por covardia, só se roubou, mas trabalhando eu não conheço ninguém que ganhou dinheiro sem ousadia, do pequeno, do micro, do grande empresário.

O Paulo Okamoto e o Adelmir falaram aqui das conquistas que o Sebrae patrocinou para as conquistas de micro e pequenos empresários neste país, convenceu o Congresso Nacional, num papel muito importante, convenceu o governo da necessidade de se aprovar. E não tenham dúvida, companheiros, que se outras coisas precisarem aprovar para a gente moldar este país de forma a que ele tenha marcos regulatórios que permitam que as coisas fluam com mais facilidade, eu estou praticamente convencido...

De vez em quando eu vejo um comentário, com algum comentarista político, do meu excesso de otimismo. Eu acho engraçado as pessoas acharem ruim que alguém seja otimista. Eu vou contar uma coisa para vocês: quem nasce onde eu nasci e não morre antes de completar cinco anos de idade, não tem mais razão para ter pessimismo de nada, tudo o que vier pela frente é motivo de alegria.

E eu acho que é exatamente nesses momentos que o País precisa crescer... Eu me lembro do Joãozinho Trinta porque marcou a minha vida, viu, Joãozinho? A tua frase, que ficou gravada na minha cabeça: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo”. Porque as pessoas criticavam o exagero da Beija-Flor no desfile. E é verdade. Eu acho, Dornelles, com todo respeito que eu tenho aos economistas: quem gosta de crise é economista, porque sem crise os comentários ficam sem razão de ser.



Eu acho que nós temos que reconhecer que a situação é uma situação delicada. Nós temos que reconhecer que essa crise é possivelmente maior do que a crise de 1929, e temos que reconhecer que Roosevelt só conseguiu resolver a crise de 1929 por causa da Segunda Guerra Mundial. Como nós não queremos guerra, queremos paz, nós vamos ter que ter mais ousadia, mais sensibilidade, mais inteligência, porque eu não acredito que uma guerra, para resolver um problema econômico, teve 100 milhões de mortos. Nós não queremos um morto, nós queremos é dizer claramente, e vamos a Londres no dia 2 de abril para dizer que o mundo precisa controlar o sistema financeiro, tem que limitar a alavancagem, precisa cuidar do mercado futuro. Se alguém quer especular no mercado futuro, na hora que for comprar no mercado futuro, que deposite uma parte em dinheiro na hora. Porque o mundo não pode virar uma ciranda, vítima da especulação, para transformar todos que estavam fazendo as coisas certas em vítimas da crise.

Este país sofreu muito. Aqui tem muitos companheiros senadores que já participaram de governos. Este país sofreu, independentemente de quem era o governo. Este país sofreu por ingerências externas. Ou seja, na hora em que as coisas estão andando tudo bem, que fizemos todas as lições de casa, que apanhamos, mas que conseguimos equilibrar, os outros, que davam palpite, fizeram como aquele negócio que a gente aprende quando está fazendo catecismo: “Façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço”. Ou seja, no fundo, no fundo, nós, em se tratando de seriedade de sistema financeiro, nós temos o que ensinar e não o que aprender do chamado “mundo desenvolvido”.

Por isso, Paulo, você e o Adelmir, eu quero que vocês trabalhem com a convicção de que nós seremos parceiros, para que a gente possa aperfeiçoar tudo aquilo que nós temos que aperfeiçoar, para que a gente faça com que as pessoas conquistem a cidadania para fazer um investimento, que a pessoa não tenha que pegar 500 filas para tirar um simples documento, que a pessoa não



tenha que, às vezes, virar vítima da burocracia, atrás de papéis, atrás de pagamento das suas coisas. Vamos, e acho que há, da parte do Congresso Nacional, toda disposição de a gente passar um mata-borrão nas coisas que estão erradas e fazer com que as coisas fiquem certas, para que quem vier depois de nós tenha um país muito melhor.

À nova diretoria do Sebrae toda a sorte do mundo. E eu espero que quando vocês terminarem o mandato de vocês, vocês possam entregar para quem vier suceder vocês um Sebrae ainda mais forte, ainda mais organizado e ainda mais respeitado pelos empreendedores brasileiros.

Parabéns, Paulo. Parabéns, Adelmir. Parabéns, diretores. E parabéns ao pessoal do Sebrae do Brasil inteiro. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina Hidrelétrica São Salvador**

São Salvador-TO, 05 de fevereiro de 2009

Estou aqui na expectativa de ver a água sair. Deram-me 5 minutos, já faz 6...

Bem, eu quero cumprimentar o meu amigo governador Marcelo Miranda, e cumprimentando o Governador eu quero estender os cumprimentos aos empresários, aos senadores, aos deputados, aos prefeitos, aos meus ministros, à imprensa, e por fim, aos trabalhadores que agora começam a ver, ainda não produzindo energia, mas o resultado do trabalho que eles fizeram nesses últimos 30 meses.

Vou contar um pequeno caso para vocês. Nos anos 80 eu tinha sido afastado do Sindicato de São Bernardo do Campo - quando eu era o presidente - eu tinha sido cassado e, depois, elegemos uma nova diretoria. Eram anos muitos difíceis, vocês estão lembrados de que nos anos 80 começou aquilo que depois nós chamávamos de “década perdida”, ou seja, anos angustiosos, em que o Estado brasileiro sucumbiu à dívida externa, a capacidade de investimento do Estado praticamente ficou paralisada. O último momento em que nós tivemos investimentos em infraestrutura foi de 75 a 80, quando o Geisel estava na Presidência. E alguns especialistas dizem que depois que o Geisel fez os investimentos em infraestrutura, quem veio depois dele teve que pagar as dívidas que ele fez e, portanto, não houve mais investimentos. Então, nós vivíamos um momento muito delicado: a economia praticamente atrofiada, a indústria cada vez mais mandando mais trabalhadores embora, e uma situação muito triste. Naquele tempo, os dirigentes sindicais faziam greve, e vocês sabem que fazer uma greve é sempre muito fácil. Para fazer uma greve, com meia dúzia de palavras, você



decreta uma greve. Para acabar com uma greve, aí precisa ser dirigente, aí tem que ter um pouco mais do que meia dúzia de palavras, tem que ter muito argumento e muita liderança. Mas nem sempre as coisas iam certo. Tinha momento em que se decretava um movimento e depois esse movimento perdia a razão de ser, porque os trabalhadores começavam a desanimar depois de 5, 6, 7 dias de greve, ninguém negociava e aí, então, eu era chamado. O pessoal dizia que o meu papel era o de levantar o moral do pessoal. Então, eu ia para a porta de fábrica, já quando tudo estava muito difícil, para levantar o moral da tropa, até para que se ela tivesse que voltar a trabalhar, que voltasse a trabalhar de cabeça erguida, e não voltasse a trabalhar como se estivesse se rendendo diante do fracasso.

Eu estou contando isso na frente de um empresário francês, que não apenas está fazendo investimentos no Brasil mas, mais do que isso, está acreditando nas coisas que acontecem neste país no presente e para o futuro. Eu me sinto hoje como se fosse em um momento daqueles dos anos 80, em que eu levantava o moral da tropa para que os trabalhadores não saíssem derrotados, eu me sinto um pouco um levantador do moral, em função da crise econômica mundial que se abateu desde setembro de 2007, se agravou em setembro de 2008, e a gente ainda não tem o resultado definitivo da profundidade dessa crise mundial.

Eu tenho consciência de que o Brasil, por tudo o que fez nos últimos anos, é o país que tem melhores condições para sofrer menos com essa crise. Isso não é dito mais pelo presidente da República, ou pelo meu ministro da Fazenda, ou pelo presidente do Banco Central. Isso é reconhecido em qualquer fórum empresarial e em qualquer fórum de debate econômico no mundo. As pessoas finalmente reconhecem que o Brasil, do ponto de vista da sua solidez econômica, dos marcos regulatórios e, sobretudo, da estabilidade que está criada neste país, que nós temos condições de ser o país que menos sofra com essa crise.



Obviamente que vai depender muito do que fizerem os americanos daqui para a frente, vai depender um pouco do que fizer a União Européia daqui para a frente, porque embora o Brasil tenha uma política de balança comercial muito diversificada, muitos dos nossos compradores dependem muito do que eles exportam para os Estados Unidos e para a União Européia. Portanto, a União Européia e os Estados Unidos deixando de comprar, tem problema na China, tem problema na Índia. A China, sobretudo, porque 40% do PIB dela depende da balança comercial. Não é o caso do Brasil, em que o PIB depende apenas 13% da balança comercial. Mas obviamente que se a China para de vender para a França, a China vai começar a deixar de comprar de alguém. Se a Índia para de vender para a Inglaterra, ela vai deixar de comprar de alguém. E assim você pode ter uma cadeia que consiga fazer com que nos países em desenvolvimento tenha uma retração no crescimento da economia, e não uma recessão como nós temos na Europa e nos Estados Unidos.

Agora, prestem atenção em uma coisa. Todo mundo sabe, essa é uma crise que qualquer cidadão comum, o mais humilde trabalhador que trabalhou no canteiro desta obra sabe que essa é uma crise mundial, sabe que ela nasceu nos Estados Unidos e sabe que ela está ligada ao setor habitacional dos Estados Unidos.

Eu confesso a vocês que embora seja muito importante ser presidente dos Estados Unidos, eu acho que o nosso querido companheiro Obama está com um “pepinaço” na mão. Eu rezo por ele mais do que rezo por mim, para que ele consiga encontrar uma saída para os Estados Unidos, e quem sabe isso ajude a resolver o problema de outros países.

Mas também há um fato muito importante, que é o fator psicológico, é a expectativa, a esperança, o desejo das pessoas que estão comprometidas. Eu disse em um pronunciamento que fiz no dia 22 de dezembro, em rede nacional, que a economia é como uma roda-gigante, ou seja, se a gente parar de rodar a roda-gigante, ela vai ficar totalmente paralisada, e como na economia, um setor



vai puxando o outro se houver desconfiança na sociedade. Se o embaixador da França não tiver coragem de trocar o carro dele, ou de trocar uma geladeira que vai emitir menos gás – aquele CFC, que é um gás muito poluente – se ele não comprar uma televisão que gaste menos energia, e ficar dizendo “eu vou esperar a crise na França acabar, porque aí vai melhorar no Brasil”, se ele não comprar a crise pode se agravar. Na hora em que o consumidor perde a confiança ele não compra, o empresário não produz e o comércio não vende. Aí, a crise chega a todos os setores da economia.

Eu estou dizendo isso porque parece simples. Mas as pessoas, às vezes, são levadas ao pânico por terrorismos que são vendidos a toda hora, todo dia, nas nossas conversas, nas conversas das pessoas, ou seja, todo mundo... É como doença, sempre se agrava um pouco mais. O meu papel como presidente deste país, primeiro porque eu acredito, segundo porque eu tenho convicção de que o Brasil é o país mais preparado para vencer essa crise e é o país que vai sair mais forte dessa crise, porque eu tenho sido uma espécie de levantador do moral de companheiros empresários. Não tampouco dos empresários que eu tenho chamado no meu gabinete para dizer a eles que eles têm que manter os investimentos, chamado o BNDES e dizer a ele para facilitar mais a liberação dos investimentos; chamar os ministros para pedir que eles comecem a contratar as obras, este ano, em dois ou três turnos. E o governo vai ter que pagar mais rápido. Se uma empresa privada pode fazer uma obra em um ano, por que o governo tem que demorar dois anos? É porque o governo fica subordinado ao orçamento, só pode liberar um tantinho de cada vez. E nós precisamos compreender que em tempo de guerra a gente trabalha mais, a gente age mais, tem mais ousadia e faz as coisas que em tempo de normalidade não é preciso fazer.

Vocês não podem esquecer que quatro meses atrás nós começamos a tomar medidas para conter a demanda. A demanda estava muito forte, e a inflação estava dando sinais de arrebentar a parede. Nós começamos a tomar



medidas, criamos instrumentos, mandamos medidas provisórias para o Congresso Nacional. Não precisou nem ter os efeitos das medidas que nós mandamos, e a demanda caiu. Embora essa dívida não devesse ter chegado aqui no Brasil, causando o desemprego que já causou em dezembro, a verdade é que no Brasil nós já fizemos mais do que qualquer outro país, mas ainda não resolvemos todos os problemas, porque entre as nossas decisões e o resultado chegar à ponta, onde interessa, leva um tempo maior do que a gente espera. Certamente que as medidas que o Sarkozy tomou ainda não surtiram efeito. Certamente que os 800 bilhões que a China colocou na economia ainda não surtiram efeito. Certamente que o anúncio do dinheiro que o Obama [ia] colocar, que o Bush disse que colocou, ainda não surtiu efeito. Isso leva um tempo de maturação.

Mas prestem atenção em uma coisa: se nós, que temos condições favoráveis, temos projetos, obras contratadas, obras licitadas, obras para licitação; uma empresa como a Petrobras, que pode investir até 2013 US\$ 174 bilhões, não é de reais, é de dólares; um BNDES, que teve R\$ 100 bilhões a mais para fazer financiamentos; um Banco do Brasil, que tem disponível para crédito tudo o que o Brasil tinha em 2003, prestem atenção, o Banco do Brasil hoje tem uma disponibilidade de crédito maior do que o Brasil tinha em 2002, o Brasil todo. Ora, se nós temos a Caixa Econômica Federal muito mais forte do que era em 2003. Nunca se investiu tanto em saneamento básico neste país, que o digam os prefeitos, que o digam os governadores. Até três meses atrás, quando eu conversava com a Odebrecht, com a Andrade Gutierrez, com a Suez, com a Camargo Corrêa, sabem qual era a reclamação? “Presidente, está faltando engenheiro”, “Presidente, está faltando pedreiro”, “Presidente, está faltando...” quatro meses atrás.

Portanto, não há nenhuma razão para a gente ter medo dessa crise, não há nenhuma razão. Nós temos é que ser como se fôssemos um médico que, diante de uma cirurgia que tenha que fazer, por mais delicada que seja, ele



sabe que não pode tremer, ele sabe que não pode errar e ele sabe que tem que salvar as pessoas. Acabamos de ver o nosso querido vice-presidente José Alencar passar por uma cirurgia de 18 horas, não foram 18 minutos não, foram 18 horas. Levou mais de quatro dias para acabar o efeito. Ele estava sedado, ele estava... está andando hoje. Daqui a pouco estará conosco aqui.

Então, nós temos que encarar os problemas econômicos que não dependem mais apenas de um país. Vai depender da reunião que tivermos no dia 2 de abril em Londres, com os 20 países que participam do G-20, nas decisões que a gente vai tomar para controlar o sistema financeiro. Se o sistema financeiro americano estivesse fazendo o que faz o sistema financeiro brasileiro, sobretudo dos bancos públicos, investindo na produção, a gente não tinha tido a bolha de especulação que teve lá, a gente não tinha a crise que a gente tinha.

Vocês, empresários, estão lembrados de que a gente todos os dias lia o jornal, um monte de bancos dando palpite na nossa vida, dizendo o que a gente tinha que fazer, que tinha que cortar isso, cortar aquilo, como se eles fossem os especialistas do Planeta. Todos tomaram na cabeça, porque todos estavam ganhando dinheiro fora da economia real, porque todos estavam especulando, porque elevaram o preço do petróleo a US\$ 150 o barril sem nenhuma explicação, e derrubaram para 40, também sem nenhuma explicação. Se o sistema financeiro mundial estiver descolado daquilo que é a razão de ser de uma nação e de um povo – do trabalho, da construção, da produtividade – esse sistema financeiro não existe e não vale nada.

Aqui no Brasil também nós tivemos um outro problema. Nós tínhamos 30% do crédito brasileiro, que era oriundo de empresas brasileiras que tomavam dinheiro emprestado em dólares, sobretudo as grandes empresas: a Petrobras, a Vale do Rio Doce. Parte das empresas que estão aqui tomavam dinheiro emprestado em dólares, em francos ou em qualquer outra coisa. Não pegavam dinheiro no mercado interno. Na hora em que há escassez de



dinheiro no mercado externo, esses empresários se voltam para dentro do mercado interno e o dinheiro que eles pegavam lá fora, tentam pegar no mercado interno.

É por isso que nós colocamos R\$ 100 bilhões a mais no BNDES, porque nós não queremos que falte dinheiro para quem queira fazer investimentos neste país. Não queremos. Se tem algum país em que o presidente da República ou o ministro da Economia não quer um investimento porque não tem dinheiro, eu quero dizer para os empresários: façam os seus investimentos, que dinheiro nós temos para financiar. O que interessa para nós é preparar este país, para quando essa crise terminar no chamado mundo rico, o Brasil estará mais preparado para dar um salto de qualidade na sua participação na economia mundial.

Eu estou convencido de que essa crise é uma oportunidade para a gente acabar com os dogmas, porque foram anos difíceis. Eu vivi a década de 80 e de 70 como dirigente sindical. Eram anos difíceis. Vinte anos sem a economia deste país crescer, 20 anos de desemprego, consecutivos. Todo mundo aqui acompanhou o sacrifício que nós fizemos, o ajuste que nós fizemos. Quando a gente arruma a nossa casa, quando a gente está trabalhando com otimismo para crescer 6% ao ano, aqueles que deram tanto palpite na nossa vida quebram. E instituições importantes como o FMI, como o Banco Mundial, que tinham solução para nós, não têm solução para eles. Não tem nem esse debate mais, acabaram os palpites do mundo. Eu ainda vejo nas empresas que medem risco dos países, medindo o risco do Brasil, e não medem o risco dos Estados Unidos, da Alemanha, da Europa. Eles é que estão em crise, é lá que tem recessão.

Então, eu penso que essa crise é uma oportunidade. Primeiro, para a gente levantar o moral da tropa deste país. Eu digo sempre, com muita responsabilidade: troque o seu sapato, compre sua meia, sua gravata, troque o seu carro. Obviamente, nós temos que fazer a nossa parte: a questão do



spread bancário no Brasil e dos juros precisa se adequar à nova realidade, e fazê-la com responsabilidade. Não pensem que eu fazendo isso, haverá um gesto de irresponsabilidade da parte do governo, porque nós sabemos o quanto foi difícil chegar até aqui e não vou tomar nenhuma atitude que seja insana e que possa jogar fora aquilo que nós construímos. O patrimônio que nós construímos neste país, de credibilidade... Empresário não começa mais a construir obra neste país e ver as máquinas ficarem paradas seis meses depois, porque o governo não paga. Todos os empresários aqui sabem que recebem em dia aquilo que é contratado com o governo. Todos, sem distinção. O Marcelo tem razão: esta geração de governadores, que vai terminar o mandato junto comigo, é a geração mais abençoada dos últimos 30 anos neste país, porque nunca viram tanta obra nos seus estados. Nunca os prefeitos deste país tiveram a quantidade de obras que tem hoje nos quase 6 mil municípios deste país.

O que eu quero agora? O que eu quero agora é que em todas essas obras que nós estamos contratando, se a gente puder fazer... criar dois turnos em cada obra, discutir com as empresas para, em vez de trabalhar 8 horas por dia – não os mesmos trabalhadores, porque não tem mais trabalho escravo neste país –, contratar duas turmas para que a gente possa gerar mais empregos, sobretudo para os trabalhadores que têm uma qualificação menor, mas que são brasileiros como nós e que têm o direito de trabalhar. Se a gente fizer isso, com certeza a gente terminará o ano de 2009 num patamar diferente do que nós terminamos o ano de 2008. A Dilma sabe: se a Petrobras fosse pensar apenas enquanto interesse da empresa, ela poderia postergar os investimentos dela para quando ela quisesse. É direito de uma empresa dizer: “eu não vou investir” ou “eu vou investir”. Mas a Petrobras tem que entender, e entender bem que, embora ela tenha ações na Bolsa de Valores, ela é uma empresa nacional, e os interesses deste país valem mais do que qualquer outra coisa neste mundo.



Então, os investimentos da Petrobras foram mantidos. Se alguém imaginava que nós íamos parar de explorar o Poço de Tupi, estejam certos de que muitos serão convidados a irem comigo lá tirar o primeiro barril de petróleo, a 7 mil metros de profundidade. Se alguém imaginava que a gente ia parar o trem-bala, que não ia fazer, pode ficar animado porque este ano faremos licitação do trem-bala ligando São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. Se alguém tinha dúvida de que a gente [ia] fazer Belo Monte, este ano haverá licitação de Belo Monte. Se alguém tem dúvida de que alguns investimentos vão parar, vão parar se os empresários decidirem não querer mais. É outro problema. Mas, da parte do governo, nós vamos criar as condições para que os investimentos programados para este país até 2013, 2014, 2010, não pare nenhum.

É por isso que nós colocamos 25 bilhões do BNDES para financiar a modernização da agricultura familiar, vendendo 60 mil tratores e vendendo 300 mil máquinas agrícolas. Só no final do ano passado e neste ano já foram contratados 10 mil tratores. Todo mundo sabe que nós autorizamos. Aliás, foi aprovada ontem a medida provisória que autoriza o Banco do Brasil e a Caixa Econômica a poder adquirir outros bancos. Por isso, compramos 50% do Banco Votorantim, por isso compramos a Nossa Caixa, lá em São Paulo, porque nós queremos que o Banco do Brasil continue sendo o maior banco deste país e que tenha mais dinheiro para emprestar para mais gente que queira dinheiro.

Então, meus amigos e minhas amigas, eu queria dizer isso para vocês porque o que torna um presidente da República orgulhoso é ele poder ver uma obra acabada. Cada paralelepípedo que você põe, cada poste, é como se fosse um filho que fosse nascendo. Você diz: isto aqui tem a decisão nossa, isto aqui tem a decisão nossa. O Geddel vai hoje com a Dilma... Não sei por que, mas a Dilma está andando muito, hein, Geddel? Não sei por quê. O Geddel vai hoje com a Dilma para ver as obras do São Francisco, que é um



programa de transposição de águas. A verdade é... a palavra é essa, que vai tirar água do São Francisco para levar para parte do semi-árido, ou seja, um canal que Dom Pedro tentou fazer neste país em 1847, e a oligarquia brasileira não permitia. Pois bem, agora vai sair, e a Dilma vai ver lá com o Geddel, visitar. É uma obra enorme, são milhares de trabalhadores, e quando estiver pronta, 12 milhões de brasileiros não precisarão mais andar com potes na cabeça por 6 léguas, 10 léguas, para levar água suja para beber.

Quando nós começamos a discutir a ferrovia, a Transnordestina, ligando Suape, em Pernambuco, a Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí, muita gente dizia “não é viável, não é viável”. Se a gente só for fazer as coisas que economicamente são viáveis, você vai fazer somente na Avenida Paulista ou na Avenida Copacabana. Obviamente que tem obra que é [inviável] economicamente no começo, mas o Estado não tem obrigação de pensar apenas na viabilidade econômica, ele tem que pensar na viabilidade da integração, ele tem que pensar na viabilidade futura do País. Este mês nós vamos lá, só por conta da crise. É uma ferrovia de 1.700 quilômetros, que vai ser construída. Estaremos lá para ver os trabalhadores colocarem o primeiro trilho e os primeiros dormentes.

Muita gente dizia que a Ferrovia Norte-Sul estava parada, e eu tenho o privilégio de, com seis anos de governo, ter feito mais do que tudo o que foi feito nos 17 anos antes de eu chegar à Presidência da República. E vamos terminá-la, porque ela vai estar de tal ordem comprometida com contratações, que quem vier depois vai ter que continuar essa obra.

Decidimos fazer uma ferrovia ligando a Bahia à Ferrovia Norte-Sul, uma ferrovia que vai sair de Ilhéus e vai cortar esta parte do Tocantins, para se integrar com a Ferrovia Norte-Sul. Quando os empresários estrangeiros quiserem pensar um país para fazer investimento, eles vão dizer: “Vamos ver quem tem mais energia. O Brasil. Quem é que tem mais terra? O Brasil. A combinação sol e chuva. É o Brasil. Quem tem transporte em condições?” Vai



estar o Brasil.

E ainda, agora vamos tomar a decisão de fazer asclusas que nós vamos fazer para facilitar a integração deste país e ainda assim, vamos preservar a Amazônia. Resolvemos agora fazer a legalização das terras de quem tem sua terrinha lá. Vamos definir, para as pessoas saberem quem é o dono de quê na Amazônia. Já vamos aprovar o zoneamento agroecológico para a cana-de-açúcar, para também definir onde vai plantar. Vamos definir o zoneamento agroecológico do dendê, para saber onde a gente vai plantar.

Eu trabalho com a certeza de que quando eu deixar a Presidência deste país, quem vier depois de mim – eu espero que seja quem eu penso que vai ser – eu quero que essa pessoa receba o País muito mais organizado, um país muito mais destravado, um país com prateleiras de projetos, para que as coisas comecem a funcionar. E aí, nenhuma construtora brasileira vai construir uma hidrelétrica mais, e depois não vai ter linha de transmissão para levar (falha na gravação)... um pouco do apagão de 2001, a gente tinha excesso de energia no Sul e falta de energia no Sudeste, e não tinha linha de transmissão para trazer o excedente de uma parte. Agora, quando estiver fazendo, a linha de transmissão está junto, para que tenha razão de ser.

Então, meus companheiros, estou dizendo tudo isso porque ali naquela sala eu tive uma conversa com o presidente da Suez, com o Marcelo Odebrecht, com a Andrade Gutierrez, para dizer para eles: olha, meus filhos, a ordem agora é trabalhar, a ordem agora é trabalhar. Se a gente tiver muita obra, até a imprensa vai ter estabilidade no emprego, porque eles têm que viajar muito comigo para visitar as obras. Aí, os jornais vão contratar mais jornalistas, a televisão mais repórteres, vai ter mais câmeras, mais fotógrafos. Tudo vai ser melhor se todos nós entendermos que estamos no mesmo barco. Se a gente permitir que esse barco afunde, só vão sobreviver os de sempre, que sobrevivem em qualquer parte do mundo.

Então, eu quero é que a gente olhe que esses trabalhadores nunca, há



muito tempo, não tinham oportunidade de trabalhar. Eles conquistaram esse direito, e nós não podemos permitir que, por causa da irresponsabilidade do sistema financeiro internacional, aqueles que nem sabiam da existência dele sejam vítimas da insanidade da especulação.

Por isso, eu quero agradecer aos empresários que fizeram esta obra. Só neste rio são três, todas no período do meu governo. Eu espero que a gente, quebrando os obstáculos que tem, possa fazer muito mais daqui para a frente. Eu quero agradecer a vocês, porque muita gente dizia que a situação do País estava ruim, e terminamos o ano passado com US\$ 45 bilhões de investimento direto no Brasil. Então, eu queria dizer aos empresários, sobretudo ao meu amigo francês, da Suez: se algum dia [você] se levantar com dúvida de onde aportar o seu capital e estiver procurando um lugar de segurança, lembre-se de um nome bonito, verde e amarelo, chamado Brasil.

Muito obrigado, gente, e parabéns.

(211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o velório do deputado Adão Pretto

Porto Alegre-RS, 06 de fevereiro de 2009

Eu, certamente, companheiros e companheiras, não sou o melhor orador no velório de um companheiro. Acho que nós, seres humanos, não nos acostumamos com a morte, mesmo sabendo que ela é inevitável. Não há como aprender a conviver com a morte.

Ontem, neste estado, foi enterrado o filho do Beto Albuquerque, com apenas 19 anos de idade. Eu sempre disse que um pai jamais deveria enterrar um filho, a lógica deveria ser só os filhos enterrarem os pais. Devem enterrar os pais quando já estiverem numa idade muito avançada, não um jovem como o Adão, que tem a mesma idade que eu – aliás, eu sou dois meses mais velho do que o Adão.

Nesses quase 30 anos de amizade com Adão Pretto, certamente ele e eu convivemos mais com os nossos amigos do que com a nossa própria família. Muitas vezes – e é importante essa reflexão na beira do caixão do Adão – nós achamos que tudo na vida é importante, menos cuidar um pouco da gente mesmo, menos cuidar da nossa saúde, porque quando a gente tem saúde, a gente pensa que tudo pode acontecer com os outros, mas nunca acontece com a gente. Não tem tempo para os filhos, não tem tempo para comer, não tem tempo para almoçar, para jantar, às vezes vai comer duas horas da manhã, duas e meia, três horas da manhã, vai se deitar com a barriga cheia, não sabe o mal que isso faz e, no dia seguinte, começa a mesma coisa. E eu sei que essa foi a vida de muita gente como o Adão, e de muita gente que está aqui. É importante que... se a gente valoriza a luta, é importante que a gente viva mais para lutar e para conquistar mais coisas.

O Adão, a cada vez que a gente conversava, eu não me lembro de ter



visto o Adão de cara feia. Tinha um gaiteiro que não tocava gaita, era ele que tocava, era ele quem cantava, às vezes bem, às vezes mais ou menos, nunca tão mal. O Adão era a demonstração mais viva de que é possível ser um guerreiro, ser um lutador, defender princípios, mas nunca perder o bom humor. Ele estava sempre, sempre fazendo as coisas.

E parece... Mesmo nos momentos em que ele tinha que demonstrar ódio, ele não demonstrava. E é só a gente olhar a cara do Adão aqui, neste caixão: ele está com a fisionomia com a mesma leveza, sentado a uma mesa discutindo os problemas da reforma agrária, os problemas do Congresso Nacional.

Eu estava ouvindo os companheiros falarem e eu me lembrei – e aqui, sobretudo, para a família do Adão Preto – eu estava me lembrando das palavras do dom Cláudio Hummes, em maio de 1980, quando a minha mãe morreu. Eu estava preso e a minha mãe não sabia que eu estava preso, porque a gente não queria que ela soubesse que eu estava preso. Ela tinha medo de que eu tivesse entrado no Sindicato, com medo de eu ser preso; ela tinha medo de que criasse o PT, com medo de eu ser preso, e finalmente eu fui preso. E nós passamos, oito filhos, a esconder da minha mãe que eu estava preso. Mas, no dia do enterro, o delegado que me prendeu era o Tuma, e ele então fez o gesto de me levar ao enterro da minha mãe.

Eu não acredito que um filho ou uma filha se conforme com a morte do pai ou da mãe, ou de um companheiro. E eu sei que vocês, hoje... isso aqui é como anestesia, a gente está na frente do caixão, a gente está anestesiado. Vão se passando os dias é que vai chegando na nossa consciência o dia do “nunca mais”, o dia em que a gente vai se dando conta. Amanhã, depois de amanhã vocês vão estar na casa de vocês, imaginando que não seja verdade, imaginando que ele não morreu. Muitas vezes, a porta vai se mexer e vocês vão pensar que é o Adão que está chegando. Até que chega o dia em que bate a consciência final de que nunca mais.



Eu estava desse jeito. Aí, o dom Cláudio Hummes me dizia assim: “Lula, para você e para os seus irmãos, qual é o consolo que a gente tem que ter? Primeiro, que o ser humano é como se fosse uma árvore, ela bota frutos, esses frutos botam novas sementes, que botam novos frutos”. E se a gente ver a árvore que o Adão Preto significa para o movimento social e para a família, a gente vê que já tem nove árvores adultas, que já tem – quantos netos? – mais nove árvores menores. Já tem agora mais uma frutinha, que é o netinho que acabou de nascer – um bisneto – e certamente essa árvore que significa o Adão Preto está germinando uma pequena floresta, que vai gerar mais frutos, mais sementes e mais árvores.

É essa a sabedoria de Deus quando criou a vida: é que a gente renasce nos nossos filhos, nos nossos netos, nos nossos companheiros. A luta continua, as disputas continuam, e eu acho que não tem fim, até porque a luta faz parte da coexistência da Humanidade ao longo da história.

Agora, é importante que vocês também tenham tranquilidade. O homem não vale pela quantidade de discursos que ele faz. O homem não vale pela quantidade de anos que ele viveu. Nós, seres humanos, valem pela qualidade de vida, pelos compromissos e pelas lutas que fizemos em vida.

Eu digo sempre, e várias vezes eu falei isso, que mesmo que a gente tivesse que viver apenas um minuto, esse minuto deveria ter valido a pena porque a gente teria dedicado esse minuto de vida a alguma coisa boa. Se vocês somarem 63 anos, que o Adão Preto completou no dia 18 de dezembro, transformarem isso em horas, em dias e em minutos, vocês vão perceber que a família, mesmo no sofrimento, sabe que vai carregar pela família, daqui a dez ou 15 gerações, o orgulho, porque cada minuto deste companheiro cantador, lutador, gaiteiro, deputado mas, sobretudo, esse grande companheiro...

E qual é a alegria da gente, que é cristão? Essa é a vantagem de sermos cristãos, de crermos em Deus e crermos no outro mundo, essa é a vantagem. Certamente, uma pessoa que não crê em outro mundo, não crê em



outra vida, não tem a tranquilidade. Mas nós sabemos para onde ele vai. E nós sabemos que lá ele está encontrando quantos companheiros sem-terra que morreram na luta, ele está encontrando companheiros como o Paulo Freire. Não sei quantos livros ele leu, do Guevara, mas certamente não tem as fronteiras que tem aqui, em terra. Ele está encontrando com os companheiros que, antes dele, deram a vida para que ele pudesse viver até os seus 63 anos. Tenho certeza absoluta.

Por isso, eu sei que é muito difícil consolar um filho, consolar uma mulher, consolar um neto, não tem palavra de consolo na morte. Eu só queria dizer para vocês: se tem uma família que conquistou o direito de andar de cabeça erguida neste país, de ter orgulho de cada minuto que este homem viveu e de ter orgulho da humildade, do show que ele dava na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul enquanto deputado, da respeitabilidade que ele conquistou enquanto deputado federal, do respeito que ele conquistou em todos os lugares de que ele participou, se tem alguém que tem que andar de cabeça erguida, não ter vergonha de chorar – porque quando a gente chora a perda de um companheiro que valeu a pena ter passado pela Terra é motivo de muito orgulho – é a família de Adão Preto.

E nós temos que dizer para quem quiser ouvir é que: baixinho, valeu a pena Deus ter te colocado no mundo e você ter criado uma família tão extraordinária quanto a tua. Por isso, esteja certo de que você é um símbolo dos sem-terra, um símbolo do lavrador mas, sobretudo, você é um símbolo da dignidade humana. Parabéns à família.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura do Encontro Nacional de Novos Prefeitos e Prefeitas

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 10 de fevereiro de 2009

Pelo que eu estou vendo, vocês estão com pressa de ir embora. Mas vai ter muita coisa para vocês fazerem aqui.

Eu queria cumprimentar o companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,

Queria cumprimentar o Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Queria cumprimentar o companheiro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,

Queria cumprimentar minha companheira Dilma Rousseff, em nome de quem eu cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Queria cumprimentar os companheiros governadores que estão aqui presentes – parece que depois do Arruda só tem o Wagner e o Wellington aqui presentes, da Bahia e do Piauí,

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais líderes de partido, líderes de governo,

Quero cumprimentar os companheiros prefeitos e prefeitas que estão aqui – as prefeitas numa minoria muito grande, porque só 9,5% dos prefeitos foram eleitos mulheres agora,

Cumprimentar os prefeitos das capitais – vocês são tão grandes que às vezes são maiores do que alguns estados,

Quero cumprimentar o companheiro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil; Luciano Coutinho, presidente do BNDES; Maria Fernanda Ramos



Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal. Esses três vocês precisam tratar com uma certa deferência, porque é daí que vai sair parte da prata que todo mundo precisa neste país.

Quero cumprimentar o companheiro Jair Meneghelli, presidente do Conselho do Sesi,

Quero cumprimentar o Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, que precisa fazer muitas parcerias com as prefeituras deste país,

Quero cumprimentar... Eu não sei o nome dele, mas ali tem um prefeito que levantava um papelzinho para mim e falava assim: “Presidente, eu sou o prefeito mais novo do Brasil, 21 anos de idade”. Acho que é da cidade de Almas, lá em Tocantins. Parabéns. Vai dar muito trabalho, se com 21 anos já virou prefeito deve ser um “casca de ferida” sem tamanho. Vamos tomar cuidado aí.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, presidente Sarney e presidente Temer, um quadro importante, para que a gente tenha... Deixa eu ver uma coisa aqui, companheiros. É que na minha nominata não tem o nome do Paulo Ziulkoski, não tem o nome do João Paulo Lima, e não tem o nome do José do Carmo, os três companheiros que falaram antes de mim. Podem estar certos que nós estaremos na Marcha dos Prefeitos, que vocês convidaram, com a mesma garra e a mesma disposição de discutir a questão do municipalismo neste país.

Mas é um quadro interessante que a imprensa brasileira precisa registrar: 72% dos municípios possuem até 20 mil habitantes, e eles representam apenas 18,22% da população brasileira. Do outro lado, 4,5% dos municípios possuem mais de 100 mil habitantes, representam 53,6% da população. João Renhold, alegria de te ver aqui, meu filho.

Uma outra coisa importante aqui, neste plenário cheio de vibrações das últimas eleições, porque a temperatura não passou, alguns não conseguiram



nem abrir a porta da prefeitura ainda, outros não acharam o computador, outros estão procurando o motor da ambulância. Mas a verdade é que vocês são o resultado da essência da democracia do nosso querido País.

E, por isso, um outro dado importante: nunca antes, na história do Brasil, nunca antes foram reeleitos tantos prefeitos neste país. Quarenta por cento dos prefeitos foram reeleitos, 60% são novos. Dos 60%, 50% foram apoiados pelo prefeito que deixou o poder. Ou seja, significa que, na verdade, são quase que 60% ou 65% de prefeitos reeleitos, ou quase que reeleitos, porque elegeram o seu sucessor.

O que aconteceu nessas eleições, que tanta gente foi reeleita? O que aconteceu, na verdade, é que os prefeitos brasileiros nunca tiveram, na sua cidade, a quantidade de políticas sociais e a quantidade de obras públicas como nós tivemos agora nesses últimos anos, por conta do PAC. Dos 5.500 municípios, pelo menos 5.200 têm alguma obra vinculada entre o governo federal, governo estadual e prefeitos. E vocês sabem quantos prefeitos foram eleitos neste país em outras épocas, e que terminavam o seu mandato sem ter construído uma única obra porque não tinham dinheiro ou porque não estavam credenciados a fazer nenhum convênio com o governo federal ou com o governo estadual. Vocês sabem quantas vezes um simples companheiro de vocês no estado, um governador, só atendia aqueles que eram do seu partido e não atendia aqueles que eram eleitos pela oposição.

Vocês sabem que a vinda de vocês aqui hoje é muito mais do que uma pauta de reivindicação que vocês vão fazer na Marcha dos Prefeitos. A vinda de vocês aqui hoje, um pedido pessoal meu depois de assistir uma exposição do IBGE, depois de ir a Pernambuco em uma reunião com os governadores do Nordeste e constatar o índice de mortalidade infantil no Nordeste e no Norte do País, e constatar o índice de alfabetização no País, mas sobretudo no Norte e no Nordeste.



Eu cheguei a Brasília e disse ao companheiro José Múcio que eu gostaria de fazer uma reunião com os prefeitos, e a idéia era fazer a reunião ainda no ano passado. Mas aí me veio uma dúvida: eu faço antes das eleições? Não posso fazer. Eu faço depois das eleições? Quem eu convido? O prefeito que vai sair ou eu convido o prefeito que vai entrar? Eu não poderia convidar o prefeito que ganhou porque seria um desrespeito ao prefeito que estava em exercício. Então, eu falei: vamos esperar os prefeitos tomarem posse e vamos chamar os nossos companheiros prefeitos para que a gente possa fazer uma boa discussão, para que a gente possa abrir as portas do governo federal, para que a gente possa consolidar uma relação tão forte entre o ente federado prefeito e o ente federado União, que nenhum governo que venha depois de nós tenha coragem de desmontar essa relação sadia e democrática que nós criamos neste país.

Muitas vezes as conquistas democráticas são esquecidas. Por exemplo, os meus filhos não sabem a quantidade de porrada que eu tomei para eles conquistarem um pouco de democracia neste país. Mas não faz muito tempo. Ah, meu querido Paulo, quantas vezes tentaste falar com o presidente da República, e o máximo que ouvias era um cão, cachorro policial latindo, querendo rasgar as tuas calças. Ah, meus companheiros da Frente Nacional de Prefeitos, quanto desrespeito. Vocês foram submetidos a verdadeiros vexames na tentativa apenas de dizer que vocês existiam, que vocês queriam governar, e que vocês tinham a mesma necessidade que tem o governo federal, a mesma necessidade que tem um governador de estado.

Vocês precisam de mais recursos, precisam de uma máquina melhor preparada, precisam de quadros tecnicamente bem formados, porque nós constatamos – e vocês já constataram há muito tempo – que muitas vezes um prefeito toma posse e não tem sequer a chave da Prefeitura para abrir a porta porque o antecessor levou a chave embora. Eu mesmo, lá no Vale do Jequitinhonha, uma vez tive que arrombar a porta de uma prefeitura para que a



prefeita, a nossa queridinha Cacá, pudesse assumir a Prefeitura. A cidadezinha chamava-se Araçuaí, se não me falha a memória, no Vale do Jequitinhonha. Esses dias eu vi pela televisão, também candidatos eleitos tentando entrar, a porta [chave] não estava.

Quando eu propus aqui um projeto de lei regulamentando a transição, é para que a gente torne a relação política mais civilizada e mais responsável entre o eleito e o derrotado, porque afinal de contas, todos devem governar para que a cidade tenha o melhor possível.

Mas eu hoje estou meio frustrado. Aquele dia em que a gente acorda... todo mundo tem, não é privilégio meu. Tem dia que a gente acorda “virado”, se deixar cair um pingo de suor no copo vira limonada.

Eu vi o que alguns jornais falaram dessa reunião e fiquei triste como leitor. Fiquei triste porque estão abusando da minha inteligência. Fiquei triste porque ainda tem gente que pensa que o povo é marionete, é “vaca de presépio”, é comboio. As pessoas não percebem que o povo já consegue pensar com a sua própria cabeça. Acabou o tempo, e se alguém achava que podia interferir em uma eleição porque era formador de opinião pública... porque se fosse assim, muitos de vocês não estariam eleitos, porque os formadores de opinião pública foi o povo da cidade de vocês.

Disseram que este ato aqui é que eu ia fazer o pacote da bondade. Mas um foi mais longe, procurou carta de leitores para publicar na matéria, dizendo como é que o Presidente vai dar dinheiro para prefeito bandido. E eu fiquei pensando em como é fácil julgar as pessoas. Como é fácil condenar as pessoas previamente, sem saber sequer o que as pessoas vão fazer. Não dando sequer uma oportunidade para vocês provarem que não são os ladrões que eles escrevem que vocês são. Não deram nem um dia, vocês nem tomaram conta da máquina. Não é possível que a gente possa se calar diante de tamanha ofensa, diante de tamanha aberração.



Outros foram mais além. Outros disseram que é um ato para promover a dona Dilma Rousseff. São pessoas pequenas. Eu, graças a Deus na minha vida, nunca tive bondade. Nunca tive um favor, nunca fui eleito porque a imprensa brasileira me ajudou. Eu fui eleito porque suei cada gota de suor, cada gota de lágrima desse país, para enfrentar o preconceito, para enfrentar o ódio dos de cima com os de baixo. Eu poderia não estar falando isso aqui, porque o presidente da República precisa ter postura. Eu posso perder a minha postura, mas não perco a minha vergonha e não perco o meu caráter. Não posso perder e não posso permitir insinuações grotescas com uma reunião que tem objetivo de mudar o patamar definitivo das relações entre os entes federados. Antes de me reunir com vocês, eu me reuni com os governadores do Norte e do Nordeste para discutir o mesmo tema que quero discutir com vocês, o mesmo assunto que eu quero discutir. E mais para frente vou me reunir com os governadores do Sul e do Sudeste, que também têm o mesmo problema, mas com menos gravidade do que têm os prefeitos e que têm os municípios das regiões mais empobrecidas desse país.

Pois bem, companheiros e companheiras, vocês vão ficar aqui mais um dia e vão ter possibilidade de debater todas as angústias, as agruras, que envolvem a vida de cada um de vocês. Porque o período mais fantástico da vida de vocês já acabou, é o entre a vitória e a posse. Não tem nada mais gostoso do que esse período entre o dia em que a gente ganha e o dia em que a gente toma posse. A gente tem uma importância extraordinária na nossa cidade. Gente que nem cumprimentava a gente bate nas costas, porque político tem um problema, não é? A gente, sem mandato, nem vento bate nas costas. Então, esse período acabou. Vocês agora vão entrar no período de cumprir aquilo que vocês prometeram durante a campanha eleitoral. Cada um, com a melhor das intenções, elaborou um programa e foi para a rua convencer as pessoas de que aquele programa era o melhor para a sua cidade. Vocês vão descobrir também a diferença entre o programa e a possibilidade de



executar o programa. Vocês vão descobrir que entre a gente pensar em fazer uma obra, elaborar o projeto, conseguir licença, fazer licitação e responder todas as demandas jurídicas, às vezes termina o mandato e a gente não consegue licitar obra ou começar a fazer obra.

O que nós queremos com essa reunião não é criar facilidades. O que nós queremos é criar compromisso. Por que vocês precisam de tantos papéis para fazer um convênio? E ainda nós temos um problema grave no Brasil e é importante o companheiro Michel Temer e o Sarney, presidente do Congresso Nacional, perceberem. Nós temos um problema sério no Brasil: é que nós temos eleições a cada dois anos e faltando seis meses para as eleições a gente não pode mais fazer convênio. É por isso, companheira Dilma, que as obras do PAC tiveram uma certa diminuição no segundo semestre. É porque não se podia mais contratar e não se podia mais fazer convênio.

Nós queremos nesta reunião, que vocês vieram a Brasília, começar a estabelecer uma nova linhagem de comportamento entre nós, para que a gente torne a vida dos prefeitos – não o prefeito da capital, imagina um prefeito de Belo Horizonte, de Salvador, de Curitiba, imagina de Ribeirão Preto, imagina de Aracaju, de Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro, eles não têm problema. Eles ligam para qualquer um na Câmara, são atendidos na hora, ligam para qualquer (incompreensível) são atendidos na hora, ligam para o Presidente da República, não são atendidos na hora, mas são atendidos pelo meu assessor direto. Agora, e o prefeitozinho de uma cidade de 5 mil habitantes, lá em Xiririca da Serra, com quem ele conversa? A quem ele pede socorro? Quem é que vai ajudá-lo a fazer um projeto? Quando tem enchente em algumas áreas pobres deste país ou mesmo em uma área rica, como tivemos agora em Santa Catarina, decreta-se calamidade pública e para cumprir todos os papéis, às vezes demora meses, meses e o prefeito não consegue preencher toda a papelada que tem que preencher, mesmo o Presidente da República indo lá e vendo as pessoas embaixo de terra, a burocracia diz: “preencha a papelada.



Se não preencher a papelada, você está ilegal. E se tiver ilegal o Tribunal de Contas vem em cima de você, o Ministério Público vem em cima de você, vem um processo em cima de você e vem a imprensa em cima de você, então cumpra-se a papelada, preencha cada palavra ou cada letra porque...”. É muito difícil você fazer as mudanças em um curto espaço de tempo, é um processo. Eu digo sempre que o governo, vocês tomaram posse na prefeitura agora, vocês são o trem. A máquina da prefeitura é a estação e o trem passa, faz barulho, grita, buzina, a estação está lá, impávido colosso, entra um passageiro, sai outro, vocês vão embora, a estação fica. É assim a máquina pública brasileira. É assim que funcionam as coisas.

E esta reunião tem como objetivo criar as condições para que não seja mais assim daqui por diante. Criar as condições para que um prefeito, no seu gabinete - ou ele diretamente ou a sua secretária - possa através da internet acessar qualquer programa, obter qualquer informações, sem precisar tomar dinheiro emprestado para vir a Brasília ficar batendo de porta em porta e, às vezes, sendo atendido por pessoas de terceiro escalão ou quarto, no ministério que, muitas vezes, também não consegue resolver. Às vezes o dinheiro de que ele precisava é menor do que ele gastou para ficar aqui. Nós queremos evitar que essas coisas continuem acontecendo.

Os companheiros da Frente de Prefeitos sabem que no encontro passado, na Marcha dos Prefeitos, o Paulo Bernardo estava na minha frente quando eu disse ao Paulo Bernardo: é preciso, companheiro Paulo, que o Ministério do Planejamento refaça toda a papelada para que a gente possa diminuir, ao máximo possível, essa interação, sem a qual vocês não irão ter acesso às coisas que precisam ter. Tem prefeito que terminou o mandato agora e, por conta da dívida do INSS, não conseguiu fazer nenhum acordo com o governo federal. E não adianta pedir para a Caixa Econômica fazer. Sabem por quê? Não é má vontade da Maria Fernanda. É que cada servidor público daqueles, se fizer uma coisa considerada ilegal, vai ser acionado judicialmente,



quem tem que pagar advogado é ele mesmo, e os seus bens serão disponibilizados. Então ele preferem exigir os papéis, que é o que dá a ele a garantia de que ele não vai ser admoestado pela Justiça brasileira, pelo Ministério Público ou pelo Tribunal de Contas. Essa é a nossa triste e crua realidade.

Eu não sou mais municipalista do que qualquer outro Presidente da República. A única coisa que eu tenho é que eu sei que apesar de morar num país, de morar num estado, a minha rua é no município, o número da minha casa é no município. E é por isso que eu prezo a responsabilidade do prefeito, porque se o prefeito for bem eu sei que a minha rua vai bem, mas se o prefeito for mal eu sei que a minha e as outras ruas vão mal.

Por isso que é importante a gente valorizar e pactuar. Vocês não imaginam quantas reuniões eu fiz até que a gente criasse o Bolsa Família, tomando como decisão que o cadastramento fosse feito pelas Prefeituras. Na concepção de alguns a única chance de a gente chegar às pessoas, nos lugares mais longínquos do País, era se o prefeito assumisse a responsabilidade de colocar a estrutura da Prefeitura para poder cadastrar as pessoas. Tinha gente que dizia: “Não, precisa cadastrar pelo movimento social”. Nós aprovamos que foi pela Prefeitura e hoje eu acho que tem poucos programas sociais na história do País que tem 11 milhões de pessoas com cartão, que o Presidente não conhece nenhuma, que talvez os prefeitos não conheçam nenhuma, mas que o caixa eletrônico da Caixa Econômica conhece, e é lá que elas tiram o dinheirinho para comprar o leite e o pão de cada dia para as pessoas mais pobres. Isso é graças à interação que estamos fazendo com vocês.

O PAC não teria o sucesso que tem, se a gente não tivesse feito as reuniões entre os governadores e os prefeitos primeiro, para decidir as prioridades. Se nós tivéssemos, apenas aqui de Brasília, inventado as obras e não tivéssemos descido lá embaixo para fazer reuniões com prefeitos e com



governadores, certamente nós não teríamos o sucesso que estamos tendo na implantação das obras do PAC: 87% delas já estão em andamento. E este ano vão ter que andar mais depressa, porque este ano é o ano de uma crise que todos vocês estão acompanhando pela imprensa. É uma crise que nasceu no sistema do coração dos países ricos e que, por irresponsabilidade deles, ela começa a atingir os países periféricos, na medida em que diminuiu o crédito em dólar e muitos países dependiam desse crédito.

Agora é que nós tomamos a decisão: as obras do PAC vão ter que ser intensificadas. Estamos pedindo para cada prefeito que for contratar uma obra que peça para o empresário fazê-la em dois turnos, trabalho de dia e à noite, se for necessário, porque nós precisamos gerar empregos nas cidades, precisamos criar os empregos que as empresas poderão mandar embora. Da parte do governo federal, nós queremos antecipar o máximo possível as obras que já estavam contratadas, e queremos que os empresários tenham a sensibilidade de que nesse momento o que mais importa para nós é gerar postos de trabalho para gerar salário e para gerar renda. Uma estrada pode ser feita em dois turnos, um conjunto habitacional pode ser feito em dois turnos. Se fizer barulho, tiver gente perto, que não faça em dois turnos, trabalhe das 6h às 14h e das 14h às 22h, mas contrate duas turmas. E assim nós vamos poder fazer muito mais em menos tempo e gerar os empregos.

Portanto, estejam certos, nenhuma obra do PAC irá sofrer qualquer diminuição por conta da crise econômica. Nenhuma. Nós cortaremos o batom da dona Dilma e cortaremos o meu corte de unha, mas não cortaremos uma obra do PAC neste país, seja do tamanho que ela for, porque nós achamos que ela é a segurança para o momento que o país está vivendo.

Mas os assuntos que eu queria discutir com vocês, eu acho que vocês ficam tão inquietos quanto eu. São quatro assuntos que me deixam muito inquieto e triste. Entre eles, nós temos a questão do analfabetismo, que é uma vergonha. Nós temos no Brasil, ainda, uma média de 9,9% de pessoas



analfabetas, não são crianças que não entraram na escola ainda – devem ter algumas nos grotões do País – mas são adultos, que é preciso um trabalho mais intenso de convencê-los. Nós não temos como obrigá-los, nós temos apenas que convencê-los.

Mas o que me chamou a atenção é que desses 9,5% de analfabetos que nós temos no Brasil, 19,9% estão no Nordeste brasileiro. Aqui tem um dado errado: apenas 8,8% no Norte, não deve ser esse número. Ou talvez seja 19,8%, mas comeram aqui. Porque os dois lugares que têm maior índice de analfabeto são exatamente o Norte e o Nordeste do País.

Mas não pensem que o Sudeste também... está fora de ordem, ouviu, (incompreensível)? No Sudeste, nós temos 5,7% de analfabetos. Mas, pasmem, caíam de costas, Kassab, porque você não sabia e eu não sabia: no estado de São Paulo nós ainda temos 10% [do total] de analfabetos no Brasil. O estado mais rico da Federação. Significa que nós estamos errando em alguma coisa.

E não adianta o Ministro da Educação criar o programa Alfabetizar. É preciso que a gente pactue com os prefeitos deste país, porque somente vocês é que são capazes de ir no grotão mais distante do centro da cidade e saber se lá tem ou não uma família com analfabetos, um senhor analfabeto, e tentar convencê-lo a voltar para a escola, como forma de ele ganhar a cidadania.

E esse tem que ser um pacto que nós precisamos construir, discutir o que custa isso, como fazer, mas é um compromisso que não é do Presidente da República, não é de um vereador ou de um prefeito, é de todos nós a responsabilidade de acordar um dia com a convicção de que no nosso País não tem mais analfabetos.

Pasmem uma outra coisa, meus companheiros prefeitos das capitais, que vocês vivem com menos angústia do que outros prefeitos: sub-registro civil de crianças até um ano sem registro. De todas as crianças que não têm registro no Brasil, 21% é no Nordeste, 28% [18%] no Norte, 7% no Nordeste



[de] Minas Gerais, 15% dos municípios de Minas que se igualam ao Nordeste brasileiro, até porque Minas Gerais tem uma parte que faz parte do Polígono da Seca, portanto é uma parte muito ligada ao Nordeste. Eu confesso a vocês que quando recebi a informação de que nós ainda tínhamos tanta gente assim, sem registro, neste país, eu custei a acreditar.

Eu lembro que quando nasci, em Caetés, em Pernambuco, eu morava acho que a 3 ou 6 léguas de Caetés para Garanhuns, e eu tenho duas datas de nascimento, porque eu nasci num dia e meu pai me registrou alguns meses depois, em outra data, porque naquele tempo tinha o batistério, não era o registro civil ainda, a primeira fase era batistério. Aqui deve ter muito nordestino com batistério.

Pois bem, ainda temos 400 municípios no Brasil que não têm cartório. E nós precisamos encontrar um jeito de garantir que a partir da hora em que a gente estabelecer esse pacto, em nenhum lugar do território nacional uma criança vai nascer e não ter o seu registro algumas horas depois de ela nascida, porque é uma vergonha. É uma vergonha que a maternidade não faça isso, é uma vergonha que só o cartório possa fazer, mas o cartório não está dentro da maternidade. Como é que a gente vai resolver um problema desses? A nossa Secretaria de Direitos Humanos vai fazer proposta para que a gente possa trabalhar junto e possa resolver esse problema.

Confesso a vocês que eu achei que era do tempo em que eu nasci, que tinha até cemitério de pagão. Criança que não era batizada era enterrada fora do cemitério. Aqui dentre nós, só o Sarney deve ter alcançado isso. Não sei se o Maranhão tem as mesmas condições de Pernambuco, mas em Pernambuco era assim: as crianças que morriam antes de batizar eram enterradas em um lugar fora do cemitério.

Então, essa questão do sub-registro não é uma coisa menor, é uma questão de honra para o prefeito, para o Presidente da República, para o governador e para todos os seres humanos que se acham inteligentes neste



país, para o Ministério Público, para o Poder Judiciário, para todas as ONGs, para o movimento sindical. Eu penso que é o absurdo dos absurdos a gente ainda ter crianças que nascem e que não são registradas.

Mas tem uma outra coisa muito grave: a mortalidade infantil. Vou contar uma história para vocês, para vocês verem a minha inquietação. No Brasil, nós temos em média – o Temporão está aí, depois pode discutir com vocês – 19 crianças que morrem antes de um ano de idade, 19 para cada mil. É para cada mil? É para cada mil. Dezenove crianças para cada mil. No Nordeste são 27 crianças para cada mil; no Norte, 21,7 para cada mil; no Sudeste, 13,8 para cada mil. É muito. Países como a Suécia devem ter 7%, Cuba deve ter 4%... Cuba tem 8% ou 4%. Significa, meus companheiros e companheiras... Eu estou dando apenas algumas coisas que eu considero mais graves, porque cada um de vocês pode fazer a ponte que quiser, a estrada que quiser, mas se a gente fizer tudo isso e, ao final dos nossos mandatos ainda tiver esse índice, significa que nós cuidamos pouco daqueles de quem nós deveríamos cuidar, que é a parte mais pobre da população nos nossos municípios.

Nós tivemos, recentemente, um prejuízo enorme neste país. Lamentavelmente, a gente não conseguiu fazer uma marcha como essa dos prefeitos, para não permitir que a CPMF fosse reprovada como ela foi reprovada, porque tiraram pelo menos, do PAC da Saúde, R\$ 24 bilhões que eram destinados só para a saúde brasileira. Como na época tinha uma disputa política, eu entendia que não teve movimento porque tinha disputa política, cada um pertencia a um partido político. Mas agora os prefeitos das capitais vão ter que fazer política de Saúde. Agora, os prefeitos do interior vão ter que fazer política de Saúde. O PAC da Saúde está parado desde o começo de 2007, porque sem dinheiro você não pode implementar. Se alguém acha que é possível fazer políticas públicas sem dinheiro, eu confesso que votaria nele no dia seguinte. Ah, se eu pudesse escolher alguém que não me cobrasse impostos e ainda desse tudo o que eu queria.



É mais ou menos assim no Brasil: as pessoas não querem pagar impostos. Alguns reclamam que não querem pagar, mas esses mesmos falam: “Mas eu quero mais dinheiro para isso, mais dinheiro para aquilo”. E vocês vão sentir nas prefeituras agora. Às vezes um cidadão de classe média baixa paga o IPTU sem reclamar, mas se você for cobrar R\$ 1 a mais da mansão, ah, pode saber que vai ter porrada para tudo quanto é lado em cima de vocês. A história é exatamente essa. Em se tratando de mortalidade infantil, o que eu quero, na verdade? É que nós, do governo federal... e tem mais ou menos 1.200 municípios, hein, Temporão, que é o que tem mais. Mil e 200 municípios têm a grande parte do índice de mortalidade infantil. É sobre esses 1.200 municípios que nós precisamos fazer a grande política de ataque à questão da mortalidade infantil, tratando da mulher, do dia em que ela concebe a gravidez até o dia em que ela tem o filho. E depois que ela tem o filho, cuidar da criança como se fosse do prefeito, do presidente ou do governador do estado, porque esses índices depõem contra todos nós.

Uma outra coisa que me inquieta, sobretudo para as cidades menores: crédito para o trabalhador rural. Às vezes nós disponibilizamos, como este ano, 13 bilhões para o Pronaf, quando chega no final da safra a gente constata que exatamente no Norte e no Nordeste as pessoas não retiraram tudo. No Sul do País, sobretudo no Rio Grande do Sul, como o pessoal é mais organizado em cooperativas, eles tiram tudo, mas no Norte e no Nordeste não tiram.

Então, eu queria pedir ao prefeito, porque às vezes o sindicato não está informado, que o prefeito, junto com o gerente da agência bancária, junto com o sindicato, mapeasse os trabalhadores e os orientasse para ir buscar o crédito que ele tem lá, para ele poder produzir. Porque não tem nada mais triste do que você disponibilizar o recurso, e depois esse recurso voltar porque as pessoas não foram pegar.

Essa questão de financiamento de máquinas para prefeituras. Nós vamos colocar um limite, porque se a gente não colocar um limite, nunca vai



chegar para o Norte e para o Nordeste, as cidades mais ricas tendem a pegar. E nós precisamos garantir uma parte para as cidades mais pobres deste país, para as menores, senão serão sempre os mesmos. O Kassab não precisa, o Paes não precisa, o Marcio não precisa, o Coser não precisa, imagina se eles fossem disputar esse dinheiro com os prefeitos de uma cidade de 10 mil habitantes. Porque, o que nós estamos convencendo o meu querido BNDES, o meu querido Banco do Brasil, é que lá no interior deste país não tem asfalto. Lá, às vezes, o prefeito precisa de uma máquina para tirar a produção agrícola de um pequeno agricultor, para fazer um pequeno açude, para fazer uma coisa que possa permitir que a pessoa sobreviva. Ninguém está pedindo asfalto, guia, sarjeta, é uma máquina para deixar a rua transitável. E isso, nós temos que balancear para que esse dinheiro chegue a todos os companheiros deste país.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu, que ia falar pouco... Se tiver uma medida provisória minha lá, o Sarney e o Temer aqui, eu estou desgraçado porque ela não passa, porque eles estão aqui ouvindo discurso, e eu preciso também liberá-los logo.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês: eu, daqui a dois anos estou fora, junto com vários governadores. Mas vou continuar sendo um cidadão brasileiro, vou continuar viajando por este país. E tenho certeza de que nesses oito anos de Presidência estabeleci uma relação com as prefeituras deste país. E para mim não importa que seja do PFL, do PSDB, do PT, do PMDB, do PTB, do PDT, do PCdoB, não importa, do PRB, do PR, não importa.

Eu acho que o que nós estamos fazendo aqui vai nos permitir que onde a gente se encontrar, em qualquer lugar, a gente possa olhar um na cara do outro e não fazer cara de nojo, de repugnância: “Olha, aquele desgraçado ali era o presidente que não me atendia”. Ou: “Aquele condenado ali era o prefeito que fazia oposição a mim”. Eu espero muito mais de vocês, porque quero dar muito mais para vocês.



Eu acho que nós aprendemos a ser companheiros, nós aprendemos a nos respeitar, nós aprendemos a compreender que vale qualquer coisa para a disputa política, vale até xingamento – eu não gostaria, mas vale. Cada um tem um partido político. Mas, meus filhos, quando a gente ganha, a grandeza de um homem público tem que fazer com que... Ele não precisa esquecer as mágoas, ele não precisa esquecer as ofensas, os ataques, as brigas com os partidos, não esqueçam, pelo amor de Deus, porque se vocês esquecerem, vocês estarão esquecendo da história. Mas coloque-as numa gaveta e enquanto forem prefeitos governem, governem para todos, para pobres, para ricos, para contra, para a favor, façam o que vocês têm de melhor, porque senão hoje vocês são heróis, daqui a dois anos, dependendo do comportamento, alguns não poderão mais sair na rua, outros terão vergonha.

E eu tenho a certeza e a convicção de que todos vocês foram eleitos com a maior boa vontade, com a intenção de dar de vocês, o que vocês têm de melhor, para atender à população da cidade de vocês.

Eu só queria terminar pedindo uma coisa para vocês. A política é ingrata. A política tem momentos de heroísmo e tem momentos de desgraça. Agora mesmo, nessas eleições, eu vi prefeito fazendo festa porque ganhou e, na semana seguinte, estava fazendo protesto porque foi cassado. Eu já cansei de ver prefeito ser carregado pelos braços do povo num mês, e no outro mês não sair na rua com medo de ser achincalhado ou apedrejado. Eu queria que vocês não tivessem medo do povo que elegeu vocês, que não tivessem medo de ir à periferia, que não tivessem medo das pessoas que gritam mais. Às vezes as que gritam mais, são mais inofensivas. O que vocês precisam se preocupar é com aqueles que estão dentro das suas casas em silêncio, fazendo um protesto mais forte contra vocês, mas esperando que vocês cumpram cada palavra que vocês falaram para eles nessas eleições, agora de 2006 [2008].



Eu quero que vocês façam o que eu aprendi a fazer: não percam nunca o direito de andar de cabeça erguida nas ruas das cidades de vocês. Por pior que seja a situação, saiam às ruas, vão conversar, vão explicar, e vocês vão perceber que o povo no fundo, no fundo é mais parceiro do que muita gente que fica dando tapinha nas costas da gente o dia inteiro, a gente pensando que é amigo, e apenas tentando tirar proveito da gente.

Meus companheiros e companheiras,

Ao terminar este ato, ficarão aqui todos os ministros deste país. Vocês pegaram a agenda... A agenda é uma agenda muito pesada. Mas a agenda não é o fim. A agenda é apenas o começo, e eu espero que ao terminar esta reunião, a gente tenha criado duas coisas: uma relação mais verdadeira entre os entes federados deste país, uma relação muito mais verdadeira. Certamente – o Paulo sabe disso, o João Paulo sabe disso e o (incompreensível) – nós nunca vamos conseguir atender tudo o que os prefeitos querem. Mas certamente também, nunca vamos negar tudo o que vocês pedirem e vocês vão compreender que a relação do governo com vocês não é nem um milímetro diferente da relação que vocês vão ter com a cidade de vocês. Os bairros vão pedir coisas e vocês não vão poder dar; a Igreja vai pedir coisas que vocês não vão poder. Vocês ainda têm a solução de dizer: é o presidente da República, é o governador do estado. Eu, como sou católico, não posso dizer que é o Papa. Mas tenham certa uma coisa: a duras penas eu conquistei o direito de olhar no fundo dos olhos de cada um de vocês, e ser o mais verdadeiro que um homem pode ser. Eu posso não dar, mas mentir, nunca, porque eu acho que a primeira mentira obriga você a ser mentiroso a vida inteira porque você vai ter que mentir para justificar a sua primeira mentira.

Eu quero dizer aos companheiros que, do fundo do coração, e aos companheiros da Frente Nacional de Prefeitos – companheiro Paulo, João Paulo e companheiro (incompreensível): esta reunião aqui não tem nada a ver com a Marcha dos Prefeitos. Na Marcha dos Prefeitos, o governo e os



ministros, sempre que convidados, estarão lá para receber a pauta de reivindicação, para discutir com seriedade porque eu acredito que esta geração é a geração que tem a oportunidade de mudar a história deste país. E mudar a história deste país começa por mudar a história da nossa cidade.

Muito obrigado. Que Deus abençoe cada um de vocês. E vamos trabalhar porque quatro anos é muito para a oposição, mas é muito pouco para quem ganhou a eleição. Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o painel “Parcerias nas Políticas dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes: Qualificação Profissional e Combate ao Abuso e à Exploração Sexual”

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 10 de fevereiro de 2009

Bem, primeiro eu começo com um pedido de desculpas a vocês, porque ao terminar o primeiro evento eu, primeiro, ganhei uma gravata que desbotou e manchou toda a minha camisa. E eu pensei que tinha roupa no carro, mandei buscar no carro, a roupa não estava no carro, estava no Palácio do Planalto, então eu demorei. Então desculpem, eu sei que vocês estão aqui desde uma hora da tarde, uma e meia. A única vantagem é que vocês conseguiram sair da cidade de vocês e vir conhecer a Capital Federal.

Segundo, eu queria cumprimentar a companheira Dilma, o Paulo Vannuchi, o Patrus, a Marisa, o Meneghelli.

E queria fazer uma pergunta aqui, só para eu entender com quem eu estou falando. Quem é primeira-dama aqui? Por favor, levante a mão. Tem “primeiro-damo”? Quantos? Vou dizer para vocês que é mais difícil, viu? É mais difícil ser “primeiro-damo”. Prefeitas, tem aqui? Secretárias, tem? Tem quase tantas secretárias quanto primeiras-damas. Várias primeiras-damas são secretárias.

Bem, deixa ver o que eu vou falar para vocês. Vocês vejam como o mundo é pequeno. A gente reclama da vida, mas domingo eu liguei a televisão e eu assisti ao filme sobre a luta das mulheres para conquistar o direito de voto nos Estados Unidos. Parece-me que o nome verídico da mulher era Patrícia Power, uma coisa assim. Era uma mulher que... Eu estou falando da década de 20, para conquistar o direito de voto nos Estados Unidos. E essa mulher era



mulher de gente importante na política, e o movimento para votar fez essa mulher ir presa. Ela é presa com mais outras mulheres – 200 mulheres – ela entrou em greve de fome, ela estava num convento, era uma espécie de uma freira, um negócio meio religioso que tomava conta. E essa mulher, para comer, abriam a boca dela, enfiavam um negócio na boca dela, enfiavam uma mangueira para dar comida para ela. Eu vou começar com isso para dizer para vocês o quanto nós avançamos nesses últimos anos.

Eu vi ali, agora, na reunião com os prefeitos, apenas 9,8% de prefeitos são mulheres. É muito pouco. Na Câmara dos Deputados ainda tem muito poucas mulheres, no Senado tem poucas mulheres. Mas a gente não pode ficar desesperado, porque essas coisas acontecem assim mesmo. É um processo de evolução da espécie humana. A gente vai aprendendo, a cada dia, que nós temos um milímetro de espaço e nós temos que ocupá-lo.

Então, eu penso que daqui a alguns anos, quando um outro Presidente da República estiver conversando com vocês, a gente pode ter 50% de prefeitos e 50% de prefeitas, a gente pode ter mais mulheres do que homens na administração pública. Nós sabemos o preconceito que nós temos que enfrentar pela frente. Nós sabemos que não é fácil a mulher entrar na política, porque ainda tem muito preconceito no Brasil e em outros lugares. Graças a Deus a gente tem o exemplo da Michelle Bachelet no Chile, graças a Deus a gente tem o exemplo da Cristina na Argentina, e a gente vai evoluindo.

E agora, eu não sei se todas as mulheres que já assumiram o posto de primeira-dama, se todo mundo tem noção dos pepinos que vão enfrentar daqui para a frente. Eu disse para os prefeitos que o melhor momento da vitória da gente é o dia da vitória, que a gente recebe o resultado eleitoral até o dia da posse, depois começa o martírio da vida da gente.

O que é importante é que vocês tenham clareza de definir, na cabeça de cada uma de vocês, qual é a melhor forma de vocês contribuírem para a cidade de vocês. Não existe uma função específica na Constituição, o que existe é



uma determinação da pessoa dizer: “Eu quero fazer isso, eu quero fazer aquilo, eu posso fazer porque eu tenho competência para fazer”.

Eu não tenho dúvida nenhuma da importância de uma companheira na vida de um administrador. Não tenho dúvida nenhuma. Já há muito tempo nós vencemos aquele obstáculo de dizer que atrás de cada homem tem uma grande mulher. Isso já é coisa do passado. Hoje, na verdade, muitas vezes as mulheres até no seu anonimato estão na frente, porque elas são mais corajosas quando precisam ser corajosas, elas são mais ousadas quando precisa de ousadia, elas são mais, eu diria, destemidas do que nós, homens. Então, vocês a partir de agora passam a jogar um papel importante na vida de vocês.

É importante ter em conta as durezas da vida na administração pública. Quem aqui mora numa cidade com menos de 50 mil habitantes? Esse é um outro problema que nós, graças a Deus, começamos a reverter porque prefeito de cidade pequena não tinha nem chance de vir a Brasília. Como não existiam políticas públicas, portanto as prefeitas e os prefeitos também tinham pouco para vir aqui a Brasília. Muitas vezes vinham, porque a gente faz o discurso na cidade da gente, depois a gente vai justificar o discurso vindo a Brasília para dizer: “Não consegui porque o governo não quis dar”.

Agora, vocês vão ficar amanhã aqui também. Vão ter várias palestras, me parece que também para vocês, com vários companheiros. O importante... eu queria pedir a compreensão de vocês, de verdade, queria pedir a sensibilidade, não do prefeito ou a sensibilidade da prefeita, mas a sensibilidade de gênero que a mulher tem muito mais aguçada do que nós, os homens. É que tem muita coisa para ser feita no município, tem muita coisa na relação do prefeito com o governo federal, tem muita coisa com o governo estadual. E se não tiver a determinação de alguém ficar cobrando que aconteçam as coisas todos os dias, não acontecem.



Eu vou contar um pequeno exemplo para vocês. Nós criamos o ProJovem. O ProJovem, no começo, era para a capital. Tinha prefeito que tinha divergência política com o governo federal, então ele se dava ao luxo de não inscrever os jovens da sua cidade para estudar, porque era um programa do governo federal. Isso já está superado hoje.

Mas só para mostrar para vocês como a coisa é difícil. Eu não sei qual é a função que vocês vão ter na prefeitura, mas tem uma função: coloquem na casa de vocês ou no escritório de vocês – de preferência numa casa... Se eu puder dar um conselho para vocês: não levem os problemas da rua para dentro de casa. Quando chegarem dentro de casa, vocês vão viver outro tipo de vida, sobretudo se tiverem filhos e filhas. Não misturem o cotidiano da vida de vocês na rua com a relação com a família de vocês, porque não tem nada pior do que vocês chegarem em casa e um filho falar para vocês: “É, mãe, a gente está se metendo em política também”, “Você não chega mais em casa cedo”, “Você não tem mais sábado, você não tem mais domingo, você não tem mais feriado”. O dia em que isso começar a acontecer, vocês vão começar a ter problemas. É importante que vocês façam da vida política de vocês uma coisa prazerosa, não apenas para vocês, mas uma coisa prazerosa para aqueles que ficam em casa esperando a gente chegar. Eu não sou muito exemplo, mas é exatamente por eu não ser exemplo... porque eu sou um pai que, por conta de estar na política há muito tempo, quase todos os meus filhos nasceram... a Marisa teve sozinha. Quase todos nasceram... um eu estava em uma reunião, o outro eu estava na Bahia, o outro eu estava não sei onde, o outro eu levei ela até a porta do hospital – era o primeiro que eu disse que ia ver nascer – aí aconteceu uma desgramada de uma reunião, eu deixei ela na maternidade e fui para a reunião. Obviamente que se eu voltasse hoje... nunca fui a uma reunião do meu filho porque sempre achei que ela tinha que ir. Então, isso é só um exemplo.



Agora, se o pai tem a sua vida atribulada e a mãe também tem, podem ficar certos de que alguém vai sofrer as conseqüências, e são aqueles que estão em casa esperando a gente chegar com um aconchego, com um carinho, com um chamego. É preciso tomar muito cuidado. Não levar para dentro de casa a raiva que a gente passa na administração pública durante todo o dia. Essa é uma coisa sagrada para vocês manterem a vontade, manterem a disposição.

A segunda coisa que eu queria pedir para vocês é que se vocês colocarem na sala onde vocês vão trabalhar um computador, e vocês tiverem a determinação de acompanhar a programação do governo, as propostas de políticas públicas do governo, e vocês ficarem insistindo para que aquela política pública chegue lá, eu posso dizer para vocês que é possível que a política pública chegue lá, porque sempre tem as cidades maiores que têm mais acesso, que vêm mais a Brasília, que têm mais deputados, que têm mais amizades e que vai levando as coisas, e as cidades pequenas podem ficar em um segundo plano. Então, nós precisamos criar a responsabilidade de vocês cobrarem e de nós fazermos.

Eu vou dar um exemplo: nós lançamos um programa, há um ano e meio, chamado Território da Cidadania. É, na minha opinião, do ponto de vista da elaboração, o mais importante programa que eu já vi na minha vida política. Eu sou militante político há mais de 30 anos. Eu nunca vi um programa tão elaborado como o Território da Cidadania. Ele envolve 19 ministros, faz chegar numa região política de saúde, política previdenciária, política agrícola, política de crédito, política de moradia e tantas outras políticas.

Se vocês assumirem a responsabilidade de dizer “esse programa vai chegar na minha cidade e vai dar certo, porque eu vou acompanhar”, nós temos chance de fazer o programa ser exitoso. Se o prefeito não tiver interesse, se a prefeita não tiver interesse, ou a primeira-dama, que tem uma função, não tiver interesse... Às vezes eu fico viajando pelo Brasil inteiro e



falando do programa Território da Cidadania e, muitas vezes, ele não está acontecendo, porque ele só vai acontecer se a cidade quiser que ele aconteça. Daqui de Brasília nós não temos condições de fazer as coisas acontecerem.

Por isso é que é preciso construir a parceria. Nós, hoje, estamos conscientes de que não conseguiremos fazer nada se a gente não tiver uma cumplicidade com as cidades. Se não tiver cumplicidade com as cidades, não acontece.

A minha preocupação com o analfabetismo só vai acontecer se a cidade quiser que não tenha analfabeto na sua cidade. A minha vontade de diminuir a mortalidade infantil, ela só vai acontecer se alguém na cidade estiver disposto a acompanhar a política de saúde para a cidade. Vocês ouviram o Paulinho Vannuchi falar, a questão do sub-registro civil, ainda tem milhões de crianças que nascem neste país e que não são registradas. É uma coisa abominável. Mas não é tão abominável se a gente não estivesse subordinado a uma lógica dos cartórios. Só quem pode registrar é o cartório, quando poderia ser o prefeito, poderia ser o delegado de polícia, poderia ser o diretor do hospital, poderia ser o médico que fez o parto, poderia ser um monte de gente, até a parteira poderia dar o primeiro atestado, mas tem lógica que tem que ter o cartório. E nós temos 400 cidades no Brasil que nem cartório tem. E aí fica muito mais difícil.

Eu estou só colocando problemas para vocês saberem que se vocês quiserem tem um potencial de trabalho extraordinário para as primeiras-damas fazerem. Um trabalho excepcional, em que vocês peguem a Internet, entrem nos programas do governo federal e digam: “Eu vou querer esse programa na minha cidade. Eu vou querer esse programa aqui na minha cidade. Eu vou querer esse programa de saúde aqui, eu vou querer esse ProJovem aqui, eu vou querer o Pronaf aqui”.

O Pronaf, é uma vergonha. O Pronaf, nós colocamos R\$ 13 bilhões para a agricultura familiar. O que acontece? Nas cidades menores, fora da região



Sul do País, o trabalhador é desinformado, às vezes o sindicato é fraco, às vezes o gerente do Banco do Brasil não dá nem bola para um trabalhador rural.

Imaginem se vocês assumissem de organizar os agricultores familiares, na cidade em que vocês moram, e organizarem para ir ao Banco do Brasil para que eles tenham o crédito do Pronaf. Imaginem o sucesso que é numa prefeitura, se vocês tiverem 200 trabalhadores, 50 ou 100 com crédito para poder plantar. Vocês têm um papel extraordinário para fazer com que os prefeitos possam comprar parte da comida da merenda escolar da agricultura da cidade, sobretudo dos pequenos agricultores ou, quem sabe, das agricultoras, porque agora nós temos o Pronaf Mulher. No fundo, no fundo, o que eu estou querendo dizer para vocês é que vocês podem dar um salto de qualidade na administração pública.

Uma coisa que eu ia falar para os meus amigos prefeitos, lá, era o seguinte: com que cara que a gente quer sair quando terminar o nosso mandato? Qual é a biografia que a gente quer ter quando a gente terminar esses quatro anos? Qual é a biografia? Se a gente não toma cuidado e o prefeito se mete em uma enrascada... Não pensem que é só o prefeito que se mete em enrascada. A hora em que ele se meter, entra mulher, entram os filhos, entram os netos, entra o genro, porque parente não é parente para receber herança – genro – mas na hora da confusão todo mundo é parente.

Então, eu acho que vocês podem dar uma contribuição enorme. Primeiro, de fiscalizar se as políticas sociais do governo federal estão chegando na cidade. Nós não queremos saber o partido que as pessoas são. Não me interessa saber o partido, a religião ou o time de futebol. Não me interessa. O que me interessa é que a política chegue lá, porque não tem nada mais triste do que você disponibilizar recursos e depois, no final do ano, esses recursos virarem superávit primário porque a gente não conseguiu empenhar esse programa.



Eu não sei se a Dilma falou para vocês, mas agora, dentro de poucos dias, nós vamos lançar um programa que vai interessar a todos vocês. Nós vamos lançar um programa para construir, até 2010, além das casas que a Caixa já faz, mais 1 milhão de casas neste país, sobretudo para as pessoas mais pobres. Vocês podem contribuir, quem é primeira-dama, ajudando o marido, quem é “primeiro-damo”, ajudando a mulher, quem é prefeita, trabalhando.

Este ano é um ano delicado em que a gente tem que pensar em tudo o que possa gerar empregos. Vocês viram que na reunião com os prefeitos teve companheiro que reclamou do piso salarial dos professores, que é muito alto e as cidades pequenas não podem pagar. Eu entendo o papel do prefeito. Eu entendo, mas nós precisamos discutir um jeito de ele ter o dinheiro para pagar, e não achar que R\$ 900 é muito dinheiro para uma professora ganhar. Vamos encontrar, porque só do PDE vão ter 5 bilhões para ajudar a pagar o piso salarial. Nós sabemos a diferença de uma cidade grande, de uma cidade rica para uma cidade pequena, mas a gente tem que brigar para encontrar um jeito de arrumar dinheiro e nunca abrir a boca para dizer que uma professora que ganha 900 ganha muito, porque não ganha, não ganha. Sobretudo no Brasil em que as professoras, muitas vezes, fazem o papel de mãe, fazem o papel de avó, fazem o papel de babá. Hoje, numa escola pública, a professora não dá apenas a aula. Ela quer saber se o moleque está comendo, se ele está com piolho, se ele está com caspa, se ele está com uma doença qualquer. O moleque leva para vocês os problemas.

Então, eu penso que nós estamos construindo uma geração de muito mais solidariedade. Eu, quando fui ao ato que o Paulinho Vannuchi contou para vocês, da prostituição infantil, nós, seres humanos normais, achamos tão abomináveis a prostituição infantil, a violência contra a mulher, que é uma coisa absurda, e a gente pensa que elas só acontecem no meio dos pobres. Elas



acontecem na classe média, que fica enrustida às vezes, e que não contam para ninguém.

Eu dizia lá no Rio de Janeiro: qual é o papel que os meios de comunicação ensinam para as nossas crianças? O que as nossas crianças assistem todo santo dia? Qual é o programa educativo? O que uma criança que fica com o controle remoto... antigamente era fácil: tinha que se levantar do sofá para mudar de canal. A molecada ficava brigando, ninguém queria mudar de canal. Mas agora com controle remoto, a gente termina não vendo nada, porque mudam toda hora, ficam virando o tempo inteiro. E o que é que tem na televisão? Quanta coisa tem, que educa os nossos filhos, na televisão? E esses assuntos são todos tabus no Brasil. A gente não quer discutir. Um não quer que dê preservativo, o outro não quer que dê educação sexual na escola, o outro não quer que (incompreensível). A gente fica numa hipocrisia de manter os tabus, que não resolve os problemas do cotidiano da nossa família.

E cada um tem de nós tem um problema que está na casa dos outros. Quando a gente vê uma criança drogada, a gente fala: “São os amigos”. A gente nunca pergunta para a gente em frente ao espelho: “O que é que está faltando eu fazer para que meu filho não se meta nisso? Onde está o meu erro? Qual é o exemplo que eu estou dando dentro de casa? Qual é o exemplo que meu marido está dando dentro de casa? O que ele vê na televisão, que pode educá-lo a não querer fazer aquilo?” Nada. Nós estamos órfãos, na verdade, porque nós não temos programas educativos que possam contribuir para a gente acabar com essa coisa dentro de casa.

Esses dias eu... posso contar para vocês como primeira-dama, eu vi um vídeo da CPI da pedofilia, e eu peço a Deus que vocês nunca vejam, porque as coisas abomináveis que eu vi com crianças de um ano, com crianças de dois anos, nenhum animal irracional na sua normalidade é capaz de fazer um gesto de brutalidade que um cretino, um canalha pode fazer com uma criança para ganhar dinheiro na internet. E tudo isso vai se aproveitar para vocês. Ah, que



bom seria se a vida de quem é eleito fosse só coquetel, fosse só recepção, fossem só aplausos. É muito mais difícil do que isso.

Eu vou contar uma coisa para vocês aqui, já fazendo um apelo para mim como homem. Vocês podem ser o garante do prefeito ser melhor ou pior. Vocês podem ser o garante, porque o prefeito pode contar uma história que não seja verdade na rua, mas ele não conta a terceira dentro de casa porque a mulher descobre. Ele não conta.

Então, eu acho que vocês podem mudar um pouco a lógica do papel da primeira-dama neste país. Podem mudar a lógica. Eu estou vendo aqui uma grande maioria de jovens, possivelmente companheiras de prefeitos pela primeira vez, cheias de vontade de fazer as coisas, cheias de tempo para dedicar, e eu queria dizer para vocês: dediquem, coloquem no coração o cuidado com a cidade de vocês, mas sobretudo olhem os mais pobres.

Por exemplo, como é que a gente atinge o Bolsa Família se não tiver pessoas que fiscalizem se quem está inscrito são os mais pobres da cidade? Como é que a gente acaba com o analfabetismo se não tiver alguém na cidade que vá aos grotões saber por que aquele adulto não estudou? O ProJovem paga para esse companheiro voltar a estudar, ele dá uma ajuda para ele voltar a estudar e formá-lo profissionalmente, mais ou menos como esse curso que o Meneguelli acabou de mostrar na televisão ali.

E depois, outra coisa que vocês não podem se cansar: não deixem de colocar idéias que vocês acham que é importante para que a gente possa transformar essas idéias em projetos de lei, em políticas públicas. Coloquem, porque a gente também não sabe tudo, a gente vive aprendendo todo santo dia. E vocês, que estão começando agora uma atividade pública, vocês estão com a cabeça cheia de idéias, vocês não estão com o vício da máquina ainda. Vocês não estão naquela fase em que acham que não podemos fazer nada porque a máquina é assim mesmo. Vocês estão com vontade de mudar as coisas neste país.



Eu queria pedir para vocês, para terminar, e dizer para vocês: coloquem a inteligência de vocês para cobrar de nós. Nós já fizemos muitas coisas e eu sei que fizemos muitas coisas, mas eu acho que ainda falta fazer muita coisa neste país. Muita coisa. Do ponto de vista da educação, do ponto de vista da saúde, nós temos muita coisa para fazer. Vocês têm que aproveitar esse sangue novo, essa esperança que vocês estão, porque cada uma de vocês eu acho que se deita à noite pensando: “Puxa vida, eu quero que o meu marido faça isso, eu quero resolver aquilo”. Mas se vocês pensarem assim ao deitar, se levantem com a mesma vontade, não desanimem. Não pode esquecer da boa idéia porque se levantou, porque entrou na vida real.

Então, eu acho, companheiras, que o Brasil vive um momento excepcional na política, e vocês, tanto as 9,5% de prefeitas que tomaram posse como as quase 5 mil primeiras-damas que nós temos no País, podem ajudar a mudar a cara do País. O que não pode é vocês entenderem que vocês não foram eleitas, portanto vocês não têm nenhuma obrigação. Vocês têm muita obrigação, muita, e eu espero que vocês exerçam a obrigação de vocês. Primeiro, cobrando o direito que vocês têm, cobrando do governo federal, cobrando do governo estadual, cobrando do prefeito, cobrando da Câmara de Vereadores, porque nós temos clareza de que – e essa é a minha idéia que eu disse hoje aos prefeitos da minha relação com a municipalidade – nós poderemos viajar, andar de avião, mas a gente sempre retorna à nossa cidade.

Eu me lembro que uma vez nós fizemos uma música para uma campanha, que não interessa quando – alguns se lembram aí – uma música que dizia: “a minha cidade parece pequena se comparada a um país, mas é na sua, na nossa e na minha cidade que a gente começa a ser feliz”. Eu acho que isso... Isso é uma coisa excepcional.

Eu tenho mais dois anos de mandato. Estão aqui os ministros, amanhã estarão aí, fazendo as palestras deles. Ao terminar a palestra, por favor, pelo amor de Deus, não permitam que quando vocês retornarem à sua cidade e



começarem a viver o cotidiano dos problemas que vocês têm, não esqueçam de que aqui tem um governo que está disposto a fazer o que não foi feito, que tem um governo que está disposto a aprender mais do que ensinar, e tem um governo que sabe que nós temos que fazer muita coisa ainda. Eu sei do que já fizemos, mas sei do que falta fazer, sei do tempo que nós vamos levar.

Agora mesmo, estamos com uma crise econômica, uma crise que vocês estão vendo na televisão. Estou com dó do Obama, porque ele está com mais problema do que eu, a crise lá é muito mais profunda do que aqui. Mas como os Estados Unidos são a maior economia do mundo, ela vai prejudicar outros países. Vocês não sabem o quanto eu rezo para o Obama acertar, não só porque eu não quero que a crise deles prejudique o Brasil, mas é porque eu acho que é o seguinte: imaginar aquele país preconceituoso ter eleito um negro Presidente da República é uma coisa tão excepcional que o Obama não tem o direito de errar.

Companheiras, primeiras-damas, prefeitas, secretárias, “primeiros-damos”,

Eu conheço um companheiro “primeiro-damo”, que era o marido da nossa Maria do Carmo, em Betim – não sei se ele está por aqui. Eu posso dizer para vocês que ele não tinha nenhuma vontade de ser “primeiro-damo”. Ele ficava extremamente incomodado quando a prefeita chegava tarde, quando a prefeita fazia reunião. Mulher tem mais paciência, mulher espera. Está certo que, de vez em quando, vocês olham no relógio: “Isso é hora? Não devia ter chegado mais cedo?”. Eu sei.

De qualquer forma, eu estou desejando para vocês a mesma sorte que eu desejo para a minha companheira Marisa. E espero que vocês... Deus ajude que vocês se comportem, na cidade de vocês, como a Marisa se comporta comigo, ou seja, a Marisa não é mulher de querer participar de festa, a Marisa não é mulher de querer participar de coquetel, agora, nos momentos mais difíceis é que eu sinto o valor da galega com quem eu casei há 35 anos.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço. Boa sorte para vocês, queridas.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao Presidente da República da Namíbia, Hifikepunye Pohamba

Palácio Itamaraty, 11 de fevereiro de 2009

Excelentíssimo senhor Pohamba, Presidente da República da Namíbia e sua senhora,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Ministro das Relações Exteriores da República da Namíbia,

Demais integrantes da delegação da Namíbia,

Ministro Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores,

Demais ministros brasileiros que estão participando desta recepção,

Senadores,

Deputados,

Empresários,

Convidados,

É com grande alegria que recebo hoje o presidente Pohamba. Vossa Excelência está dando seguimento ao trabalho do companheiro Sam Nujoma na consolidação de uma democracia próspera e vibrante, que inspira a luta por paz e justiça em toda a África.

Sua visita, amigo Pohamba, confirma a vitalidade do diálogo entre Namíbia e Brasil e nossa determinação em transformar, cada vez mais, o Oceano Atlântico em nossa fronteira comum, uma ponte entre nossos povos. É o que estamos fazendo por meio da missão naval que a Marinha do Brasil mantém na Namíbia. Desde 1998, quase 500 oficiais namibianos receberam treinamento no Brasil, e atualmente outros 162 integrantes da Marinha da Namíbia estudam em nosso país. Graças a esses laços, podemos ouvir



português com sotaque brasileiro nos meios militares desse querido país africano.

Quando estive na Namíbia, em 2003, uma embarcação brasileira foi incorporada às Forças de Defesa, e no mês passado entregamos à Marinha da Namíbia um navio-patrolha construído no Brasil. A partir do segundo semestre deste ano, chegarão quatro lanchas-patrolha também produzidas no Brasil. A Namíbia estará dando, então, passo decisivo para exercer plenamente sua soberania sobre seus recursos marítimos. Os excelentes resultados dessa cooperação nos encorajam a levar nossa parceria para outros setores prioritários.

O empenho que o governo do presidente Pohamba dedica às políticas sociais abre extraordinárias possibilidades de colaboração no combate à fome, à pobreza e à exclusão social. Assim como o Brasil, a Namíbia reconhece no atendimento das necessidades dos segmentos mais carentes instrumento fundamental de resgate de nossa dívida social.

Com a abertura de escritórios da Embrapa e da Fiocruz no continente africano, ficou mais fácil compartilhar avanços nas áreas da agricultura e da saúde. Estão criadas as condições para juntarmos esforços para realizar o potencial da agricultura familiar como fonte de empregos e segurança alimentar para nossas populações mais vulneráveis.

Sei que podemos contar com o indispensável engajamento do setor privado para realizar as possibilidades da parceria entre nossos países. O comércio bilateral aumentou mais de seis vezes desde 2002. Somente no último ano cresceu 40%. Mas precisamos ampliar e equilibrar nossas trocas, com o Brasil importando mais produtos da Namíbia. Por isso, missão empresarial brasileira irá à Namíbia, em julho deste ano, em busca de novas possibilidades de negócios.

No setor energético, as empresas brasileiras já saíram na frente. Há forte interesse em participar no projeto do aproveitamento hidrelétrico do rio



Cunene, na fronteira com Angola. Outra área promissora é a área de biocombustíveis. O presidente Pohamba visitará amanhã a sede da Petrobras para conhecer a revolução que o Brasil está realizando em matéria de fontes alternativas de energia. Uma revolução que combina energia limpa e renovável com segurança alimentar para todos.

Caro amigo Pohamba,

Meu governo elegeu a África como prioridade. Visitei 20 países, em nove viagens ao continente. Abrimos ou reativamos 16 novas embaixadas. Na reunião de nossos embaixadores na África, que convoquei para a próxima semana, vamos analisar iniciativas e projetos que tornarão sustentável e duradoura a parceria com um continente mais autoconfiante e determinado a tomar seu destino em suas próprias mãos. O Brasil deseja que essa aliança seja ainda mais ambiciosa, que aproxime os dois continentes.

Esta é a mensagem que vamos levar para a II Cúpula África-América do Sul, que se realizará em Caracas, em agosto próximo. No momento em que os países em desenvolvimento são as principais vítimas de uma crise financeira que não criaram, temos a oportunidade e o desafio de buscar ações genuinamente coletivas e solidárias.

Ao longo de vários anos, países em desenvolvimento como a Namíbia e o Brasil se dedicaram à árdua tarefa de estabilizar suas economias e promover políticas de inclusão social e de combate à pobreza. Mas não podemos atuar sozinhos contra os efeitos de uma turbulência que golpeia, sobretudo, as mais fortes economias do Planeta.

O comércio é, certamente, parte da solução. O protecionismo, em contrapartida, só servirá para agravar a crise econômica. Um acordo na Rodada de Doha, da OMC, enviará uma poderosa mensagem para os mercados e dará novo fôlego à economia global.

Os países em desenvolvimento vêm apontando o caminho. O aumento do comércio e dos investimentos Sul-Sul têm atenuado o impacto perverso da



recessão que se alastra mundialmente. Por meio do Acordo de Comércio Preferencial entre o Mercosul e a União Aduaneira Sul-Africana estamos na vanguarda desse esforço.

Mas não basta reformar as regras do comércio internacional. Precisamos buscar um sistema de governança global mais democrático. Os processos decisórios não podem continuar concentrados nas mãos de poucos, ignorando-se as aspirações dos países em desenvolvimento e das grandes economias emergentes.

Por isso, reitero meu reconhecimento pelo apoio do governo da Namíbia à aspiração brasileira a assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Entendemos esse gesto como voto de confiança na capacidade de o Brasil contribuir para a construção dessa nova ordem mais legítima e, sobretudo, mais justa.

Meus amigos, minhas amigas,

É com esse espírito de confiança que convido todos os presentes a brindar o destino comum de brasileiros e namibianos. Faço a Vossa Excelência votos de continuado êxito na liderança dessa querida nação africana, bem como de saúde e felicidade pessoal.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de ordem de início das obras do trecho Salgueiro-Trindade da Ferrovia Nova Transnordestina

Salgueiro-PE, 12 de fevereiro de 2009

O Eduardo falou pouco e eu vou ver se eu falo menos que ele.

Primeiro, dizer para vocês que eu estou vivendo a realização de um sonho. Em 1989, eu fui fazer um comício na cidade do Crato, no segundo turno das eleições com o Collor, e o doutor Arraes – a mãe dele morava lá – foi participar do comício e me apoiar. Na volta, no avião, sentado ao meu lado, o doutor Arraes falou para mim: “Lula, se você ganhar as eleições, eu queria que você tratasse com carinho a Transnordestina, porque ela começou há muito tempo, ela começou há muito tempo. Somente em 1962 ela chegou a Salgueiro e, de 1962 para cá, o que fizeram foi desmontar aquilo que tinha sido feito antes. Então, se você puder, faça a Transnordestina.” Eu esperei 12 anos para ganhar as eleições. Doze. Mas estava na minha cabeça a certeza e a minha convicção de que era preciso que o Brasil elegeisse presidente da República que conseguisse olhar o mapa do Brasil e perceber que o Brasil não é apenas a região mais rica, do Sul e do Sudeste. Quanto mais igual for o Brasil, quanto mais a gente levar desenvolvimento para todas as regiões, quem é rico vai ficar mais rico, os estados que estão bem, vão ficar melhor, mas os estados que foram abandonados tanto tempo precisam garantir ao seu povo o direito de conquistar a dignidade para viver bem, para trabalhar, para estudar, para morar na sua terra natal, sem precisar ser retirante.

Eu sei, meus companheiros e companheiras, que não foi fácil. Para construir essa engenharia financeira, para fazer a Transnordestina, nós levamos quase três anos discutindo. Antes era o Ciro Gomes, era o Guido Mantega, que era do BNDES, era o Palocci, que era da Fazenda. Era um



verdadeiro inferno. Cada coisa que a gente colocava, aparecia uma vírgula para atrapalhar. Cada vez que a gente encontrava uma solução, no dia seguinte aparecia uma outra coisa para atrapalhar. Foram três anos. Mesmo agora, em 2006, nós fomos a Missão Velha dar ordem de serviço ao primeiro trecho. De lá para cá aconteceram muitas desgraças. De lá para cá houve muita coisa que impedia. Hora era o banco que tinha um problema, hora era o projeto que tinha um problema, até que eu chamei os ministros Alfredo, Geddel, porque na época era a Integração que estava cuidando disso. Passamos para o Transportes cuidar. Chamei o ministro da Fazenda, a Dilma, o ministro dos Transportes, pedi para eles fazerem uma reunião com o Benjamin, que é o dono da Ferrovia, e eu disse: pelo amor de Deus, eu não aguento mais gente para dizer que não pode fazer isso, que não pode fazer aquilo. Eu quero acabar essa Ferrovia até 2010. Não é possível.

Pois bem, agora estamos todos aqui: governadores, Piauí, Ceará e Pernambuco. Está aqui o dono da Ferrovia, está o ministro dos Transportes, está a imprensa ali e a consciência de vocês aqui. Eu vou dizer uma coisa para vocês, companheiro Benjamin e companheiro Alfredo, ministro dos Transportes: nós temos um problema no Brasil, que é resultado de uma crise que nasceu no coração do país mais rico do mundo, que são os Estados Unidos, uma crise que está trazendo a possibilidade de a gente ter problema de emprego no Brasil.

Nós, então, decidimos no governo que todas as obras do PAC que puderem ser contratadas para trabalhar 24 horas por dia, nós temos que contratar, para contratar três turnos, para contratar mais trabalhadores e mais trabalhadoras. De preferência, que a gente contrate as pessoas da cidade, as pessoas da localidade para a gente não trazer gente de fora para trabalhar no lugar de gente que está desempregada nas regiões mais pobres deste país.

Eu disse ao companheiro Alfredo que nós... por exemplo, daqui até Eliseu Martins são 420 quilômetros de ferrovia. Pois bem, se a gente contratar,



em vez de um lote, se a gente contratar quatro lotes de cem quilômetros, a gente vai gerar mil empregos a cada cem quilômetros. Se a gente contratar quatro, a gente vai gerar 4 mil empregos. Se a gente deveria demorar quatro meses contratando apenas um [trecho de] cem quilômetros, nós poderemos diminuir, e muito, o tempo de construir a obra. Este ano é o ano mais delicado, este ano é o ano mais perigoso, e é este ano, companheiro Alfredo e companheiro Benjamin... O que eu quero dizer a vocês dois: Benjamin, pode contratar todos os (incompreensível) de uma vez porque nós vamos garantir que não falte dinheiro para esta ferrovia ser acabada.

Eu, companheiro Benjamin e companheiro Alfredo, antes de deixar a Presidência, quero ver se eu pego esse trem num vagão que você vai montar, especial, eu quero pegar esse trem, ou em Pecém e ir até Suape, ou de Suape para ir até Pecém. Se a gente... Se o Wellington se comportar, a gente vai passar em Eliseu Martins. Por que eu quero isso? Porque nós precisamos gerar empregos, e emprego gera salário, salário gera consumo, consumo gera... vai movimentar o comércio, vai movimentar a indústria, e nós precisamos ensinar aos países ricos, que a vida inteira deram palpite sobre a nossa economia, que nós temos o que ensinar para eles, para cuidar da economia do nosso país.

A segunda coisa importante é a transposição das águas do rio São Francisco. É importante lembrar que em 1847 Dom Pedro queria fazer essa transposição, e a oligarquia da época não deixava. Diziam que os baianos eram contra, diziam que Alagoas era contra, diziam que Sergipe era contra. Ninguém era contra, o que tinha era gente mal informada. Porque também o povo de lá tinha razão: a gente tirar água do São Francisco para trazer para o Ceará, se as pessoas de lá, que moravam na beira do rio, não tinham água para beber.

Então era preciso... para a gente conquistar a confiança do povo deste estado, nós tivemos que fazer duas coisas: criar um programa chamado Água



para Todos, e todas as comunidades à margem do rio São Francisco vão ter água para beber, vão ter água para sobreviver. Ao mesmo tempo, nós vamos recuperar toda a margem do rio São Francisco, vamos acabar com, eu vou dizer assoreamento, mas na verdade é aquela quantidade de terra que fica no meio do rio. Nós vamos limpar e deixar o rio São Francisco tão bonito como Deus fez, e aí eles vão emprestar para nós um tiquinho de água, um pouquinho de água, 1.6 m³ por segundo, para que a gente possa atender as necessidades de uma parte de Pernambuco. A tomada d'água está aqui perto, a 60 quilômetros daqui. Nós queremos atender o estado de Pernambuco, queremos atender o estado do Rio Grande do Norte, queremos atender o estado do Ceará, queremos levar água para 12 milhões de sertanejos, e só pode ser contra quem nunca carregou um pote d'água na cabeça. Só pode ser contra quem não sabe o que é chegar numa cacimba ou num açude, ficar tirando cocô dos animais, separando os caramujos, para levar água barrenta para casa para beber. Esses que não conhecem isso são contra, mas quem sabe o que é o sacrifício de ver um cidadão ter uma cabrinha leiteira para dar leite para o seu filho, e ver ela morrer esturricada de seca, não pode negar essa água para os brasileiros que moram no semiárido.

Eu tenho fé em Deus [que] em abril eu vou estar na região com o ministro Geddel. Vocês acompanharam pela imprensa, houve greve de fome, houve gente que falou, houve artista que falou. Ah, como seria bom se essa gente, em vez de ficar fazendo política pelo que vê, viesse conversar com vocês. Se essa gente entrasse na casa de um matutozinho nosso, no sertão, e visse a qualidade da água que ele bebe.

Não faz muito tempo, Eduardo, eu não era presidente ainda, eu fui a Afogados da Ingazeira. Aquelas meninas que moravam no Aeroporto, não sei se moram lá, estavam sem ir à escola porque não tinham água para tomar banho. Enquanto em outras regiões as pessoas lavam carros com água potável, enquanto em outras regiões as pessoas dão banho em cavalo com



água potável. Aqui um cidadão brasileiro, só pelo fato de ter nascido no Nordeste e ter nascido no sertão mais pobre, esses que dão banho em cavalo ou que lavam carros, não queriam trazer um pouquinho de água para matar a sede desta gente. Se Deus quiser, nós vamos concluir esta obra, para que o povo do Ceará tenha água para beber, o povo de Pernambuco, o povo do Rio Grande do Norte e o da Paraíba também.

Em terceiro lugar, companheiros, eu quero dizer para vocês. Eu, certamente, não vou ver tudo pronto no meu mandato, mas uma coisa eu vou dizer para vocês. Com a refinaria que nós estamos fazendo em Pernambuco, com a Transnordestina, com a duplicação da BR-101, com o estaleiro Atlântico-Sul, lá em Pernambuco, para construir navios enormes, para construir plataformas para a Petrobras, com a refinaria que vamos fazer no Ceará, de 300 mil barris/dia, com a refinaria que vamos fazer no Maranhão, de 600 mil barris/dia, eu vou dizer para vocês: eu posso não ver, mas os meus filhos verão o Nordeste nunca mais ser lembrado como a região pobre deste país.

Por isso, companheiros e companheiras, é um orgulho... não vou falar de escolas, porque o Eduardo já falou. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: eu saio daqui mais orgulhoso. Dilma, olhe na cara desta gente. Você vai perceber que o sertanejo é diferente, ele é diferente do povo de outros estados brasileiros. Você percebe a cara desta gente, o sofrimento, a expectativa. Houve um tempo, Dilma, em que a gente saía daqui para ir para São Paulo, como eu fui, na perspectiva de melhorar de vida, e eu tive sorte porque aprendi uma profissão, fui para o Sindicato e virei presidente da República. Mas quantos nordestinos foram para lá, foram morar em condições desumanas, e tinham vergonha de ligar para casa, telefonar ou mandar uma carta dizendo que estavam desempregados ou passando fome. Muitas vezes a família só sabia de notícias, quando via que ele era preso por ter feito alguma coisa errada.

Nós queremos que o Brasil cresça de forma justa. É verdade que os



estados ricos já tiveram mais coisas, mas nós queremos mais escolas de qualidade, mais universidades, mais escolas técnicas. Nós queremos que as pessoas do Nordeste possam nascer e viver na sua terra natal. Se quiserem ir a São Paulo, ao Rio de Janeiro, vão de férias, passear. Não vão esmolar um emprego para trabalhar de servente de pedreiro, como a gente foi a vida inteira.

Então, eu estou orgulhoso e esperançoso de que quando eu voltar aqui outra vez, a gente já vai ter feito mais um pedaço da Rodovia, e quando eu voltar aqui depois de 2010, eu já vou poder dar uma volta no trem, que vai passar por aqui apitando e vocês vão se lembrar de que um dia teve um presidente que pensou no nosso querido Nordeste.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à frente de trabalho e às obras da rodovia BR-101 Sul

Recife-PE, 12 de fevereiro de 2009

Agora, Eduardo, é que eu estou descobrindo que sou baixinho, porque não estou conseguindo ver a turma de trás e nem a turma de trás está me vendo. Não tem nenhuma cadeira aqui, Laguna, para a gente subir, porque...

Olhem, nós vamos ter pressa, porque o helicóptero tem que levantar voo enquanto tiver luz do dia ainda, porque senão a gente pode se perder de noite aí, e não chegar a Recife.

Hoje é um dia muito especial, porque esta rodovia aqui era um sonho. Era um sonho que a gente tinha de construir, porque a gente sabe a importância que tem esta rodovia para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro e, sobretudo, para o desenvolvimento do turismo nesta região do Brasil.

Uma pessoa que vier de avião e parar em Pernambuco, pode transitar por quase todos os estados do Nordeste de carro, conhecer todos os estados, conhecer todas as capitais, conhecer praticamente todas as nossas praias. E isso é extremamente importante para desenvolver o turismo aqui no Nordeste brasileiro. Não apenas isso. Vai facilitar também o trânsito das cargas, das coisas que vocês produzem aqui no Nordeste brasileiro.

Mas hoje é especial porque eu vim visitar, em Salgueiro, a Transnordestina. É uma ferrovia de 1.800 quilômetros que começou a ser feita ainda no tempo do Império. Somente em 1962 ela chegou em Salgueiro, depois ela foi desativada, depois ela foi privatizada, e nós resolvemos reconstruir a Transnordestina, ligando o porto de Suape ao porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para pegar toda a produção de grãos no estado do Piauí. E também tem um tramo que liga Alagoas à Transnordestina, para que a gente possa dar mais opções de



transporte ao Nordeste brasileiro.

Mas o Nordeste ganhou – e sobretudo, Pernambuco – uma obra extremamente importante que é a Refinaria Abreu e Lima. Havia 20 anos que a Petrobras não construía uma refinaria. Nós, agora, vamos construir a Refinaria de Suape, vamos construir uma refinaria no Maranhão, vamos construir uma refinaria em Fortaleza e vamos construir outra refinaria em Natal. Atrás de uma refinaria vem uma indústria petroquímica. E com a descoberta do pré-sal pela Petrobras, nós não queremos ser exportadores de petróleo cru, nós queremos exportar derivados para colocar valor agregado nas coisas que nós exportaremos pelo mundo afora.

Esta rodovia aqui é uma rodovia muito especial. Vocês estão vendo que a parte nova dela está sendo feita de concreto. Uma rodovia feita de concreto vai demorar muito para fazer manutenção, enquanto que se o asfalto for feito e for vagabundo, a gente, a cada três, quatro anos, tem que fazer reparação, porque aparecem buracos. Mas esta pista de concreto, eu acho que se tiver uma balança para controlar o peso dos caminhões que transitam pela estrada, a gente vai demorar 30, 40 ou 50 anos para fazer manutenção nestas estradas.

Pois bem, a minha visita aqui a Pernambuco começou por Lajedo. Hoje nós estamos aqui, é uma visita muito rápida, porque como a estrada vai ser inaugurada, este trecho, em dezembro de 2009, eu quero estar aqui para poder participar da inauguração. Mas amanhã nós vamos lançar um programa de criação de peixes em alto-mar, um peixe de alto valor nutritivo, de qualidade, é o beijupirá. É o peixe que a gente vai criar em tanques em alto-mar para a gente poder exportar e trazer mais dinheiro para o estado de Pernambuco e para o povo brasileiro.

E depois, nós vamos a (incompreensível) Natal inaugurar um outro Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável do Banco do Brasil, com a agricultura familiar. Eu quero agradecer, primeiro a presença de vocês, porque me disseram que eu ia vir aqui, que não tinha povo, que era só estrada. Eu não



vi a estrada e só vi povo aqui. Segundo, eu quero agradecer aos empresários que estão tocando esta obra e queria pedir para vocês... Nós estamos vivendo uma crise e ela é muito mais profunda nos países ricos. Por incrível que pareça, a crise econômica é mais forte nos Estados Unidos do que no Brasil. Ela é mais forte na Alemanha do que no Brasil. Ela é mais forte na Inglaterra do que no Brasil. Ou seja, o Brasil está mais preparado para enfrentar essa crise do que todos os países ricos do mundo.

Agora, quando tem crise nos Estados Unidos e na Europa, sempre vai sobrar um problema para nós, porque o Brasil exporta, e se eles param de comprar, nós paramos de vender e, conseqüentemente, nós vamos ter problema no Brasil. Nós temos um problema no crédito que está dificultando as empresas terem acesso a dinheiro porque o dinheiro, de repente, desapareceu do mercado, sobretudo o dólar.

Eu queria pedir ao Dnit, ao ministro dos Transportes, ao nosso querido governador Eduardo Campos, aos empresários aqui... Este primeiro trimestre e o primeiro semestre de 2009 são o semestre e o trimestre mais delicados de toda essa crise, até porque eu estou rezando mais pelo Obama do que por mim, porque ele acaba de tomar posse e eu quero que ele resolva o problema da crise americana, porque ajuda muito o Brasil.

Pois bem, eu queria pedir a vocês, empresários, ao Ministro dos Transportes, ao companheiro Governador, à companheira Dilma Rousseff, que tem responsabilidade pelo PAC, para que a gente, neste momento em que a gente vê sinais de empresas brasileiras dispensando trabalhadores, que onde a gente puder, em vez de trabalhar apenas um turno contratando apenas uma turma de trabalhadores, que a gente possa fazer dois turnos ou três turnos, para a gente contratar mais trabalhadores, mais trabalhadoras, gerar emprego, gerar salário, gerar renda, e permitir que a economia brasileira possa dar um salto de qualidade.

Eu trabalho com esse otimismo. É por isso que em dezembro eu fui



fazer um discurso para pedir para o povo comprar, porque se o povo ficar com medo de comprar e não comprar, o comércio não vende, não encomenda da indústria, a indústria não produz, aí é que vem desemprego mesmo. Se ninguém produzir e ninguém comprar, o governo não arrecada, não pode pagar a obra de vocês, vocês não constroem, a gente não tem estrada. Ou seja, a economia, na verdade, é uma roda gigante em que todos nós estamos sentados naquelas cadeirinhas. Se nós pararmos, a economia para e todo mundo se prejudica.

Eu estou convencido, Eduardo, de que o Brasil sairá desta crise dando uma lição ao mundo, que sempre deu palpite sobre o Brasil. Nós não queremos dar palpite sobre eles, mas queremos mostrar que nós fomos capazes de fazer as coisas corretas, as coisas certas, e que hoje o Brasil é o país que tem maior possibilidade de sair dessa crise.

A crise, para mim, eu vejo como oportunidade, eu vejo como uma chance de a gente sair mais fortalecido. É por isso que eu pensei que a Dilma ia falar, e ela não falou, eu vou falar agora: é que nós tomamos a decisão e nos próximos dias nós vamos anunciar, para a construção civil e para o povo brasileiro, a construção de 1 milhão de casas populares até 2010. Os empresários que estavam habituados a construir 200 mil casas, 100 mil casas, 30 mil casas, se preparem para 1 milhão, porque eu acho que vocês não estão preparados, como o governo não está preparado, ninguém está preparado, porque nunca construímos 1 milhão de casas, e agora vamos construir 1 milhão de casas para a população de 0 a 10 salários mínimos, ou seja, são as pessoas que precisam de casa neste país.

No mais, meus companheiros e companheiras, eu vou terminar porque está ficando escuro, o helicóptero pode levantar voo, e eu volto aqui para a inauguração da obra. Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita ao Programa “Desenvolvimento Regional Sustentável” do Banco do Brasil e ao lançamento da Linha BB Microcrédito DRS

Ceará-Mirim-RN, 13 de fevereiro de 2009

Companheira Wilma de Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,

Companheiro ministro Altemir Gregolin, ministro da Aquicultura e Pesca,
Meu caro Iberê Paiva de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Norte,

Meu caro senador Garibaldi Alves,

Deputados federais Fátima Bezerra, Sandra Rosado, Henrique Eduardo Alves e João Maia,

Meu caro companheiro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meu caro Antônio Marques de Abreu Peixoto, prefeito de Ceará-Mirim,

Meu caro Francisco das Chagas Azevedo, secretário estadual de Agricultura do Rio Grande do Norte,

Meu caro Francisco Canindé de França, secretário estadual de Assuntos Fundiários e Apoio à Reforma Agrária do Rio Grande do Norte,

Meu caro Hélio de Pinto Dantas, secretário municipal de Agricultura,

Nossa querida companheira Livânia Frizon, representante da comunidade da Agrovila Canudos,

Meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande do Norte, de Ceará-Mirim e do nosso querido País.



Companheira Dilma, pense num “cabra” feliz. Eu, ontem, fui visitar a Transnordestina, na divisa do Ceará, Pernambuco e Piauí. Finalmente, senador Garibaldi, depois de três anos de construção de engenharia financeira e de resoluções para mudar a burocracia, finalmente nós vamos, até 2010, fazer uma ferrovia de 1.800 Km no Nordeste brasileiro, tirando o Nordeste da situação de miséria em que ele se encontra.

Ao mesmo tempo, ainda ontem, eu fui visitar a BR-101, que vai ligar o Rio Grande do Norte até quase o estado da Bahia. E essa rodovia vai permitir não apenas o trânsito de milhões de brasileiros, de produtos brasileiros, mas também vai permitir que um estrangeiro, descendo no aeroporto de Fortaleza, no aeroporto de Natal, no aeroporto de Recife, possa, de carro ou de ônibus, transitar praticamente todo o litoral mais extraordinário que este país possui.

Mas eu não estaria feliz se não pudesse hoje ter visitado o tanque de criação de peixes beijupirá. Não apenas porque uma empresa está fazendo uma empresa a 11 km dentro do mar, mas também porque os pescadores de Recife vão ter os tanques financiados pelo Ministério da Pesca, e esses companheiros vão poder criar o peixe e vão poder ter acesso ao mercado de exportação. Mas não seria ainda mais feliz se eu não viesse ver, hoje, esta plantação de mamão e a criação de tilápias.

Eu pensei, Governadora, em trazer uma tilápia para mostrar para vocês, das que eu crio lá na Granja do Torto e lá no Palácio do Alvorada. Eu ia trazer uma, mas vou mostrar para o Gregolin quando a gente for jogar alevino na represa Billings. Outro dia eu peguei uma tilápia de cinco quilos – não é história de pescador – e eu mandei para a Embrapa, porque eu pensava que ia entrar no *Guinness Book*, e tem tilápia maior do que a de cinco quilos que eu peguei.

Mas o que me deixa feliz da vida é perceber uma coisa com que eu sonho há muito tempo. Quando as pessoas falam em reforma agrária, e eu queria lembrar o que disse a Livânia aqui: tem muita gente que acha que



reforma agrária é só desapropriar, desapropriar, tirar os pobres da cidade para eles continuarem pobres e miseráveis no campo, abandonados.

Quando nós entramos no governo, eu disse ao ministro Guilherme Cassel: desapropriar terra, vamos desapropriar. E já desapropriamos, em seis anos, 43 milhões de hectares de terra, contra 18 milhões de hectares no governo passado. Mas não basta desapropriar, é preciso tornar aquela terra produtiva, é preciso ter crédito, é preciso levar assistência técnica, porque senão você apenas transfere a miséria da cidade para o campo. O cidadão fica com o queixo no cabo da enxada sem ter o que plantar, sem ter crédito, sem ter semente, sem ter preço mínimo, sem ter mercado para vender o seu produto. Nós não queremos mais isso. E isto aqui é um exemplo.

Por isso, companheira Livânia. Eu gostaria que a imprensa registrasse o que está acontecendo aqui, em Ceará-Mirim, que ela registrasse... quando os companheiros têm um pedaço de terra, é preciso que a gente consiga também diversificar as coisas que nós produzimos. Não é plantar apenas uma coisa, é plantar muitas coisas ao mesmo tempo. Um tanque de peixe como este serve, não apenas para vender no mercado interno ou no mercado externo, porque hoje as pessoas... virou chique usar sapato construído com couro de tilápia, ficou chique as madames na Europa utilizarem bolsa de couro de tilápia, e a gente come a carne ou vende a carne, mas vende o couro também. Eu vi a criação e saio daqui para divulgar o que eu vi aqui, para que outros assentamentos façam a mesma coisa que vocês estão fazendo aqui em Ceará-Mirim.

Eu vi aquela quantidade de mamão, eu acho extraordinário, porque antes isso parecia coisa só de grandes fazendeiros. Agora é uma cooperativa que está organizando, são os trabalhadores, que sabem que se eles multiplicarem os seus esforços, podem ganhar muito mais. Eu queria, Livânia, lembrar um número aqui, me parece que a média de arrecadação aqui dá por volta de R\$ 700 por mês. Eu queria que todos os trabalhadores do Brasil



pudessem ganhar R\$ 700 por mês, trabalhando na agricultura, combinando aquilo que eles vão plantar para comer com aquilo que eles vão plantar para vender, e plantando várias coisas ao mesmo tempo. Isto aqui é um exemplo que eu vou levar para outros assentamentos dos Sem-Terra, porque tem alguns que nós já temos assentados há muitos anos e que ainda não conseguem ter uma produção organizada como vocês têm aqui, porque predomina a visão da propriedade privada e da produção unilateral. Não é possível, esse modelo esgotou. E vocês estão mostrando aqui a possibilidade de uma nova lógica para melhor ocupar o espaço brasileiro.

Queria também agradecer ao Banco do Brasil. Para a gente chegar até aqui foi muita briga, para fazer com que os nossos gerentes, nas agências do interior, soubessem que o pequeno produtor também tinha direito a ter empréstimo, porque o Banco do Brasil passou muitos anos atendendo apenas as pessoas que mais tinham dinheiro. E hoje, Lima Neto, quando vocês criaram o DRS, quando vocês têm mais de 13 mil trabalhadores ligados para tratar com o povo mais pobre deste país, quando vocês têm mais de 4 mil agências para cuidar disso, a gente pode dizer: o sucesso de um programa como este é ter a disposição política do governo de fazer, é ter a disposição dos trabalhadores de se organizarem mas, sobretudo, ter uma instituição como o Banco do Brasil para financiar um projeto desta magnitude.

Eu espero que a imprensa que está aqui, sobretudo a televisão, aquelas que podem transmitir em nível nacional, pudesse, hoje à noite, já que durante todo o dia se mostra tanta violência e tanta desgraça, que pudesse hoje à noite mostrar a cara destes agricultores, a cara desta cooperativa, para mostrar que lá no fundo do Brasil, no Rio Grande do Norte, em Ceará-Mirim, a gente tem trabalhadores vivendo dignamente, organizados, produzindo, produzindo girassol, produzindo mamão, criando peixe.

Eu falei para a Livânia: quem sabe, um dia, vão criar coelho, vão criar galinha, vão criar cabra, para que a gente possa produzir cada vez mais e fazer



com que o povo brasileiro possa ter a certeza de que as coisas neste país mudaram definitivamente.

Por isso, companheira Livânia, eu saio daqui com orgulho, com um orgulho profundo de poder dizer aos quatro cantos deste país: quem quiser trabalhar e quem quiser produzir, os Territórios da Cidadania estão aí. Quem quiser trabalhar e quiser produzir, o Banco do Brasil está aí para financiar. Nós saímos de 2 bilhões do Pronaf, para 13 bilhões. Quem quiser trabalhar tem terra, quem quiser trabalhar tem crédito, quem quiser produzir, o governo compra, como estamos comprando. Agora, quem quiser apenas fazer discurso, se candidate a alguma coisa, pelo amor de Deus.

Um abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos, por ocasião da visita do presidente da Colômbia, Álvaro Uribe

Palácio do Planalto, 17 de fevereiro de 2009

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da Colômbia,
Senhor Jaime Bermúdez, ministro das Relações Exteriores da Colômbia,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Luis Guillermo Plata, ministro do Comércio, da Indústria e Turismo da Colômbia,

Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Amigos da delegação colombiana,
Companheiros brasileiros,
Amigos da imprensa,

Com grande alegria recebemos o presidente Álvaro Uribe em sua primeira visita de Estado ao Brasil. Este é um momento especial de nossas relações. Momento marcado pela cooperação e solidariedade.

O governo colombiano e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha comemoram a libertação de seis reféns no início deste mês. Abriram-se esperanças para os que ainda permanecem sequestrados e há novas perspectivas para a paz e conciliação dos colombianos. O Brasil colaborou para o retorno dessas pessoas ao convívio de seus familiares. Seguimos à disposição para ajudar no que for preciso, sempre e quando solicitados.

O excelente nível de nossas relações se expressou na criação da Comissão Bilateral Brasil-Colômbia, que nos vai permitir realizar uma agenda ambiciosa de cooperação nas áreas de desenvolvimento sustentável na



Amazônia, ciência e tecnologia, agroindústria, educação e cultura.

Nos últimos quatro anos, nosso comércio aumentou 150%. Em 2008, as trocas alcançaram a cifra recorde de US\$ 3 bilhões, sendo que as exportações colombianas para o Brasil subiram 94%. A Comissão de Monitoramento do Comércio, que decidimos instituir, permitirá aumentar e equilibrar nosso intercâmbio nesse contexto de crise em que vivemos.

Os investimentos brasileiros na Colômbia somam US\$ 1,5 bilhão. Nossas empresas levam empregos, tecnologia e competitividade aos principais setores da economia colombiana, como energia, infraestrutura, siderurgia e automobilística. O encontro empresarial de que Vossa Excelência participou ontem na Fiesp estimulará novos investimentos nos dois sentidos.

Nossos países podem unir esforços na área dos biocombustíveis. Colômbia e Brasil trabalham conjuntamente para preservar e proteger a diversidade biológica e o patrimônio hídrico da Amazônia. Temos de garantir o desenvolvimento sustentável de uma região onde vivem mais de 25 milhões de pessoas.

A Comissão de Vizinhança vai aprofundar nossa cooperação em benefício de nossas populações fronteiriças, sobretudo na região de Letícia e Tabatinga.

Estamos avançando igualmente no plano tecnológico. Assinamos o Acordo de Cooperação em Aplicações Pacíficas de Ciência e Tecnologia Espaciais. Com ele, vamos impulsionar nosso intercâmbio científico no campo da tecnologia espacial.

Caro amigo presidente Uribe,

O mundo está testemunhando uma crise de crédito gerada nos centros financeiros que contaminou a economia internacional. Aumenta a responsabilidade dos governos. Os impasses econômicos exigem soluções políticas.

Este é momento de adotar políticas públicas consequentes e solidárias



para corrigir a desordem econômica global e mitigar seus efeitos negativos. Sei que seu governo está fazendo importantes esforços e acaba de anunciar vultosos investimentos, sobretudo em projetos de infraestrutura, energia, educação e saneamento básico.

No Brasil, combinamos políticas macroeconômicas responsáveis com medidas anticíclicas que estimulam a geração de empregos e o aumento da produção. Nosso Programa de Aceleração do Crescimento investirá R\$ 646 bilhões, até 2010, em infraestrutura logística, energética e social.

A ampla rede de proteção social que implantamos no Brasil serve de anteparo para os efeitos mais nefastos da crise. Incorporamos cerca de 10 milhões de brasileiros ao mercado de trabalho. Mais de 20 milhões deixaram a situação de pobreza extrema. A classe média é agora maioria no Brasil: 53% da população. Não podemos deixar que esses ganhos sociais, duramente conquistados, sejam revertidos.

No plano externo, necessitamos atuar juntos. O multilateralismo deve ser fortalecido. A recuperação da economia internacional depende, mais do que nunca, dos países em desenvolvimento. Devemos combater práticas protecionistas dos países desenvolvidos. O protecionismo só aprofunda a crise. Precisamos atuar de forma coordenada nos foros de negociação internacionais.

Estamos preparados, na América do Sul, para enfrentar esses desafios. Percorreremos um longo caminho até a formação da Unasul. Ela já demonstrou sua enorme utilidade como fator de estabilidade institucional e democrática na América do Sul. Registro o apoio decisivo da Colômbia para a criação do Conselho de Defesa da Unasul. A integração promove oportunidades de desenvolvimento e bem-estar na região. Podemos e vamos fazer muito mais. A Colômbia tem despertado o interesse de investidores brasileiros em vários setores. Neste momento, empresas brasileiras desejam participar no projeto de construção da Ferrovia do Carare, empreendimento com potencial para gerar



quatro mil empregos diretos.

Presidente,

O Brasil teve o privilégio de sediar a primeira Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento, na Bahia, em dezembro. Em 200 anos de vida independente, nunca os países latino-americanos e caribenhos haviam se reunido sem a intermediação de outros interlocutores.

Temos a responsabilidade de dar seguimento à agenda definida na Declaração de Salvador e aprofundar uma perspectiva regional própria. Por isso, nós queremos convidá-lo também para continuarmos a somar forças pelo avanço da integração latino-americana e caribenha num ambiente de pluralismo e diversidade, com respeito mútuo e com base na cooperação e no diálogo.

Meu caro companheiro Uribe,

Eu penso que você e eu, que chegamos a presidentes da Colômbia e do Brasil no mesmo ano – eu cheguei a partir de outubro de 2002 e você chegou no começo do ano – a Colômbia, que tem eleições em maio do próximo ano, e o Brasil, que tem eleições em outubro do próximo ano, [vão] exigir que nesse pouco mais de um ano que [temos] como presidente da Colômbia e do Brasil, possamos fazer um pouco mais do que fizemos nesses seis anos, e poderemos fazer um pouco mais do que aquilo que foi feito praticamente durante todo o século XX.

A verdade é que, embora nunca quiséssemos admitir publicamente, os nossos países sempre se colocaram mais de costas um para o outro, e sempre olhamos os nossos irmãos ricos da América do Norte e da Europa. Essa crise econômica, que para alguns parece um pesadelo sem fim, para nós precisa ser encarada como uma oportunidade extraordinária de fazermos aquilo que certamente saberemos fazer, mas que nunca ousamos fazer porque sempre recebíamos o prato pronto dos chamados países desenvolvidos. Algumas coisas, que eu penso que nós precisamos mudar de comportamento e mudar



as ações do governo.

Na minha vida pessoal, Uribe, muitas vezes eu vejo pessoas que se separam, pessoas que ficam viúvas, e as pessoas pensam que o mundo acaba quando morre alguém. Normalmente, a pessoa fica na beira de um caixão, achando que o mundo acabou, porque não sabe o que vai fazer no dia seguinte. Normalmente, você encontra as pessoas um ano depois, elas estão felizes e estão fazendo coisas que elas jamais imaginaram fazer na vida, porque elas nunca tinham tido a oportunidade de tomar decisões por conta própria. Sempre havia alguém que se considerava mais preparado para dizer o que [deveriam fazer].

Vamos imaginar a crise que aconteceu nos anos 90, no mundo inteiro. Vamos imaginar o que aconteceu com a crise asiática, com a crise mexicana, elas não totalizaram US\$ 200 bilhões de prejuízo. Por ocasião daquelas crises, quase todos os países da América do Sul quebraram, quase todos os países emergentes tiveram problemas muito sérios. Naquela época, eu me lembro porque, em uma parte eu era oposição e na outra eu virei governo, quanto os países ricos sabiam encontrar soluções para nós. Quantos palpites o FMI dava de como deveríamos fazer o ajuste fiscal, de como deveríamos controlar gastos, de como deveríamos conter investimentos. O Banco Mundial, ou seja, todo mundo se achava no direito de dizer o que nós deveríamos fazer. Às vezes você recebia um empresário, às vezes você recebia um ministro de outro país, e ele começava a conversa dizendo o que a gente tinha que fazer no Brasil para as coisas darem certo.

Eu também aprendi, na minha vida pessoal, que quando a gente mora em um bairro que um vizinho tem um problema, nós temos todas as soluções para os problemas dos nossos vizinhos, mas quando o problema é dentro da nossa casa, os problemas ficam muito mais difíceis. Eu estou vendo agora os países ricos sem muita solução para os seus problemas internos. Eu já não vejo mais o Banco Mundial, o FMI e outras instituições darem tanto conselho



aos Estados Unidos, à Europa, como davam a nós. Possivelmente, porque agora a dor do calo seja no pé deles e não no nosso pé.

Por que eu estou dizendo isso, Uribe? Primeiro, porque eu sou um torcedor fanático da Seleção brasileira, do meu time no Brasil, que é o Corinthians, do crescimento da América do Sul e do acerto que tiveram a Europa e os Estados Unidos. Eu digo todo dia: eu rezo para o Obama aquilo que eu não rezei para mim, porque eu sei da importância dos Estados Unidos para o comércio mundial, eu sei da importância dos Estados Unidos para a América Latina, e eu sei que se os Estados Unidos se recuperarem logo, melhor para todo mundo. Se eles não se recuperam logo, pior para todo mundo. Eu rezo também para que a Europa se recupere. Que aqueles homens que sabiam tudo sobre a Colômbia, sobre o Brasil, sobre a Argentina, saibam um pouco sobre eles e que tomem as decisões que precisarem tomar para estancar essa crise.

Nesta semana as revistas publicam que o PIB de quase todos os países europeus caiu. Eu sei que não vai retomar um crescimento rápido, mas que pelo menos pare de cair. E é preciso tomar as medidas urgentes que têm que ser tomadas. Eu espero que no dia 2 de abril, quando o G-20 estiver reunido em Londres, a gente tenha a sabedoria de tomar as decisões corretas para que o mundo volte à normalidade, para que o sistema financeiro internacional seja controlado e para que as pessoas não façam da atuação do sistema financeiro uma verdadeira jogatina irresponsável, como foi feita nos últimos anos.

Pois bem, o que nós poderemos fazer aqui na América do Sul. Primeiro, eu quero te dizer que no Brasil, certamente, nós não cresceremos o tanto que nós crescemos em 2008, mas certamente o Brasil vai ter uma desaceleração, e não uma recessão econômica. Segundo, nós estamos mantendo todos os investimentos públicos do governo federal e estamos aumentando os investimentos. Terceiro, nós estamos pedindo para que os ministros de infraestrutura façam contratos, nas obras de infraestrutura em nosso país, em



dois turnos ou em três turnos, para que a gente possa suprir a demanda por empregos no Brasil. Terceiro, nós colocamos mais R\$ 100 bilhões no nosso Banco de Desenvolvimento, para que ele tenha recursos para financiar o projeto das empresas brasileiras aqui no Brasil e também das empresas brasileiras em outros países. Eu estou sabendo que empresas brasileiras que tinham grandes investimentos na Colômbia, por alguma razão, desativaram os seus investimentos. O meu compromisso público contigo é fazer com que nós tenhamos, aqui no Brasil, uma conversa com essas empresas, e que o BNDES possa trabalhar para que a gente possa manter o financiamento do investimento, porque nós temos uma relação muito próspera com a Colômbia, temos uma vantagem na balança comercial, e nós queremos que essa balança comercial seja mais equilibrada. Portanto, é importante que empresas brasileiras produzam na Colômbia, gerem empregos na Colômbia, e gerem também equilíbrio na balança comercial.

Uma coisa que nós precisamos nos provocar, apenas para você e eu pensarmos: por que a nossa balança comercial não é feita nas nossas moedas? Por que nós temos que comprar dólar para tratar das exportações colombianas para o Brasil e das brasileiras para a Colômbia? O que nós precisamos é colocar os nossos ministros da Fazenda, os nossos presidentes de Banco Central para se sentarem em torno de uma mesa e criar regras para que a gente não precise ficar dependente do dólar, que está cada vez mais escasso e cada vez mais problemático. Por isso é que eu rezo todo dia pelo presidente Obama, para ele fazer as coisas certas e trazer vantagens para nós. Eu quero terminar, Uribe, dizendo para você que a relação que o Brasil está construindo com a Colômbia é uma relação, possivelmente, mais forte do que em qualquer outro momento da nossa história. O Brasil tem que assumir a responsabilidade pela quantidade de fronteiras secas que temos em toda a América do Sul, o Brasil não pode se dar ao luxo de esquecer que tem países na América do Sul com mais carência econômica do que o Brasil, com menos



possibilidade de conhecimento científico-tecnológico que o Brasil. E o Brasil, pelas suas características - sem nenhuma visão de hegemonia, como alguns já quiseram ter em outros momentos - nós queremos construir uma parceria sólida, em que a gente possa se tratar com mais confiança, com mais respeito e com mais companheirismo. Ou seja, nós estamos cercados por dois grandes oceanos, e se fosse um barco e afundasse, não escapavam nem colombianos e nem brasileiros. Portanto, é hora de nós aproveitarmos a crise e construir, com a inteligência das nossas assessorias, as coisas que nós ainda não conseguimos fazer.

Eu sei que para a Colômbia ter um crédito do Brasil para comprar máquinas do Brasil, muitas vezes é mais caro do que pegar dinheiro em outro lugar. Eu sei também que as garantias, muitas vezes, têm problema de país para país, de Banco Central para Banco Central, de ministro da Fazenda para ministro da Fazenda.

Se nós conseguirmos determinar uma lógica na Unasul, em que a gente possa estabelecer, definitivamente, uma troca comercial em moedas próprias, nós já estaremos nos livrando de um grande problema, que é o nosso pequeno empresário precisando procurar dólar para poder financiar as suas exportações. Nós vamos ter que trabalhar como nós, aqui no Brasil, poderemos contribuir para financiar essas nossas exportações.

Eu, Uribe, vejo nesta crise uma grande oportunidade para a gente ter um pouco mais de ousadia, um pouco mais de coragem e fazer o que, em tempo de normalidade, nós achávamos que não podíamos fazer porque Basiléia não concordava, porque o Banco Mundial não achava bom, porque o FMI não aceitava, porque, quem sabe, os Estados Unidos não vissem com bons olhos, quem sabe a União Européia não entendesse bem.

Eu acho que agora, meu caro companheiro Uribe, nós precisamos fazer com muito mais ousadia e muito mais coragem aquilo que nós, em outros momentos tivemos, eu diria, inibição de fazer, tivemos, eu diria, até



preocupação em fazer porque não sabíamos qual seria a [reação] dos chamados países desenvolvidos. Na hora da crise, o que fica provado é que o nosso povo depende das nossas ações; na hora da crise, o que fica provado é que nós é que temos que resolver os nossos problemas, porque quem anda nas ruas de Bogotá é você, quem anda nas ruas de Brasília sou eu. O nosso povo não vai se queixar na ONU, o nosso povo não vai se queixar para nenhum presidente de outro país. Eles vão cobrar é de nós, da Argentina ao Suriname.

Nós vamos ter que encontrar uma solução diferente para agir enquanto continente, com muita responsabilidade, porque nós poderemos sair dessa crise mais fortalecidos do que entramos nela. Eu acredito nisso, trabalho para isso, e quanto mais as pessoas falam em crise no meu ouvido ou mais eu leio [sobre] crise na imprensa, mais eu tomo decisão de fazer investimentos neste país.

Recentemente, nós fizemos uma discussão, a Petrobras tinha investimentos de US\$ 112 bilhões até 2010. Nós aumentamos para 174 bilhões até 2013. Agora decidimos, Uribe, e na próxima semana certamente estarei anunciando 1 milhão de casas populares. Nós queremos fazer com que os setores que possam gerar empregos com mais facilidade supram o desemprego que possa haver em algum setor de ponta que depende de produtos importados. Nós pretendemos fazer outras medidas. Eu sou contra fazer pacote amplo econômico, mas, pontualmente, nós vamos fazer todas as medidas para que o povo brasileiro saia dessa crise muito mais fortalecido, que o Brasil saia mais fortalecido. Eu torço para que, se nós trabalharmos com muita firmeza, se nós trabalharmos com muita convicção política, a América do Sul, ao terminar esta crise, esteja muito mais preparada para subir de patamar na economia mundial do que nós estávamos quando esta crise começou.

Eu acho extraordinário, e vou dizer para terminar: quando o Muro de Berlim caiu, muita gente ficou com uma certa bronca de mim porque eu disse



que, finalmente, a esquerda mundial estava livre para refazer os seus pensamentos, criar novas doutrinas, pensar novas coisas. Alguns não gostaram, mas eu continuo convencido de que nada melhor do que a gente criar as condições de a nossa intelectualidade pensar e repensar, a cada dia, alguma coisa nova para ser colocada em prática.

O mesmo eu digo da crise econômica. Essa dívida nasceu, e todo mundo já sabe, de algumas décadas de irresponsabilidade – e a palavra correta é irresponsabilidade – de um sistema financeiro que não se preocupou com o setor produtivo, mas apenas [em] ganhar, e muitas vezes ganhando na especulação. Quando ele quebra, nós não temos o direito de fazer com que os trabalhadores que vivem do seu salário, os pobres que ainda estão esperando a oportunidade de ganhar cidadania, a classe média dos nossos países, os nossos intelectuais, os nossos professores, os nossos trabalhadores rurais, sejam vítimas de uma crise que eles nem sabiam que existia.

Eu queria dizer essas palavras, Uribe, para dizer a você que acho que Brasil e Colômbia, mais os outros países da América do Sul [poderão] construir novas fórmulas de negociação, de balança comercial, de garantia de importação ou de exportação, de financiamento das nossas indústrias, sem ficar dependendo daquilo que nós dependemos durante todo o século XX, que era a boa vontade dos países ricos em fazer concessões aos países pobres.

Eu acho que agora chegou a hora de a gente dizer que nós, juntos, poderemos encontrar as soluções que cinco anos atrás ou seis meses atrás, pareciam impossíveis. Agora, não só é possível, como é necessário, porque afinal de contas, eu disse na ONU e vou repetir agora: o momento é de pensar politicamente e não pensar apenas economicamente.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de federalização da Escola Técnica de Planaltina – Aniversário
de 50 anos**

Planaltina-DF, 17 de fevereiro de 2009

Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,
Meu caro companheiro, ministro da Educação, Fernando Haddad,
Meu caro Paulo Octavio, vice-governador do DF,
Deputados federais Geraldo Magela, Izalci Lucas, Rodrigo Rollemberg,
Ricardo Quirino e Rodovalho,
Meu caro Garabed Kenchian, reitor do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Brasília,
Meu caro José Luiz da Silva Valente, secretário de Educação do Distrito
Federal,
Meu caro Marcelo Silva Leite, diretor do Campus Planaltina do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília,
Nosso querido Maian José dos Santos, que falou aqui em nome dos
estudantes,
Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Planaltina,
Estudantes desta escola técnica,
Companheiros deputados distritais,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso, governador Arruda, meus companheiros deputados, Ministro da Educação, que era preciso que nós valorizássemos um momento como este. Porque, se ao longo da história do Brasil, todos os governantes que passaram pela Presidência da República tivessem tido a sensibilidade que Juscelino Kubitschek teve quando, em 1958, pensou em construir não apenas



a capital mas, ao mesmo tempo, começar a construir uma escola profissional para formar os filhos dos trabalhadores, nesses anos todos, possivelmente nós já devêssemos ter aí 400, 500 escolas técnicas no Brasil, qualificando a nossa juventude, as nossas meninas, os nossos meninos, e formando mão-de-obra qualificada para que as pessoas possam aprender a ganhar um pouco mais e a viver com dignidade.

Mas nem sempre foi assim. Nem sempre os governantes tiveram a preocupação com a educação. Muita gente, que estudou muito, esqueceu de levar para outros brasileiros os sonhos que os levaram para a universidade. Muita gente, que por ter estudado muito deveria ter a sensibilidade na formação dos brasileiros que vinham depois deles, se esqueceram. E nós tivemos longas décadas de retrocesso da educação brasileira. Muitas décadas em que cada vez mais estava limitado o número de vagas de alunos nas universidades brasileiras, cada vez mais estava limitado o número de estudantes que tinham acesso a uma escola técnico-profissional, e cada vez mais piorava o ensino fundamental. Ou seja, era quase que um descaso com a formação da futura geração deste país.

Nós temos consciência de que ainda falta muito para atingirmos a meta que precisamos atingir. Nós temos consciência de que já foram dados passos extremamente importantes. No governo passado, quando se trabalhou a universalização do ensino fundamental, foi um passo importante, colocar todas as crianças nas escolas. Mas ao colocar todas as crianças na escola, aconteceu um fenômeno: quando as crianças chegavam ao 2º grau não tinha vaga para as crianças estudarem, porque todas as crianças estavam no ensino fundamental. E, ao mesmo tempo, quando esses jovens chegavam ao 2º grau, muitas vezes saíam sem ter aprendido uma profissão. E todo mundo sabe que se rico não precisa trabalhar com 17 ou 18 anos, pobre precisa trabalhar para ajudar no orçamento familiar, precisa ajudar a família a sobreviver.

Pois bem, nós, quando chegamos no governo, tinha uma lei... E eu



quero, cumprimentando todos os deputados que votaram favoravelmente, cumprimentar em especial o companheiro Magela que foi o relator da lei que restituiu as escolas técnicas no Brasil. Porque houve um momento em que pensaram que não era mais da responsabilidade do governo federal fazer escolas técnicas, que era por conta de ONGs, por conta de prefeituras, sem lembrar que nós precisaríamos passar o dinheiro para que essas prefeituras fizessem.

A primeira surpresa que eu tive, Governador, é que nós fomos a Itu federalizar uma escola, e vários sindicatos que tinham feito parcerias para construir escolas técnicas vieram pedir para mim se eu não poderia assumir as escolas deles, porque eles não tinham dinheiro para tocar a escola. Nós resolvemos federalizar algumas, mas resolvemos mudar a lei para que a gente pudesse construir aquelas que faltavam no Brasil. Prestem atenção nos dados que o Fernando Haddad disse. Quando o Nilo Peçanha fez a primeira escola, em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro... Passaram-se até agora cem anos. Se cada presidente da República que veio presidir o Brasil, de 1909 até agora, se cada um tivesse feito 20 ou 30, nós teríamos por volta de 500 escolas técnicas no Brasil. Conclusão: quando nós chegamos no governo, tinha apenas 140. Nós vamos entregar, no dia 31 de dezembro de 2010, o Brasil com 314 escolas técnicas profissionais, mesmo sabendo que ainda é pouco.

É preciso que as escolas técnicas formem jovens para o mercado de trabalho, porque o avanço que nós queremos ter na agricultura brasileira passa por assistência técnica, sobretudo se a gente quiser fomentar a chamada agricultura familiar no Brasil, que é responsável pela produção de 70% dos alimentos que nós consumimos no País. O agronegócio tem dinheiro e pode, através da Embrapa, contratar técnicos das universidades para ajudá-lo, mas a pequena propriedade brasileira, se a gente pegar até cem hectares, vai



precisar de milhares de jovens formados como técnicos agrícolas para que a gente possa aumentar a produção.

Só para dar um exemplo aqui, Fernando Haddad: nos Estados Unidos, um pequeno produtor rural... A agricultura familiar lá produz, em média, nove litros de leite por cada vaca/dia. Aqui no Brasil, nós estamos em quatro litros de leite cada vaca/dia. Significa que a capacidade que nós temos de aumentar a produção é quase infinita. O que nós precisamos é apenas preparar os homens e as mulheres que vão ter conhecimento técnico, para que a gente possa aumentar a produção no nosso país, gerar empregos, gerar distribuição de renda e novas escolas técnicas.

Eu queria agradecer aos companheiros que aqui ficaram vendo esta escola minguar, porque esta escola foi sendo deteriorada e aqui, às vezes, para comprar um remédiozinho para um animal era do salário dos professores. Fernando Haddad, até... Eu vou te dizer de onde veio dinheiro para ajudar... Por exemplo, o que estava deteriorado aqui? Professores e funcionários desestimulados, prédios em péssimo estado. Por isso o esforço desta comunidade foi extraordinário, desde a colaboração financeira da Associação de Pais e Mestres para financiar o básico até gastos extras, como compra de adubo, defensivos agrícolas e remédios para animais, financiados pelo salário dos abnegados funcionários e funcionárias desta escola técnica.

Nós já investimos aqui R\$ 3 milhões e 670 mil para deixar isto do jeito que está, mas falta alguma coisa ainda. Eu notei que tem lugar para os estudantes dormirem, mas só para homens, por enquanto. É preciso que a gente termine – acho que está terminando – para que a gente dê oportunidade de as meninas que moram longe e que querem dormir aqui, que tenham o dormitório feminino para que elas possam dormir e aproveitar melhor o tempo de estudo. É importante dizer para os meninos e para as meninas que nós vamos nomear um conjunto de pais e mães para ficarem em uma cerca divisória, para não permitir que vocês cometam qualquer arte.



A segunda coisa importante que um dia como este merece dizer... O Fernando Haddad já disse uma coisa importante. Onde eram as universidades federais do nosso país? Normalmente, a universidade federal era na capital de cada estado ou no máximo em uma região importante do estado. Juscelino, Governador – você, como mineiro, sabe disso e o Paulo Octávio, como genro, sabe disso – foi o primeiro presidente a ter a visão de interiorizar universidades. Só Minas Gerais ganhou dez, dentre as quais acho que Itajubá permitiu que você se formasse engenheiro lá no estado de Minas Gerais. Mas era raríssimo. Com exceção de Minas Gerais, a gente não tinha universidade. Só para vocês terem idéia, São Paulo não tinha universidade federal. São Paulo tinha a Unicamp, São Paulo tinha qual mais? USP e Unesp. A primeira federal foi construída há uns 20 anos, que foi a Universidade Federal de São Carlos.

Agora, nós resolvemos construir uma em Osasco, uma em Santo André, uma em São Bernardo, uma em Santos, uma em Diadema. Tudo isso, para que a gente possa garantir que as pessoas que moram nos grandes centros urbanos, que são as pessoas pobres que trabalham para sobreviver, na hora de entrar na universidade, elas não podem entrar na federal, elas são obrigadas a entrar na particular. Até aí, tudo bem. Fez vestibular e não passou, passou na particular, vai na particular. Onde está o impeditivo? É que se um pobre quiser estudar Medicina, vai pagar R\$ 2.500 de mensalidade e não vai poder pagar. Se quiser estudar Engenharia... Você vai ver um curso, por mais simples que seja, vai custar R\$ 800, R\$ 900, e isso impossibilita muitos jovens de entrar na escola.

É por isso que além das universidades novas que nós estamos fazendo, nós estamos fazendo 95 extensões universitárias, tirando das capitais, levando para as cidades do interior, para que o jovem do interior não precise ir à capital para fazer um curso. Na sua própria cidade ou na sua própria região, ele vai poder estudar.

O que eu espero que aconteça no Brasil? Possivelmente, eu não veja



isso na minha geração, mas se daqui para a frente, os governantes que vierem a governar o Brasil e as cidades esquecerem que as divergências políticas acontecem até o dia da eleição, terminou a eleição, alguém ganhou e alguém perdeu. Quem perdeu e quem ganhou têm a responsabilidade de trabalhar para que o País dê um salto de qualidade. Hoje, o que acontece? Eu sou de um partido, o Arruda é de outro, o Serra é de outro, o Eduardo Campos, de Pernambuco, é de outro. Se a gente não assumir a responsabilidade de que a gente tem a vida inteira para brigar, que temos apenas quatro anos para governar, e que a gente tem que governar junto, quem perde é a sociedade.

Uma coisa, sobretudo, para formar politicamente a nova juventude, uma coisa importante. O Arruda pertence a um partido e eu pertencço a outro, agora ele é governador e eu sou presidente. Se eu colocar isso na minha cabeça, que o Arruda pertence a um partido que não é o meu e, portanto, eu não vou passar dinheiro para ele, não vou ajudar, quem é que perde? Não é ele que perde. Quem perde são os moradores de Brasília. Da mesma forma que se eu pedir para o Arruda fazer um projeto para fazer um investimento aqui, meio a meio, o que acontece? Se ele tiver má vontade e falar: “Eu não vou fazer, porque eu não vou permitir que esse tal de Lula entre em Brasília”. Quem é que perde? É o Lula? Não. Quem perde é o povo de Brasília.

Então, eu acho, companheiros, companheiras e estudantes do meu querido Brasil e de Planaltina, que nós precisamos ter uma evolução política. Nós temos que saber a época de brigar, a época de disputar e saber a época de governar. Da minha parte, eu só peço a Deus que daqui para a frente, durante uns 15, 20 ou 30 anos, os governantes que forem eleitos neste país tenham juízo para perceber que a briga, muitas vezes intestina, que nós fazemos, é o que mostra o atraso deste país, é o que mostra ainda ter tantos analfabetos, é o que mostra ter gente tão pouco formada neste país.

Então, eu acho, meu companheiro Arruda, Paulo Octávio, deputados e meu Ministro da Educação, que este gesto aqui é mais do que inaugurar uma



escola técnica que estava praticamente abandonada, feita por Juscelino, em 1958. O gesto nosso, aqui, é dizer para essa menina: acreditem em uma coisa, o Brasil não tem retorno. Não há crise econômica que possa garantir que a gente tire um centavo da educação brasileira. Não há crise econômica que permita que a gente pare as obras importantes que estamos fazendo.

E eu penso assim – e aí é importante vocês saberem – exatamente porque quando eu tinha a idade de vocês, eu não tive a oportunidade que vocês estão tendo. A minha geração certamente não teve, porque naquele tempo, quanto mais dinheiro tivesse, mais chance de estudar. E se tem uma coisa que a gente precisa criar igualdade é na educação. A educação brasileira, ela só vai ser boa e respeitada quando em um banco de uma escola estiver o filho da empregada doméstica e o filho da patroa, quando estiver o filho do dono da empresa e o seu empregado no mesmo banco da escola. Aí, nós vamos poder garantir que a educação é de qualidade.

Enquanto tiver essa divisão social em que o pobre estuda em escola pública sem qualidade, e o rico estuda em escola particular de qualidade, no ensino fundamental; e no ensino universitário o rico, que estudou pagando no ensino fundamental, vai para a escola de graça, e o pobre, que não tem o que pagar, vai para a escola pagando... é uma inversão de valores que nós queremos acabar.

Por isso, eu queria dizer ao companheiro Fernando Haddad: eu sou muito grato pela sua presença no Ministério da Educação. Porque a idéia do ProUni é deste homem, e graças ao ProUni, este ano nós vamos ter os primeiros 56 mil jovens brasileiros se formando em universidades brasileiras. Ao todo, já são 500 mil jovens no ProUni. E eu acho que eu sei de uma conversa que você teve com alguns companheiros, se a gente tomar novas medidas, a gente vai poder colocar, em vez de 500 mil, 1 milhão de jovens. Se a gente imaginar as universidades federais que estamos fazendo, e as extensões universitárias, possivelmente a gente consiga recuperar mais



rapidamente o tempo perdido.

Por isso, meu companheiro Fernando Haddad, eu quero te cumprimentar neste momento em que estamos inaugurando a primeira escola técnica de 2009. A partir de agora até dezembro, nós temos 100 para inaugurar e vamos inaugurar todas, para desgraça de alguns. Porque tem gente que já está na escola, e quando a gente cria facilidade para os que não estão entrarem, a pessoa fica dizendo: “Mas o governo está privatizando o ensino, o governo está ajudando escola particular, o governo...”. Ou seja, na verdade, eu vou dizer uma coisa para vocês: podem gritar do jeito que quiserem, mas eu sei o que não é ter chegado em uma universidade, eu sei o tanto que a minha mãe sonhava que eu chegasse à universidade, e o máximo que eu cheguei foi a um curso no Senai. Graças a isso, eu cheguei à Presidência da República. Mas eu não cheguei à Presidência da República só por causa do curso do Senai, eu cheguei porque vocês também aumentaram a consciência de vocês e não permitiram que o povo fosse mais utilizado como massa de manobra.

Meus agradecimentos ao Governador, ao Fernando Haddad, aos deputados, e sobretudo a vocês.

Quando for inaugurar o dormitório das meninas, eu estarei convidado aqui para certificar a divisão que vai existir e o controle que os pais vão ter que fazer.

Um abraço e boa sorte para vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega do Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social

Palácio do Planalto, 17 de fevereiro de 2009

Eu fiz a pergunta para o companheiro Orlando porque quando nós fomos a São Paulo, num acordo que nós fizemos lá, na área de esporte, eu saí dali convencido de que se a gente pactuar com cada governo de estado e com cada município brasileiro, é possível que não fique tão caro para o Ministério do Esporte. É possível que se cada um colocar um pouco de dinheiro a gente possa construir muitos centros como este pelo Brasil inteiro.

Nós temos um problema, antes de eu fazer o meu discurso. O meu discurso está por escrito, pedi para o Orlando fazer uma revisão ali, parece que ele já falou metade do que eu vou falar, mas dizem que palavra de Presidente vale mais do que a palavra de Ministro, então vocês prestem mais atenção no que eu vou falar.

O problema, Orlando e companheiros, é que eu, particularmente, sou um homem convencido de que tem dois instrumentos, na verdade três instrumentos, que a gente pode utilizar para combater os males da sociedade que todo dia a gente vê na imprensa, que nós falamos, ou seja, a violência, a droga, muitas vezes a violência de uma criança dentro de casa... É porque as cidades brasileiras não estão preparadas para a sua própria juventude, ou seja, as áreas de lazer, mesmo quando as escolas têm uma quadrinha de... porque normalmente as escolas que falam que têm praça de esporte, é uma quadrinha, uma quadrinha só, mas não tem professor de educação física, então você fica pela metade.

Eu estou convencido de que a cultura e o esporte são dois instrumentos excepcionais pelos quais a gente pode, de forma saudável, ensinar e cansar as



nossas crianças, os nossos adolescentes, para que eles não pensem em nenhuma arte fora daquela do esporte que ele praticou durante o dia ou durante a noite.

Eu, desde quando era um simples morador de São Bernardo do Campo, eu via aquela quantidade de campos de futebol que a gente tinha na época – hoje tem menos – e aqueles campos funcionavam uma vez, no domingo de manhã, quando o clube ia jogar, e ficavam a semana inteira à noite, com mulheres e homens querendo ter um espaço para treinar e as prefeituras, em vez de disponibilizarem dois ou três professores e professoras para treinar adulto, treinar a terceira idade, como eu, treinar crianças, ou seja, fazer as pessoas se mexerem aprendendo alguma coisa boa...

Na verdade, é mais do que um pouco de dinheiro, viu Orlando? É a gente estabelecer uma nova dinâmica entre prefeitos, governos estaduais e governo federal, para que as coisas saiam de verdade. Eu, agora mesmo, fui a Planaltina inaugurar aquela escola técnica que tem lá, que estava abandonada. Ela foi criada pelo Juscelino Kubitschek e hoje, dia 17, completa 50 anos, e tem lá duas quadras de esporte, agora, de cima a gente vê que elas estavam abandonadas.

Então, não basta ter. É preciso que a gente crie mecanismos de a prefeitura se associar à comunidade e colocar a própria comunidade para ajudar a ser a motivadora e a organizadora de funcionamento dessas coisas, porque senão as coisas não funcionam. A gente coloca, se tem um secretário interessado as coisas funcionam, se tem um interessado que o forte dele não é aquilo, aquilo fica para as calendas até o sol e a chuva tomarem conta.

Como eu acredito que nós estamos vivendo um momento importante no Brasil, que é o momento em que nós estamos nos descobrindo para aperfeiçoar as coisas que já existem e tentar fazer as coisas que ainda precisam ser feitas... e é por isso que este prêmio foi criado, é exatamente para a gente criar a motivação naquelas pessoas que antes, no seu anonimato,



dedicavam parte do seu esforço cotidiano para fazer as coisas extraordinárias que serviram de motivo para a premiação de vocês. Certamente ainda não se inscreveu a quantidade de pessoas que nós gostaríamos que tivessem se inscrito, não participou a quantidade de municípios e de estados que nós gostaríamos que participassem, mas é assim mesmo. Tem sempre a primeira vez em que a gente começa. Essa primeira vez vai servir de inspiração, vai servir de motivação, e eu penso que... não sei se foi falado aqui, mas no meu discurso tinha que a premiação tinha uma importância em dinheiro, e eu não vi ninguém entregar cheque para ninguém aqui. Vocês cobrem, cobrem, porque daqui a pouco a gente vai contingenciar o orçamento e não sobra dinheiro para dar o prêmio que foi prometido a vocês.

Eu acho que, Orlando, nesta troca de gentilezas aqui, eu percebi uma coisa meio, eu diria, perigosa. Os homens, quando vieram aqui e receberam o prêmio de homens, estendiam a mão de rosto virado e voltava. Mas quando pegaram a Dilma e a Marisa, os “bichinhos” colocavam o braço e não largavam mais.

O que eu achei extremamente importante foi a idéia da criação do prêmio. Eu me lembro... Eu vou contar uma coisa para vocês, porque tem um paralelo. Eu me lembro que quando nós, em 2004... o ministro Fernando Haddad estava aqui e o ministro Fernando Haddad pode ser seu parceiro neste negócio aqui, porque cada escola técnica que a gente está construindo, nós temos a responsabilidade de fazer uma coisa bonita, funcional. Tem que ter lá o professor de Educação Física, tem que ter a professora. Sempre em par, trabalhando, é melhor do que *solito* ou em dois do mesmo sexo. É melhor sempre... Já que as mulheres são maioria na sociedade, portanto elas têm que ter uma participação maior no mercado de trabalho.

Essa é uma coisa importante porque quando nós criamos a Olimpíada da Matemática, que hoje é a maior do mundo, é importante dizer para vocês. Em 2004, quando nós... eu recebi pela primeira vez os premiados da Olimpíada



da Matemática, nós tínhamos Olimpíada da Matemática somente em escolas privadas. Raramente uma escola pública participava da Olimpíada da Matemática, e nós tínhamos apenas 274 mil alunos no Brasil inteiro.

Quando nós decidimos fazer na escola pública, muita gente disse: “Não vale a pena, estudante de escola pública não vai se interessar, não vai participar”. É da 5ª série até o 2º grau, é isso? Da 5ª série até o 2º grau. No ano que vem vai fazer para a 4ª série também? Vamos fazer para a 4ª série também. O que aconteceu? Quando nós anunciamos, em 2004, em 2005 já se inscreveram dez milhões de crianças e adolescentes. A maior que nós tínhamos no mundo era a americana, com sete milhões.

No nosso primeiro ano se inscreveram dez milhões de crianças e adolescentes. A segunda foi em 2006. Em 2006 tinha eleição para Presidente da República e a Justiça Eleitoral tomou a decisão de não permitir que nós fizéssemos um único cartaz para colocar na escola, sem colocar nome do governo, sem colocar nada, apenas pedindo para as crianças se inscreverem para participar da Olimpíada. Foi proibido. Nós até pensamos: vai ser um fracasso porque ninguém está sabendo. Sabem quantas se inscreveram? Quatorze milhões e meio de crianças para participar. Agora a última, vou antecipar... Na última se inscreveram 18 milhões e 300 mil crianças, das quais 3 mil foram premiadas, das quais 300 são medalha de ouro. Vejam a contradição entre a teoria e a prática. Aqueles que não acreditavam que uma escola pública pudesse motivar um aluno a participar da Olimpíada, é exatamente na Vila Rica, em São Paulo, que tem um menino que ganhou nas quatro Olimpíadas, quatro medalhas de ouro. A paixão pelas crianças se inscreverem, pelos adolescentes, é extraordinária.

Mas nós demos um passo mais importante: fizemos a Olimpíada de Português. Todo mundo dizia que ia ser um fracasso. A gente não tem um instituto de Português como a gente tem de Matemática Aplicada, mas nós fizemos a Olimpíada de Português, numa parceria com a Fundação Itaú, que



tinha uma experiência de um programa deles. Sabem quantas crianças participaram? Seis milhões de crianças se inscreveram. E para o próximo ano, nós vamos fazer a primeira Olimpíada de Ciências, que são as matérias que nós achamos que as crianças precisam estar muito motivadas.

Por que eu estou fazendo a ligação de tudo isso com o que nós estamos fazendo aqui hoje, com a entrega deste prêmio? É porque é a primeira vez. Na medida em que a gente divulgue isto corretamente por todos os quase seis mil municípios brasileiros, na medida em que a gente divulgue isto nas universidades brasileiras, na medida em que a gente divulgue isto nas escolas técnicas brasileiras, na medida em que a gente divulgue isto para os prefeitos, para os governadores, no próximo ano, Orlando, certamente terá muito mais gente inscrita. Nós, obviamente, não poderemos aumentar muito o prêmio porque o dinheiro é curto para dar prêmio. Mas, certamente, o que está acontecendo hoje aqui será um instrumento mobilizador de forma extraordinária, para que a gente valorize o profissional, para que a gente valorize a diversidade da prática de esportes. Todos eles, indistintamente, têm que ter como finalidade principal a inclusão social, ou seja, a conquista da cidadania para as pessoas se sentirem reconhecidas pelos poderes públicos, em primeiro lugar, valorizadas profissionalmente, ganhando um salário que seja digno.

Eu me lembro que nesta semana eu fiz a reunião dos prefeitos aí, eu até conversei com as primeiras-damas, porque teve alguns prefeitos que se queixaram de que o piso salarial dos professores é alto demais e eles não podem pagar. Depois eu fui a uma reunião com as mulheres dos prefeitos e perguntei: escutem aqui, companheiras primeiras-damas, vocês acham que 900 e poucos reais de piso salarial para uma professora é muito? Como eu acho que a maioria das primeiras-damas eram professoras, disseram que não, que elas querem mais. Então, os prefeitos agora vão ter que trabalhar para atender a demanda das suas primeiras-damas, que eu acho extremamente



importante.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que nós estamos vivendo... nós temos aí uma meia década pela frente, excepcional para o Brasil. Primeiro, nós temos a Copa do Mundo agora em 2014, que será um fator mobilizador extraordinário, e estamos pleiteando as Olimpíadas para 2016, o que será uma outra coisa extraordinária. Não é o que vai acontecer no dia que é importante. É o que vai acontecer três anos antes, é o que vai acontecer quatro anos antes, porque nós temos que fazer toda uma preparação, pensando que essa preparação não é apenas para atender os atletas que vierem aqui. É para atender o povo brasileiro que vai ficar neste país e que precisa usufruir dessas coisas importantes.

Então, Orlando, eu acho que você precisa construir mais parcerias com novos ministros, sobretudo você precisa construir uma parceria com o Ministério da Fazenda, com o Ministério do Planejamento e com a Casa Civil, porque você fica fazendo convênio com os ministros de ponta, se não passar pelos “ministros-meio”, as coisas ficam mais difíceis.

Por último, dar os parabéns a vocês. Dar os parabéns a vocês porque... o Patrus, sobretudo, que cuida da fome no Brasil, ele está doído para que a molecada pratique esportes, porque quanto mais esporte, mais fome, quanto mais fome, mais comem.

No mais, [quero] parabenizar os premiados, porque eu acho que vocês, a partir de hoje, passam a ser uma espécie de paradigma para as outras pessoas que queiram tentar mostrar que é possível fazer a diferença. Uma coisa é o dinheiro, outra coisa é a estrutura, mas outra coisa é a vontade pessoal de a gente fazer, “eu vou fazer”, e fazer as coisas acontecerem.

Para terminar, o primeiro companheiro de Pernambuco que recebeu o prêmio das mãos da nossa secretária, da Regiane... o primeiro companheiro que veio aqui, acanhado, [com] vergonha, primeira vez no Palácio do Planalto, uma mulher na frente dele, o Presidente ali atrás, ele então pegou o prêmio e



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

saiu correndo, não saiu nem na foto direito. Então, eu queria que você voltasse aqui para tirar a foto dignamente.

E no mais, muito obrigado a vocês, gente. Valeu.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Linha de Transmissão Desterro-Palhoça
Florianópolis-SC, 27 de fevereiro de 2009**

Realmente, o povo brasileiro merece ser homenageado, porque com a fome que muitos devem estar aqui, ainda estar com esse ânimo todo... Eu quero agradecer a vocês a paciência.

Mas eu quero cumprimentar o nosso governador Luiz Henrique e, cumprimentando a ele e ao prefeito de Florianópolis, quero cumprimentar todos os companheiros prefeitos, diretores da Eletrobrás, diretores da Eletrosul, ministros que me acompanham aqui, porque eu quero economizar nas palavras, e dizer para vocês porque eu tomei a decisão de vir a Florianópolis hoje. Esta obra, que começou a funcionar no dia 28 de dezembro do ano passado, tem uma importância excepcional para o estado de Santa Catarina mas, sobretudo, para Florianópolis. Mas ela tem um significado político muito forte para mim, acho que para a companheira Dilma, para o companheiro Governador, para o Lobão e, sobretudo, para aqueles da Eletrosul que trabalharam nesta obra.

Foi uma das obras mais demoradas para que nós conseguíssemos licença ambiental para construir esta obra. Não eram fáceis as discussões que nós fazíamos lá na mesa da Presidência da República, depois no Ministério de Minas e Energia, depois na Casa Civil. E quem está no governo, quem tem a tarefa de executar uma obra, sempre fica irritado quando tem algum empecilho. Mas, muitas vezes nós temos que agradecer também a esses empecilhos, porque também a culpa não é da pessoa que cria o empecilho, a culpa é da legislação que nós mesmos fizemos para este país e que, muitas vezes, ela se torna impeditiva das coisas acontecerem.

Eu dizia ao governador Luiz Henrique: nós estamos vivendo um



momento que se um governador de estado ganhar as eleições, ou um presidente da República, e ele não tiver uma prateleira de projetos, ele é capaz de terminar o mandato sem fazer nenhuma grande obra de infraestrutura. E não precisa aqui ficar analisando profundamente. É só ver, depois do governo Geisel, qual a obra de infraestrutura que foi feita neste país.

Obviamente que eu não gostaria que Itaipu tivesse alagado Sete Quedas, de tão bonito que era aquilo lá. Era possível que naquele tempo, se houvesse a consciência que tem hoje, nós tivéssemos encontrado um outro jeito de fazer a mesma produção de energia sem alagar Sete Quedas.

Mas a verdade é que hoje a grande discussão que nós temos é de colocar na mesa como fazer as coisas acontecerem. Eu me lembro de uma estrada que é feita aqui, em Florianópolis, que vai do centro da cidade até o aeroporto, não acabou ainda aquilo lá. Não acabou. Eu vim aqui no tempo de sindicalista e aquilo já estava começando. Eu já deixei de ser sindicalista, já perdi três eleições para presidente da República, ganhei duas, e ainda não está pronta. A Inglaterra e a França começaram a fazer o Eurotúnel depois de nós, Luiz Henrique, e já inauguraram um túnel de 60 Km entre a Inglaterra e a França, e nós não conseguimos fazer... Quantos quilômetros? É mole?

Então, vejam, é preciso que a gente encontre uma solução porque não é racional que uma coisa fique tantos anos numa demanda, numa briga entre setores, entre agentes, entre partes interessadas, e a gente não dar uma solução: ou pode ou não pode. Se não pode, [se] o governo do estado não tem dinheiro para fazer o novo aeroporto, [e se] o governo federal não tem, então vamos dizer ao povo: não tem aeroporto porque não é possível fazer estrada, ou não dá para mudar.

Esse linhão aqui, meus filhos, demorou tanto, porque havia a compreensão de que os cabos não poderiam passar por debaixo d'água, depois havia a compreensão de que as linhas não poderiam passar pela Mata Atlântica. E eu falava: está desgraçado. Se não pode passar por baixo, nem



pode passar por cima, onde eu vou passar esse negócio? Por Deus do céu que eu quase que desço, mergulhando, para perguntar para os peixes: Tem alguma coisinha contra, aqui? Esse cabo vai atrapalhar vocês? Permitam. Vai haver... Mas as pessoas que criaram caso são menos culpadas. Culpada é a legislação que nós fazemos, quando estamos no Congresso Nacional, porque lá nós agimos como se fôssemos suíços e não damos sequer garantia ao companheiro que vai liberar uma obra. Porque se ele a liberar e o Ministério Público não concordar, ele é processado, seus bens são disponibilizados e ele ainda tem que colocar dinheiro do seu bolso para pagar advogado. Então, fica tudo muito difícil.

E o que pensa um servidor, muitas vezes bem-intencionado, com vontade de ajudar? Ele fala: “Bom, está aqui esse Luiz Henrique quatro anos, está esse tal de Lula quatro anos, eles querem fazer, mas eles passam logo. Eu sou de carreira, vou ficar a vida inteira. Eu não faço com eles, faço com outro, ou faço com outro, ou faço com outro”. E assim a vida vai sendo tocada. A vida vai sendo tocada e a gente percebe que uma coisa que poderia ter sido simples demorou três anos para a gente conseguir começar a fazer.

É uma obra bem-feita, engenharia tecnicamente perfeita. Eu vi até os cabos afundados um pouco dentro da areia no mar. Portanto, não vai atrapalhar nenhum peixinho, todo mundo vai transitar, lagosta, camarão, ali vai todo mundo transitar normalmente, fazer a sua festa sem intromissão do ser humano e, muito menos, dos cabos da Eletrosul.

As torres, eu também sobrevoei de helicóptero, é uma obra-prima o fato de a gente ter feito as torres lá, levar de helicóptero. Agora, todo mundo tem que saber que aquilo tem um pouquinho mais de custo e que quem paga é o consumidor brasileiro. Todo mundo tem que saber, porque cada vez que custa mais a obra, mais a gente tem que repassar para o consumidor. É assim que faz a Eletrosul, é assim que faz a Eletronorte, é assim que faz a Eletrobrás, é assim que faz todo mundo. Mas está uma obra, do ponto de vista de



engenharia, perfeita.

Eu, que sofri já, recém-eleito, um apagão, recebi o Luiz Henrique duas vezes para se queixar do apagão, fico extremamente feliz de poder passar para a história como o Presidente da República que, junto com o governo do estado, com a Eletrosul, com a Eletrobrás, garantimos que nos próximos 30, 40 anos Florianópolis não vai ter problema de apagão. Obviamente que sempre temos que (incompreensível), porque o pessoal me mostrou aqui o centro de operações, é tudo tão moderno que eu penso que nunca vai acontecer nada mesmo. Um tal de um homem sentado numa cadeira, um tal de um painel cheio de coisas, de bolinhas, com um tanto de computadores na frente dele, e ele falou que qualquer coisa que aconteça, em qualquer lugar, ele sabe na hora. Imaginem no nosso tempo, que a gente tinha que sair a cavalo atrás de procurar o lugar que tinha quebrado. E o que é mais importante: tecnologia eminentemente brasileira.

Então, eu não poderia deixar de vir aqui, Luiz Henrique, para participar deste momento, porque se o governo não vier nas coisas boas, nas coisas ruins ele vem, mesmo que não esteja presente. É, a gente não está presente aqui, mas está presente nas páginas dos jornais, na televisão, no rádio, se as coisas derem errado, porque quando acontece alguma coisa errada, nós temos que encontrar um culpado rapidamente: começa com o prefeito, passa para o governador, passa para o Presidente da República e, quando chega lá em cima não tem retorno, não tem para quem repassar. Não tenho. O bispo da igreja católica ainda passa para o Papa. Nem para o Obama eu posso passar, porque o Obama é mais novo do que eu, menos experiente do que eu, então eu tenho que ficar com as minhas agonias.

O fato concreto é que o que nós fizemos nesses últimos cinco anos vai ser reconhecido por esta meninada que está aqui na frente. Os meninos que têm 18 anos, 19 anos vão reconhecer o que está sendo feito. Primeiro, a recuperação da Eletrobrás. A Eletrobrás foi uma empresa desmontada.



Desmontada, porque o objetivo era privatizar. Nós decidimos transformar a Eletrobrás numa megaempresa brasileira que conquiste no mundo a mesma respeitabilidade da Petrobras, que possa tomar dinheiro emprestado lá fora para fazer obras.

Agora eu fiquei sabendo, Dilma, porque o Luiz Henrique me disse, que eu precisava tomar providências porque o BNDES não empresta dinheiro para empresas estatais do setor elétrico. Veja, não é possível. É uma decisão que a gente passa o mandato e não percebe, se alguém não avisa. E só pode avisar alguém que está tomando dinheiro emprestado e foi negado, o que é um absurdo. Essa lógica valia no tempo em que o governo queria que as empresas públicas quebrassem para poder justificar a privatização. Mas para quem quer recuperar as empresas... E não é possível, também acabou o tempo em que o BNDES não tinha dinheiro. Nós acabamos de passar R\$ 100 bilhões para o BNDES fazer investimentos. Então, esse vai deixar de ser um problema, porque não é possível, nós não podíamos nem participar de licitação, era proibido as empresas públicas participarem de licitação. Qual era o objetivo? Quebrar as empresas públicas, para a gente ficar ouvindo todo dia: “A iniciativa privada é eficiente, a pública não vale nada”. Não é isso que a gente ouviu durante 20 anos neste país?

Agora que os especialistas do mercado mundial quebraram nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha, na França e no mundo inteiro, bancos que apareciam nos índices de “fortaleza econômica” com uma pizza deste tamanho, um gráfico desta altura, hoje as suas ações valem menos do que qualquer coisa no mundo, porque foram irresponsáveis, especularam, ganharam dinheiro sem produzir um parafuso ou uma porca. E agora quem vai salvá-los é o Estado, que não prestava. É o Estado, que não valia para nada, que eles querem agora que coloque dinheiro.

Olhem, eu penso que quem já passou fome até agora pode agüentar mais um pouquinho. Quando eu era mais novo, eu enchia a barriga de



palavras. Por favor, não comam muito, porque pode dar indigestão em vocês.

Eu penso que o momento que nós estamos vivendo é um momento de refazer as coisas que precisam ser feitas. Eu estou convencido de que no dia 2 de abril, quando estivermos em Londres para discutir com o G-20 qual a regulação que vamos criar para o sistema financeiro internacional, certamente dessa decisão tem que sair alguma coisa muito forte. Porque não é possível que todo e qualquer cidadão preste contas à sociedade, e o sistema financeiro internacional não prestava conta. E é muito interessante, gente, como é que eles sabiam dar palpites quando era o Brasil que estava em crise. Eu nunca vi tanta gente esperta para descer no aeroporto de Cumbica ou no aeroporto do Rio de Janeiro já dando palpite: “o governo tem que fazer isso, o ministro tem que fazer aquilo, o banco tem que fazer aquilo, tem que evitar tal obra, tem que fazer ajuste fiscal”. Era como se nós fôssemos um bando de analfabetos e eles fossem graduados, doutorados em ensinar como é que a gente tinha que cuidar da nossa economia. Pois bem, hoje o nosso humilde Brasil, tantas vezes achincalhado por nós mesmos, porque no Brasil tem um tipo de gente que adora puxar o saco de coisa estrangeira e falar mal de coisa brasileira, tem um tipo de gente que é especialista em falar: “fulano de tal é que sabe, nós não sabemos nada. A universidade tal é que é boa, a nossa não vale nada”. E vai por aí afora.

Ou seja, este país tão humilde e tão achincalhado, quando sentar à mesa do G-20 certamente será um dos países que terá mais autoridade moral para falar como se cuida de um país. Lógico que nós temos problemas, temos problemas porque não estamos isolados no mundo, mas não podemos aceitar o protecionismo daqueles que há 20 anos diziam que era preciso acabar com o protecionismo e criar o livre mercado. Não podemos aceitar a idéia daqueles que pregaram o livre mercado durante 30 anos, agora dizer: “Temos que fazer proteção para garantir o nosso emprego, para garantir o nosso aço, para garantir as nossas casas”. Não. Vamos jogar o jogo sério. Até porque os



grandes estão com uma crise maior que os pequenos, mas os pequenos sofrem mais porque são mais pobres. Os grandes vão deixar de comer um bife, e os pobres não vão comer nada. Por isso é que nós vamos ter que, com muita força, mudar e levar o Brasil como exemplo.

O Brasil hoje tem uma solidez que outros países não têm. Graças a Deus, nós não privatizamos o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, o BNDES, o BNB, o Basa. Pegamos o Besc para o Banco do Brasil, para torná-lo o banco mais forte deste país, porque se os Estados Unidos ou a Alemanha tivessem 50% do crédito interno de bancos públicos, certamente, eles não estariam passando pela crise que estão passando por falta de crédito. O dinheiro desapareceu do mercado. E o pouco que tem está muito caro.

Eu, particularmente, estou mais otimista do que sempre estive, ou seja, não adianta alguém tentar... Hoje eu vi um jornal que publica uma foto minha rindo, com a Dilma, e fala: “do que estão rindo?”. Eu, da próxima vez, vou aparecer chorando, que é para ele publicar: “Por que não ri?”.

Eu sou um homem que tem razões de sobra para estar feliz, tem razões de sobra. Isso que nós viemos fazer aqui e o linhão que anunciamos ontem em Brasília vão permitir que, ao terminar o meu mandato em 2010, em oito anos a gente tenha feito, de linhas de transmissão, 42% de tudo o que foi feito em 125 anos neste país. Os que querem que eu apareça triste vão sofrer muito, porque este ano eu vou inaugurar neste país cem escolas técnicas novas, cem. É importante lembrar que de 1909 a 2003 foram feitas 140. Em um ano, nós vamos inaugurar cem e no mandato inteiro serão 214 escolas técnicas feitas a mais neste país. Está aqui o nosso reitor, o nosso reitor da universidade estava por aqui. Ele sabe há quantos anos não tinha uma extensão universitária em Santa Catarina, estamos levando para três novas cidades extensões universitárias. Ele sabe o que significa o Reuni. Só para vocês terem idéia: o Brasil renovava, nas universidades federais, apenas 113 mil vagas por ano. Este ano, renovamos mais de 300 mil novas vagas na universidade federal. E



vamos fazer mais. Este ano... não sei se vocês viram aquela propaganda do Ministério da Educação, na televisão, em que aparece uma estudante negra do ProUni, formada em medicina. Não é apenas aquela. Só este ano são 56 mil jovens os primeiros que se formam pelo ProUni. E desses 56 mil jovens 40% são negros.

Bem, eu estou dizendo isso porque quem vier a partir da nossa geração, Luiz Henrique, tem um outro paradigma. Até outro dia, um presidente chegava no governo e olhava: o que foi feito no outro? Nada. Aí o compromisso dele era pouco. Mas hoje, quem vier depois de nós vai falar: “Puxa vida, eu vou ter que trabalhar”, porque o paradigma é outro, é outro em obra de saneamento básico, é outro em habitação popular, é outro em estradas. É só pegar as estradas do Brasil. Houve momentos em que tinha gente que colocava repórteres para correrem as estradas para mostrar o buraco. Andem hoje. Podem encontrar um buraco, mas vão encontrar uns 50 mil quilômetros sem buraco neste país. Mostrem o buraco, mas mostrem que não tem buraco também.

Hoje, os pobres são menos pobres, muito menos pobres. E agora tem gente torcendo: “Puxa vida, graças a Deus vai ter um desempregozinho e aí o governo vai se ferrar”. Porque, gente, é impressionante, eu ando todo dia, vocês não vêem, mas eu coloco um galho de arruda aqui na orelha, porque o que tem de ave de mau agouro...

Obviamente que nós vamos ter problemas de alguns setores da economia. Agora, nós precisamos saber é o patamar em que nós estamos hoje. O que nós precisamos saber é que nós estamos num patamar em que, em seis anos, foram criados quase 10 milhões de novos empregos. O que nós temos que saber é que nós vamos perder emprego em um setor e vamos crescer em outro. As obras do PAC, na maioria delas, nós estamos contratando para trabalhar em dois ou três turnos, que é para gerar mais empregos, e muito mais empregos. Nós queremos é trabalhar em obras que não atrapalhem a população de dia e de noite, porque esse é o período em que nós precisamos



fazer com que haja mais oportunidades de empregos no Brasil.

Estamos preparando, certamente dentro de 15 ou 20 dias nós estaremos lançando talvez o mais ousado programa do nosso governo, que é a construção de 1 milhão de casas populares neste país. Já poderíamos ter lançado, mas não lançamos porque eu quero ser criterioso como fomos no PAC. Temos que conversar com os governadores, conversar com o movimento social, com o movimento de moradias, temos que conversar com os empresários, para que quando lançar o programa, a gente lance e ele possa começar a funcionar rapidamente. Só posso garantir para vocês que o dinheiro nós temos para fazer isso, e vamos anunciar.

Além disso, uma outra razão que me trouxe aqui é que depois eu gostaria que a ministra Dilma conversasse um pouco com a imprensa, que é uma prestação de contas daquilo que foi a ação do governo federal junto com o estadual, junto com a Casa Civil, junto com a Defesa Civil nacional, com a Defesa Civil estadual, para ver todas as coisas que estão em andamento, o que está faltando, o que não andou, o que andou, porque essa prestação de contas tem que ser uma coisa sistemática, porque nós tomamos a decisão, essa decisão está tomada, muitos dos recursos já foram disponibilizados. Agora, muitas vezes não tem projeto, e se não tiver projeto não tem como dar dinheiro, é preciso que cada um assuma a responsabilidade. Então, o que eu não quero é ninguém culpando ninguém. O que eu quero é prefeito, governador e governo federal juntos, fazendo aquilo que já está pronto para fazer e elaborando corretamente os projetos das coisas que faltam fazer.

A única coisa que, lamentavelmente, a gente não vai recuperar nunca são as vítimas da tragédia de Florianópolis, as mais de 200 vítimas que morreram ali, o que é uma coisa irrecuperável.

No mais, eu quero terminar dizendo aos companheiros de Santa Catarina... Eu já disse isso outra vez e tenho medo de dizer e causar constrangimento a outro estado. Mas quando eu soube pela primeira vez que



Florianópolis, com a quantidade de praias extraordinárias que tinha, era uma das cidades com menos tratamento de esgoto neste país e coleta, eu falei: não basta Deus dar as coisas boas para a gente, e a gente não saber cuidar direito. Deus queira que você faça os 80% e quando vier o próximo prefeito, ele faça os outros 20%, e que a gente possa anunciar ao mundo que Floripa e o estado de Santa Catarina podem estar 100% com coleta e tratamento de esgoto. Esse é um objetivo, porque se alguém tiver dúvida da beleza deste estado... A Dilma, que é gaúcha, e costuma freqüentar muito a praia de Torres, o Luiz Henrique poderia convidar a Dilma para passar três dias aqui, neste verão ainda, e fazer ela dar uma passadinha de helicóptero aqui por cima, para ela ver onde é que Deus pôs o dedo. Eu queria saber... Na divisão geográfica do Brasil teve um cara muito esperto e muito malandro porque deixou o Rio Grande do Sul grandão, o Paraná grandão, Santa Catarina pequenininha, mas dizem que os melhores perfumes estão nos pequenos frascos, e as melhores praias estão neste estado que é um dos menores da Federação. Por isso, Dilma, eu te aconselho a passar uns dois dias aqui. E digo mais: a casa de governo do estado, aqui, é uma casa para colocar inveja em qualquer presidente da República de qualquer país do mundo. Então, eu espero que ele te convide e que você aceite, para você saber por que eu estou falando bem do estado.

Um abraço. Parabéns, Eletrosul. Parabéns ao governo e parabéns a Santa Catarina.

(\$211A)